

Escritos de Colatina, vol. 1

CENTENÁRIO DE COLATINA

1921-2021



Centenário de Colatina
1921-2021

Centenário de Colatina (1921-2021) / Academia de Letras e Artes de Colatina (org.). - Colatina/ES: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

(PMC): 2021.

306p.; 21 cm. - (Escritos de Colatina, 01).

ISBN: 978-65-88674-09-3

1. Centenário de Colatina - Crônicas, poesias, ensaios, contos - Colatina (ES). 2. Literatura brasileira - Colatina (ES). I. Colatina (ES). Secretaria Municipal de Cultura. II. Academia de Letras e Artes de Colatina. III. Série.

CDD B869.852

Colatina-ES, 2021
Prefeitura Municipal de Colatina
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo
Biblioteca Municipal Thelmo Motta Costa
secultcolatina@gmail.com
cultura@colatina.es.gov.br

Escritos de Colatina
Volume 1

Centenário de Colatina
1921-2021



PREFEITURA DE
COLATINA



Prefeitura Municipal de Colatina

Prefeito

Guerino Balestrassi

Vice-Prefeito

Rogério Rezende

Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Adilson Vilaça

Conselho Editorial e Revisão

Adilson Vilaça – Breno Tardin – Danuta Margareti Zbysynski

Maria Isolina de Castro Soares – Olney Braga

Suely Selvatici Zanotelli

Criação e Edição

Adilson Vilaça

Capa, Projeto Gráfico e Editoração

Juliana Fiorot Ribeiro da Costa

(Secretaria Municipal de Comunicação)

Impresso na Gráfica

Gráfica Aquarius

Sumário

Nota do Editor.....	13
Minha doce Colatina..... <i>Adilson Vilaça</i>	15
Centenário de Colatina..... <i>Adoriz Caliarí</i>	19
Colatina, cidade minha..... <i>Adriana Moulin de Alencar Picoli</i>	21
Observo..... <i>Alcides Scarpati</i>	23
Quem fundou Colatina? Quando?..... <i>Altair Malacarne</i>	25
Um caso de amor colatinense..... <i>Amanda Lopes Ribeiro da Costa</i>	29
O apito do trem-avenida..... <i>Ana Luísa de Castro Soares</i>	33
Nossa Princesinha do Norte..... <i>Ana Luíza Hoffmann</i>	35
Colatina em festa..... <i>Ana Silva de Oliveira Lobeu</i>	37
Passado e limpo..... <i>Anderson Pereira</i>	39
Colatinense – Modéstia à parte..... <i>Antônio Achilles Alves da Silva</i>	43

Um alerta aos jovens colatinenses e a quem mais interessar.....	47
<i>Arlete Ana Corteletti Pereira</i>	
O calor como metáfora.....	51
<i>Atílio Grippa Roni</i>	
Para conhecer algo.....	53
<i>Barbara Spalemsa do Nascimento</i>	
Trova de bairros.....	55
<i>Breno Tardin Santana</i>	
A menina e o rio.....	57
<i>Carlos Pascoal do Nascimento</i>	
Centenário de Colatina: aspectos históricos e educacionais.....	59
<i>Cidimar Andreatta</i>	
Carta à Princesa do Norte.....	63
<i>Cinthia Mara Cecato da Silva</i>	
Bela Colatina.....	67
<i>Cíntia Aparecida de Almeida</i>	
De Fransilvânia a São Silvano, crescendo e iluminando.....	69
<i>Claudia Rezende Tardin de Castro</i>	
Surge uma nova liderança.....	73
<i>Cleuber Melotti</i>	

Lembranças colatinenses.....	77
<i>Danilo Sérgio Salvadeo</i>	
Nossa amada Colatina.....	81
<i>Danuta Margareti Zbysynski</i>	
Centenário de Colatina: memórias de uma criança.....	83
<i>Denise de Souza Pimentel</i>	
100 anos de nossa Princesa.....	87
<i>Dida Carvalho</i>	
Microconto do romance da menina e o rio nos tempos da pandemia.....	89
<i>Dimas Deptulski</i>	
De mulher a vila até a nossa cidade!.....	91
<i>Diwandrey Sousa Stacul de Menezes</i>	
Naquela época, hoje.....	93
<i>Dulce Augusta Barbosa Araujo de Castro</i>	
Amo Colatina.....	97
<i>Edir Jovina Batista Santiago</i>	
Filó Gênio.....	99
<i>Efrahim Maia</i>	
A jeitosa Princesinha do Norte.....	101
<i>Emanoeli Aguiar</i>	
A Colatina de que ouvi falar.....	103
<i>Ester Abreu Vieira de Oliveira</i>	
A menina que queria sentir o sol.....	107
<i>Fabiano Pirchiner Pimentel</i>	
Centenário de Colatina.....	111
<i>Fabio Aiolfi</i>	

Colatina, minha morada.....	113
<i>Fernanda Andrade Moreira</i>	
Vozes de sempre.....	115
<i>Fernando Achiamé</i>	
Soneto do saudoso colatinense.....	123
<i>Gabriel Soares de Oliveira Antunes</i>	
Meus oito anos.....	125
<i>Guerino Balestrassi</i>	
O que eu quero é rosetar.....	129
<i>Hiléia Araujo de Castro</i>	
Senhora Colatina.....	133
<i>Isabela Cristina Caser</i>	
Amizades colatinenses.....	135
<i>Ítalo Campos</i>	
Caminhando pela cidade de Colatina.....	139
<i>Jacimar Berti Boti</i>	
Gentílico Colatinense.....	141
<i>Joel Rogerio</i>	
A lama chegou, SOS rio Doce.....	143
<i>Joel Antonio Rosa</i>	
De lá pra cá.....	145
<i>Joelma Guinzani Chieppe</i>	
Minha terra tem um rio.....	147
<i>Jonas Reis</i>	
Centenária jovem e ambiciosa.....	151
<i>José Antonio Bof Buffon</i>	

A avenida Getúlio Vargas de Colatina.....	155
<i>José Luiz Pizzol</i>	
Nobres entidades colatinenses.....	159
<i>Kamilla Vicente Castro</i>	
Reminiscências do futebol da infância em Maria Ismênia.....	165
<i>Leonardo Roque Vieira</i>	
O relicário ou tecendo o amanhã.....	169
<i>Levy Pretti Filho</i>	
Colatina, aqui é o meu lugar.....	171
<i>Liemar Pretti</i>	
O filho ausente.....	173
<i>Lilia Márcia de Alvarenga Lourete</i>	
Você sabia que teve cinema em Vila Lenira.....	177
<i>Lorenzo Moraes Melotti</i>	
Inesquecível Colatina.....	179
<i>Lourenço Fontana Filho</i>	
No enlace de Colatina: memórias de um nascimento.....	181
<i>Luzimara de Souza Cordeiro</i>	
Confesso que vivi.....	185
<i>Mara Elizabete Penitente</i>	
Colatina, um centenário de histórias e emoções.....	187
<i>Marco Antônio Bregonci</i>	
Dona Laura Perut.....	191
<i>Marco Tardeu Perut</i>	

Rio Doce.....	193
<i>Marcos Penitenti</i>	
O sonho.....	195
<i>Maria Auxiliadora Torezani de Oliveira</i>	
Colatina: lugar de história e de contínuo recomeçar.....	197
<i>Maria Cristina Dadalto</i>	
Habitantes da infância.....	201
<i>Maria do Carmo Conopca</i>	
A cidade de Colatina.....	205
<i>Maria Eduarda Pereira Bragança</i>	
Doce saudade.....	207
<i>Maria Emilia dos Santos</i>	
Minhas memórias de Dulcita: gosto de maçã do mato e risadas.....	211
<i>Maria Isolina de Castro Soares</i>	
Colatina.....	215
<i>Maria Luiza Meirelles</i>	
Parabéns para você, minha terra!.....	217
<i>Maria Tereza Paulino</i>	
Gentileza a nossa cidade Colatina.....	219
<i>Marlene Caliari Rodrigues</i>	
Walcy Santana: Dos pampas sulinos ao coração da princesa do norte.....	221
<i>Martinho Raasch Júnior</i>	
O zelo inerente à mãe querida.....	225
<i>Michel Soares</i>	

Quando eu vou para Colatina.....	229
<i>Mila Conopca Alves</i>	
Reminiscências.....	233
<i>Mirtes Favaratto Perutti</i>	
Morro das Cabritas.....	237
<i>Nelson Almeida Monteiro</i>	
Reminiscências da Santa Cecília.....	241
<i>Olney Braga</i>	
O encontro da fotografia com a história de Colatina.....	245
<i>Patricia Guio Bragato</i>	
Nossa história em Colatina.....	249
<i>Raphael Guimarães Soares</i>	
A minha saudade de Colatina.....	253
<i>Renato Zacché</i>	
Grandes poetas colatinenses.....	257
<i>Ricardo Corrêa Braga</i>	
Canção de exílio.....	263
<i>Rita de Cássia Maia e Silva Costa</i>	
Minha, sua, nossa Colatina.....	267
<i>Rita Silva Rissi</i>	
Minha história em Colatina.....	271
<i>Rogério Reis Benedito</i>	
Nome de mulher.....	277
<i>Ronis Vila Verde</i>	
História e lembranças do entorno da Catedral de Colatina.....	279
<i>Simone Filippe Mariani</i>	

Um conto do vigário.....	283
<i>Suely Selvatici Zanotelli</i>	
As possíveis pinturas de paisagem do rio Doce com o pôr do sol em Colatina.....	287
<i>Tânia Maria Nippes Dallapicola</i>	
A última viagem.....	289
<i>Teresa Silva Dias</i>	
O dia das compras.....	291
<i>Thiago Dadalto Pissimilo</i>	
Centenário de Colatina.....	293
<i>Valquíria Alves Lotério</i>	
Minha passagem por Colatina.....	295
<i>Wanildo José Janes</i>	
Prece à centenária Princesa.....	299
<i>Welton Pinotti Rovetta</i>	
O sol poente é a cura.....	301
<i>Werlen de Oliveira Gon</i>	
Aqui tem história.....	305
<i>Zegama de Castro Dalla</i>	

NOTA DO EDITOR

A primeira edição da Coleção Escritos de Colatina nasce no Centenário da cidade. Escritos de Colatina é uma série temática, neste ano destinada a documentar à luz de fatos, reminiscências, ficção e sentimentos a trajetória da cidade, sob o ponto de vista dos autores que atenderam ao edital público. A composição do elenco de textos orientou-se pelo critério da inclusão, cabendo ao Conselho Editorial fazer a correção ortográfica e recomendar, quando cabível, essa ou aquela retificação de conteúdo. O resultado deste coletivo trabalho de escrita e, ao mesmo tempo, de atenção à qualidade, conforme impresso pelo Conselho Editorial, é este pujante livro, ofertado como presente à comunidade colatinense.

Os membros do Conselho Editorial são todos da Comissão Provisória da Academia de Letras e Artes de Colatina – ALARC, criada neste ano. O retorno do prefeito Guerino Balestrassi, agora em sua terceira gestão, trouxe de volta alguns preciosos projetos culturais e possibilitou que novos sonhos se configurassem. O nascimento da ALARC é projeto cultural estruturante, que apenas exigiu do Poder Público Municipal a capacidade de articulação. A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo tão somente convidou talentos locais, na certeza de que ao menor impulso da Administração Municipal essa bem-aventurada entidade se consolidaria.

Este livro, tão bem consorciado entre tantos autores que amam Colatina, é registro deste feito! São 93 autores, 93 textos: contos, poemas, ensaios, crônicas e relatos que trazem à vitrine do olhar presente uma substantiva fatia da história e da memória local, além de apontar caminhos que se desenham no porvir. Este é uma publicação para sempre: um bom fruto a ser colhido e preservado das celebrações do Centenário – 1921-2021.

Como vivemos dias especiais, sob a angústia de pandemia que a

tantos fulminou e sitiou as expressões artísticas, as celebrações esticaram-se no íntegro decorrer de 2021, mesmo lançando reverberações ao ano vindouro. Com precisão, distanciamento físico e temporal entre eventos, respeito e gratidão pelos acenos fraternais despertados ante a crueza da adversidade, a realização desta obra enfatiza a alegria do viver e a devotada busca da prosperidade, valores atuantes nos graúdos e nos pequenos gestos que celebram o percurso vencedor de Colatina.

Que o Eterno e as artes protejam e iluminem a nossa cidade!

O Editor

MINHA DOCE COLATINA

ADILSON VILAÇA

Jornalista e escritor, 46 livros publicados. Mestre em Letras/Literatura. Vice-presidente na Academia ES de Letras e na Comissão ES de Folclore. Membro da Alarc. Secretário de Cultura e Turismo de Colatina.

Guardo comigo especial relação afetiva com Colatina. É a cidade do meu primeiro beijo, terra onde estão sepultados a minha avó krenak e o meu pai, berço onde nasceu o meu casal de filhos, minha esposa é colatinense. Meus pais migraram para Colatina em 1970, no início de minha adolescência. No final dela, embarquei rumo a curso técnico em Química, para a vida universitária no Jornalismo e para a viagem sem fim na companhia da Literatura. Voltei para ser professor no Conde de Linhares e, por duas vezes, retornaria como Secretário de Imprensa, nas décadas de 80 e 90, cedido pelo governo estadual.

O convite para a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo reacendeu a relação, reavivou lembranças. O prefeito Guerino Balestrassi, ex-aluno no Conde de Linhares, há muito se qualificara como bom amigo; e é conhecido por duas excelentes gestões na cidade, das quais saiu com mais de 90% de aprovação. Neste janeiro de 2021, reencontrei mais uma recepção calorosa: de amigos, de parentes e de um sol abrasador, marca registrada do verão colatinense. Voltei no Ano do Centenário da cidade.

Colatina já não é uma menina, sua pose de agora é a de dama com trajetória bem vivida. Eu também não sou o adolescente migrado de Ecoporanga, nem o professor de 20 anos, tampouco o secretário de 40. Sessentei! A cidade consolidou-se como polo do Noroeste capixaba, é núcleo de atração comercial, de carreira universitária e de suporte no setor de Saúde – é oxigênio num tempo asfiziado por devastadora pandemia. É o primeiro socorro, pulmão regional de dezenas e dezenas

de vítimas da famigerada Covid-19.

Não é necessário ser especialista no ramo para saber que não está fácil para ninguém atravessar a crise instalada. Muito menos é fácil dar vida a uma secretaria cujo encanto não combina com distanciamento social – cultura e turismo são nichos da aglomeração. Alia-se à circunstância a certeza de que não dá sequer para imaginar o Ano do Centenário a transcorrer sem as merecidas celebrações. A vacina no horizonte é o alívio bem-vindo: em primeiro lugar, para salvar vidas; em seguida, para saudar com sinal verde a passagem do elenco de festejos e de feitos planejados para o Centenário.

Na pauta, estão as articulações da Academia de Letras e Artes de Colatina e da Associação de Folclore do Noroeste Capixaba, com sede em Colatina – a região tem 17 municípios e ao menos uma dúzia foi gerada de desmembramentos de Colatina. Conversas adiantadas com Ester Abreu e com Vanessa Pianca – respectivamente, presidente da Academia Espírito-Santense de Letras e presidente da Comissão Espírito-Santense de Folclore – já nos garantiram suporte para efetivação destas concepções. No primeiro caso, abre-se caminho para se iniciar o projeto literário Coleção Escritos de Colatina, aos moldes do Escritos de Vitória, por mim idealizado na década de 1990; no segundo, a pretensão é marcar no calendário um Desfile Identitário Regional, reunindo anualmente em Colatina grupos folclóricos do Noroeste.

No cardápio, há receitas de festivais de gastronomia, de cinema, de música, de teatro, de circo, de violas e de concertinas, além de torneios de bocha e de futebol, em tabela com a Secretaria de Esportes. A reedição do projeto Cidade Leitora, como apoio à Secretaria de Educação, mais a realização de saraus e de concursos literários. A criação de circuitos culturais com pisadas, cavalgadas, pedaladas e motocadas, como a Rota Graça Aranha, que fará parte do trajeto esporeado pelo expoente modernista Graça Aranha, partindo de Mutum de Boapaba até Paul. Outro circuito será conduzido de Baunilha a São Pedro Frio. O

formoso distrito de Itapina terá Plano Diretor Cultural, contemplado com série de eventos.

Muitos dos projetos ou eventos têm interface com outras secretarias, porque andorinha só não dá conta do verão de Colatina. Muitos corações serão aquecidos com a Medalha do Mérito Distrital, dedicada a personalidades das respectivas vilas. Voltará à baila a Comenda Dona Colatina, que já tem um destino mais que certo: a cientista Margareth Dalcolmo, colatinense e eleita Mulher do Ano 2020, uma unanimidade nacional. A sensação é a de que o Centenário será inesquecível – como se fosse um primeiro beijo!

É sempre quente o meu flerte com Colatina. A 10 de abril, no período mais cruel da pandemia, recebi de minha doce Colatina a primeira dose da vacina. A quem não a conhece, dadivoso enciumado, ensino o endereço: terra da quentura, da suavidade do sol poente, para onde volto sempre que me despeço. Mais que um lugar, um lar do qual jamais me esqueço. A você, recorrente e afetuosa vacina contra a minha muita saudade, a você eu peço: dê cura a todos, não apenas eu a mereço!

CENTENÁRIO DE COLATINA

ADORIZ CALIARI

Nascido em São Pedrinho, em 1959, registrado em Boapaba, mudou-se para Maria Ismênia (Colatina) em 1966. Aposentou-se na então CST (Companhia Siderúrgica de Tubarão) e permanece morando em Vitória.

O que dizer sobre Colatina que ainda não foi dito? Eis o desafio que eu impus a mim mes mo, aproveitando a ideia do centenário que acontecerá em breve, pra tentar elaborar um discurso que esteja à altura da magnitude da cidade.

O que parecia ser uma tarefa muito fácil, acabou por se revelar um desafio com alto grau de dificuldade, por uma simples razão: quase tudo já foi dito sobre a cidade, tanto de bom quanto de ruim. Vou, então, começar enumerando os aspectos positivos que, acredito, já sejam de pleno conhecimento dos colatinenses. Provavelmente, os aspectos que vou mencionar também já sejam apreciados pelo restante dos capixabas e eu não ficaria surpreso se muita gente, espalhada por esse Brasil afora, também já conheça um pouco das belas características dessa adorável cidade. Isso, sem falar no exterior...

Bem, vamos começar pelo seu povo: hospitaleiro, amigo, solidário, trabalhador, gentil, criativo, perseverante e, claro, muito bonito!

Cultura não falta na cidade, e ela ganha destaque especial devido à diversidade étnica constituída por indígenas, afrodescendentes e europeus, principalmente italianos, alemães e poloneses, todos vivendo na mais perfeita harmonia.

Alguns eventos ganham destaque em nível nacional, sendo o mais famoso e concorrido deles a festa do cafona.

De comércio forte e variado, atrai inúmeros turistas e clientes o ano todo. Indústrias também têm lugar de destaque no município, com grande geração de empregos. Aliás, a cidade está muito bem no cenário

nacional no que diz respeito à qualidade de vida dos seus mais de cento e vinte mil habitantes.

Produção agrícola é motivo de orgulho para os colatinenses, nas suas mais variadas áreas, onde o café se sobressai com enorme vantagem.

Colatina possui belezas que não deixam nada a dever a lugares mais famosos, tanto no país como no exterior: a bela catedral, as pontes, o Cristo Redentor, seus morros, seus rios, com destaque para o rio Doce, enfim, uma boa variedade de belezas naturais, dentre elas, seu magnífico pôr do sol, considerado o segundo mais bonito do mundo. Como esse fato nunca foi contestado por ninguém, pode-se dizer que se trata de uma verdade, não é mesmo?

Claro que há muito mais coisas bonitas pra se apreciar em Colatina, mas vou deixar pra você mesmo descobrir, pois sou colatinense e, portanto, torno-me suspeito ao enaltecer as qualidades da minha bela cidade, conhecida como Princesa do Norte.

Agora, prepare-se para conhecer os aspectos negativos de Colatina, pois nem tudo são flores. Talvez demore um pouco, por isso, é melhor se sentar confortavelmente para terminar a leitura: Há quem diga que faz muito calor no verão.

Viu só?

Parabéns, minha adorável Colatina! És uma charmosa senhora centenária, mas ainda com jeito de menina!

COLATINA, CIDADE MINHA

ADRIANA MOULIN DE ALENCAR PICOLI
*Colatinense, reside em Imperatriz, MA. Médica, pianista e escritora. Membro da
Academia Imperatrizense de Letras. Possui cinco livros publicados.*

Cresci ouvindo os Beatles,
os barulhos de um rio
mais Doce que pipoca doce
e o troar de um trem
pontual por demais
que trazia o minério das Gerais
e as gentes (sem sossego)
que feito cantiga de roda
sem fim nem começo
iam e vinham – vinham e voltavam –
iam outra vez
pra onde não sei...
O mesmo trem
que regulou os meus horários
dia após dia, anos a fio
à beira do rio.
Fui feliz!
E felicidade é coisa simples
toda vida
que dá no coração
e não precisa de explicação

nem de rima.
Colatina, cidade minha,
e seu pôr do sol cintilante...
Princesa do Norte!
Majestosamente vestida
de suas cores tantas
(reliquias de outrora)
e com o cheiro insistente do café
que me acompanhou vida afora.
O sangue e a inquietude do imigrante
deram-me, de presente, um par de asas.
Voei... para bem longe,
não houve outro jeito.
Bem feito pra mim
que nunca a esqueço!
Colatina, imponente e centenária,
sempre dourada e linda(!)
que ainda hoje habita
os meus sonhos de menina...

OBSERVO

ALCIDES SCARPATI

*Jornaleiro desde 1970; possui a banca do Cobrinha,
localizada na Avenida Delta.*

Uma criança que viveu
a história da cidade de Colatina
lidando dia a dia
nas ruas da cidade
desde os anos 70
e até hoje continua na atividade
levando notícia e informação
aos colatinenses e visitantes
que vêm de outras cidades
vizinhas pedir informações
e serviços que tem em
nossa cidade.

Hoje, no seu primeiro século
de vida, estou presenciando
a transformação do
antigo terminal ferroviário
em um novo terminal rodoviário
para o transporte coletivo.

QUEM FUNDOU COLATINA? QUANDO?¹

ALTAIR MALACARNE

*Nasceu em São Domingos (do Norte)-ES e reside em São Gabriel da Palha (ES).
Professor e bancário aposentado. Membro do Instituto Histórico e
Geográfico do Espírito Santo.*

Venho fazer essa abordagem para dar maior visibilidade a um assunto ainda não tratado com a ênfase que merece sobre os dias iniciais da história de Colatina.

É corrente a informação de que a fundação de Colatina se deve às levadas de imigrantes italianos que desbravaram o núcleo e o entorno da cidade a partir de 1888; existem, nos manuais que tratam do assunto, relações das famílias dos colonos que integraram essas frentes pioneiras, especialmente daqueles que vieram embarcados no piroscavo Adria; sem dúvida, turmas de bravos.

Sobre o pioneirismo da localização inicial, entretanto, José Luiz Pizzol tem indicação exata; ele dá a entender que o povoado de Colatina se iniciou a partir de um porto fluvial criado perto de uma pedra existente na margem direita do rio Doce, abaixo de seu afluente Santa Maria do rio Doce, pedra sobre a qual se construiria depois o antigo presídio municipal; esse porto tinha perto dele um barracão destinado a receber pioneiros que vieram colonizar a região; em seu livro *Colatina: sua história, sua gente*, lançado recentemente, que tem uma foto de cerca de 1900, onde aparece o barracão e o povoado batismal que logo se formou na vizinhança, ele escreve:

“Em relatório do DR. JACINTHO ADOLPHO DE AGUILAR PANTOJA, de 31 de janeiro de 1889, enviado ao Dr. Joaquim Adolpho Pinto Pacca, ele solicitava o estabelecimento de um porto na secção

¹ *Texto-base: COLATINA: sua história, sua gente, de José Luiz Pizzol, Gráfica e Editora GSA, Vitória (ES), 2019.*

Santa Maria do rio Doce, a cerca de um quilômetro a leste da foz do Santa Maria, para desembarque de imigrantes, além de um barracão para recebê-los e de uma estrada com cerca de vinte quilômetros ligando-o a Mutum: “É também de grande conveniência que à margem direita do rio Doce, um pouco abaixo da foz do Santa Maria, cerca de um quilômetro, seja estabelecido um porto para desembarque dos imigrantes, derrubando-se aí cerca de 10 hectares, construindo-se um barracão para receber e agasalhar imigrantes e fazendo-se daí partir uma estrada de rodagem de 30 km de extensão, margeando o rio Santa Maria do Rio Doce, do lado este, até encontrar a barra do rio Mutum. Esse porto e essa estrada facilitarão o transporte dos imigrantes e suas bagagens para essa parte do núcleo, além de notável economia das despesas que atualmente se fazem com o transporte de Vitória ao Porto do Cachoeiro (atual Santa Leopoldina) e daí até a barra do Rio Mutum, numa extensão total de cerca de 150 km, em canoas e costas de animais”. [...]

A estrada e o barracão ficaram prontos em 1890, situando-se esse último diante do porto e medindo 13 metros de comprimento por 7 metros de largura. Em torno dele, foram sendo edificadas as primeiras casas em 1892, nascendo ali a povoação, inicialmente chamada de Barracão do Rio Santa Maria (dentro da secção Santa Maria do rio Doce), e outras vezes, segundo alguns historiadores, de Povoação da Barra e Arraial da Barra do Santa Maria, sempre numa alusão ao rio Santa Maria, que servira de veio colonizador. Contudo, o autor não encontrou esses dois últimos nomes em nenhum registro oficial. A denominação Vila Collatina (embora vila ainda não fosse) somente surgiria em meados de 1893, nos editais de concessão de lotes para a construção de casas, no entorno do barracão e no relatório da Diretoria Central de Terras e Colonização, referente ao ano de 1893, assinado pelo novo chefe do Núcleo Antônio Prado, o engenheiro Gabriel Emilio da Costa, e direcionado ao então presidente do Estado, José de Mello

Carvalho Moniz Freire, cuja esposa se chamava Collatina.’

Esta barranca pedregosa escolhida pelo Dr. Jacintho Adolpho de Aguiar Pantoja para mudança de um instável caminho que anda para andar num caminho firme passou a ser centro e entorno de muitos fatos e fotos que tematizam uma referência histórica, a cada dia mais vigorosa e intensa; coube a uma pessoa habilitada no engenho da fixação de quebradas estabelecer esse marco diacrônico; hoje, o entorno do rio Doce onde os pioneiros desembarcaram está engalanado por um milagre de engenho e arte realçado pelas águas do rio Doce e pela luz do sol colatinense, paraíso de fotógrafos encantados; coube a outro engenheiro de destinos, Gabriel Emílio da Costa, dar o nome de batismo para este berço privilegiado: Colatina.

Ao completar 100 anos de sua emancipação como município, a meu ver, este é o momento oportuno para Colatina erguer ali uma obra, com uma placa com um texto para celebrar esse lugar de feliz continuidade da vida ‘ad perpetuam rei memoriam’.

UM CASO DE AMOR COLATINENSE

AMANDA LOPES RIBEIRO DA COSTA

Nascida em Colatina, formada em Direito e especialista em Direito Civil e Processo Civil. Atualmente cursa Psicologia e trabalha como Superintendente de Cultura na Prefeitura de Colatina.

José Maria Lins Ribeiro da Costa e Jane Meri Cecatto Faria Ribeiro da Costa são dois colatinenses que se conheceram em 76, em decorrência do casamento da irmã de José Maria com o irmão mais velho de Jane Meri. Após alguns anos de amizade entre as famílias, Jane passou a observar José Maria com novos olhos. Lá estava ele, um belo rapaz, cabeludo e bigodudo. Jane, mais do que depressa passou a chamar a mãe de José Maria de “minha sogra”, utilizando-se daquelas brincadeiras com fundo de verdade. Zé Maria era um rapaz namorador, músico e adorava sair com amigos. Estava sempre enamorado de belas moças da cidade e não pensava em se casar.

Um belo dia do ano de 83 Jane resolve convidá-lo para ser seu acompanhante no casamento de sua prima. Zé Maria aceita o convite e se esquece do encontro que havia marcado com a sua paquera da época. No casamento, Zé Maria percebeu que algo dentro dele havia mudado. Logo ele que não pensava em largar a boa vida de *rock and roll*, namoradas e noitadas, viu-se completamente encantado por aquela mulher linda e determinada. Ele termina com a sua paquera para poder seguir adiante com Jane, e o primeiro beijo do casal acontece. Em julho de 83, o novo casal do pedaço vai junto ao casamento da irmã de Zé Maria, Katia, e lá a paquera continua e segue até dezembro de 83. No encerrar de 83, Zé Maria finalmente ganha confiança para ter “a conversa” com Jane, já que sentia que estava mais envolvido do que ela naquele relacionamento. Zé Maria dá um ultimato a Jane, expressando seu sentimento e demonstrando interesse em casar-se com ela; todavia,

ele não sente receptividade dela em algo mais sério e, por isso, resolvem terminar a relação.

Porém, os jovens colatinenses dos anos 80 frequentavam os mesmos pontos: “Casarão”, “ACD”, “Iate Clube”, “Girassol”, “Samários”, “Escalier”, “Gatão”, entre outros e, com isso, Jane e Zé Maria viviam se esbarrando pelos bares e bailes afora. Jane assim percebeu que ainda estava muito apaixonada por Zé Maria e passa a fazer de tudo para reconquistá-lo. Eis que, em um local que muitos diriam não ser nada romântico, a conexão entre os dois se refez: o “Casarão”, bar localizado em frente à antiga FACEC. Os dois se reencontram, conversam, alguns beijos acontecem e, dali em diante, resolvem seguir juntos. No réveillon de 83, Zé Maria conversa com Jane sobre noivarem logo e se casarem com no máximo 6 meses. Jane aceita e em 31 de janeiro de 84, Zé Maria, prestando todas as formalidades previstas à época, pede a mão de Jane em casamento ao seu pai, Gether. No dia 25 de julho de 84, é selada a união desse jovem casal colatinense na igreja “Imaculado Sagrado Coração de Maria” e, em seguida, uma festa para lá de boa aconteceu no famoso clube local ACD.

Depois do felizes para sempre inicial, esse nobre casal enfrentou dificuldades em realizarem mais um sonho que tinham: filhos. Jane descobriu que tinha alta taxa de prolactina no sangue e isso dificultava uma gravidez. Assim, o casal passa sete anos realizando diversos tratamentos para que aquele sonho pudesse se concretizar. Zé Maria vivia sonhando, literalmente, com uma criança em seu colo, cujo rostinho ele nunca conseguia vislumbrar. Sete anos se passaram e certo dia Zé Maria, ao adormecer, sonha que estava segurando uma criança em seus braços, mas dessa vez ele consegue ver claramente o rosto da criança. A sensação que invadiu o seu peito foi tão grandiosa que ele mal queria acordar, todavia, para não deixar Jane chateada, guardou em seu coração e memória aquele lindo sonho. Mal sabia ele que naquele mesmo dia tudo iria mudar.

Jane e Zé Maria sempre iam juntos trabalhar. Zé Maria deixava Jane em seu local de trabalho e, em seguida, ia trabalhar. Mas nesse dia específico Jane pediu para ficar com o carro, pois tinha afazeres na rua. No mesmo dia, à tarde, ele recebe a visita de sua esposa e sogra em seu trabalho e sua sogra lhe entrega um presente e pede que ele abra. Zé Maria abre o presente e se depara com um macacão de marinheiro e o resultado do teste positivo de gravidez. Zé Maria entrou em êxtase e logo se recordou do seu sonho da noite anterior. Ele levanta e diz: “vai ser menina e seu nome será Amanda”. No dia 03 de março de 91 nasce Amanda, a primeira filha do casal. Dois anos depois, no dia 04 de outubro de 93, nasce o segundo filho, Giovanni. Atualmente o jovem casal conta com seus 38 anos de casados muito bem vividos em Colatina.

Colatina, Princesa do Norte, seu pôr do sol e seus points foram e continuam sendo palco dessa e de muitas histórias de amor. Em 2021 Colatina faz 100 anos e muitos casais felizes celebram mais um ano de união. Essa família escolheu Colatina como o início e meio de sua própria história. E o fim? O fim não existe. Colatina sempre verá o sol de novo dia raiar e, com ela, novos ciclos se iniciam, dando vez a novos personagens, com novas histórias de amor a contar e Colatina, com todo o seu brilho, a reinar.

O APITO DO TREM

ANA LUÍSA DE CASTRO SOARES

*Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes.
Possui graduação em Letras – Inglês também pela Ufes e atua como professora de inglês e tradutora desde 2012.*

Toda vez que alguém de fora chegava para passar uns dias na casa dos meus pais, a mesma pergunta surgia: que barulho estranho é esse que ouvimos à noite, daqui? No começo, demorávamos um pouco a chegar à resposta, já tão acostumados os nossos ouvidos que nem registrávamos mais o apito do trem; depois de um tempo, já respondíamos de prontidão: “é o trem! Suba lá na varanda um pouquinho antes das 9h30 ou das 18h, que você vai ver o trem de passageiros atravessando o túnel”.

Mesmo não morando mais na casa da qual podemos observar o túnel, ao ouvir um apito, sou logo transportada para a Colatina de minha infância, fulgurante nas memórias da menina que cresceu brincando em seus morros. Como era divertido desvendar os cantos daquela cidade, tão grande e cheia de mistérios aos meus olhos infantis! Eu encontrava especial alegria ao passar em frente aos prédios antigos e remontar às histórias que minha avó me contava: naquela casa antiga com uma concha na fachada, a vovó brincava de cozinhadinho com a amiguinha, em fogão construído com tijolos, no quintal; na Praça do Sol Poente ficava a antiga estação ferroviária; e o prédio onde hoje funciona o cinema foi também um cinema quando minha avó era pequena, e naquela época as pessoas iam lá para assistir a seriados, imagina?

Hoje, mais de uma década após eu sair da cidade em que nasci e cresci, Colatina caminha para seu centenário, e seus mistérios aos meus olhos de criança ficam esquecidos em meio à correria da vida adulta. A cada retorno, porém, a emoção ao avistar o pôr do sol pintando o rio de dourado parece reavivá-los, e por um breve momento eu lembro a

menina que imaginava como seria pegar o vapor que um dia navegou por aquelas águas... Eu percorreria a bacia do rio Doce até uma outra cidade, de onde eu poderia pegar o trem de volta, e eu nem precisaria ligar para casa para avisar que estava chegando: meus pais ouviriam o apito do trem e me buscariam na estação.

NOSSA PRINCESINHA DO NORTE!

ANA LUIZA HOFFMANN

*Aluna do 8º ano B da escola pública e municipal EMEF José Fachetti. Escoteira do
12º ES - Grupo Escoteiro Marista (em Colatina);
Submonitora da patrulha Lobo-Guará, Tropa Taurus.*

Oh Colatina
cidade que já não é mais menina
Tem povo
de coração
simpático e lutador
que merece louvor

Seu Sol
brilha como farol
que se faz presente
em cada gente

Também deixou resquício
que logo no início
Já atraía colonos
com isso crescendo ao longo dos anos

A antiga ferrovia
que de Colatina ia além
transportando mercadorias
e gente de bem

Cidade do café
com produtores de fé
cheia de indústrias também é

Com seu protetor
nosso Cristo Redentor
que nos lembra de ao próximo

Mostrar amor
para construir um mundo
com menos dor

Colatina, minha cidade
a quem devo lealdade
eu desejo felicidade
a sua idade!

COLATINA EM FESTA

ANA SILVA DE OLIVEIRA LOBEU

Aluna do 5º período de Pedagogia da Faculdade Castelo Branco, Colatina-ES

Nossa Princesa, que beleza!!
Completa 100 anos de idade
Com seus morros verdes e belos
É felicidade de verdade.

Abençoada por Deus.
De povos hospitaleiros,
Um rio Doce sem igual
Com seus jardins e canteiros.

Guardo comigo esta cidade especial
Neste seu centenário
Só posso te dizer
Feliz aniversário!!

Colatina cidade mil,
Amada por todo o Brasil!!!

PASSADO E LIMPO

ANDERSON PEREIRA

Colatinense, oficial de justiça, professor de português e músico. Genro do Ailton e da Maria, filho mais novo do Zé Chico e da Mariquinha, casado com a Danieli e pai do Francisco.

“Olha, Pedro, nós somos pobres. Nós não temos nada pra deixar pra vocês. O que nós temos pra dar pra você é o estudo. Aproveite e estude.”

Sentado em sua cama, velho e doente, Pedro se recorda lá de 78, quando sua mãe, vendo-o triste por ter de voltar das férias, deixar de brincar com os amigos para iniciar a primeira série no Aristides Freire, beijou-o várias vezes e proferiu carinhosamente aquelas palavras. Pedro adorava a sua rua de chão batido, com casas dos dois lados até a escadaria. Nessa rua, o menino pobre, pés no chão, peito ao vento, calção de elástico fabricado pela mãe, brincava dia a dia de pique-bandeira, pique sem pique, cela, garrafão, pular corda e de bola. Nem era bom de bola, talvez fosse o pior, mas gostava muito de dar bicudas naquela dente de leite.

Agora, porém, estava chegando a hora de estudar. Com seu uniforme de calça de tergal azul-escuro, camisa branca de botão e bolso com o emblema da escola, Pedro olhou-se no espelho. Viu-se de uniforme novinho e tão passado que as mangas da camisa e as pernas da calça faziam vinco. Seu coraçãozinho de criança batia acelerado mais que nunca. Nos pés, seu primeiro par de conga all color azul de bico branco, o qual tinha o solado tão fino que, se ele pisasse numa moeda, saberia até o ano dela. A evolução da conga foi o Kichute; e a deste, o tênis Bamba. O pai de Pedro, que chegava tarde em casa por ser encarregado das varredeiras de rua de São Vicente e, depois do expediente, barbeiro, já havia comprado seu material todinho, sem faltar uma borracha branca que fosse.

A primeira bolsa de escola que Pedro teve foi uma sacola de arroz Garibaldi de 5kg; depois, um embornal de brim grosso azul escuro, que a mãe fez e ele levava a tiracolo. Em seguida teve uma mochila marrom, também a tiracolo, com um compartimento secreto, fechado a velcro, onde havia um coldre para se colocar revólver ou garrucha. Pedro achou o máximo e, de vez em quando, colocava ali seu revólver de espoleta. Essa mochila seu pai havia conseguido trocando por um relógio Orient. Mas tudo bem para Pedro! Nunca faltou a ele nem estímulo aos estudos, nem seu material. Assim como nunca faltou a cama bem arrumada, a casa limpa, o almoço pronto e saboroso, a roupa bem lavada e passada. A casa pobre era rica, sim, pois, da mesma forma que seu pai, seus irmãos trabalhavam também: Mercado, Frisa, Pernambucanas, Cedrus, Dorinha Calçados, oficina Trindade, lojas Maci, Autoelétrica Pretti...

Iniciadas as aulas, teve início uma nova e importantíssima fase em sua vida: cartinhas de amor fajutas, brigas e brincadeiras, as professoras queridas, as celebrações, os desfiles, as vergonhas, o choro, o aprendizado. Pedro dançou quadrilha, desfilou no Sete de Setembro com aquele lacinho verde-amarelo no peito e a bandeira do Brasil feita de papel na mão. Desfilou na data de maior orgulho de todo colatinense, que é o desfile de emancipação em 22 de agosto. Tudo era bom de se participar na escola!

Depois do Aristides, iria para o Conde, onde conheceu a Rosimeri e, por causa dela, participou da banda Marcial do Conde de Linhares. Rosimeri era a baliza mais linda que Pedro já viu sair à frente de uma banda marcial. Para estar perto dela, aprendeu a tocar surdo e, além disso, “jogou” handebol nas aulas de Educação Física da professora Deleide. Era tudo time misto: menino com menina. Só separavam para treinar para os Jogos Estudantis de Colatina. Pedro, por ser pereba, nunca participou dos jogos. O mais próximo que chegou foi tocar numa abertura do JEC, em 85 ou 86, quando soprava requinta na banda Walfredo Rubin. Na Walfredo, aliás, conheceu os músicos que

formariam, mais tarde, a Xaranga do Fredão, na qual Pedro soprou saxofone um bom tempo. Pedro sempre amou a música, mesmo não sendo lá um virtuose.

Nessa fase do Conde, Pedro já passeava, antes e depois da aula, pela avenida Getúlio Vargas e na praça Municipal. Olhava os brinquedos nas lojas e, no supermercado Dalla, folheava as revistas na banca do Briel – que era o dono de banca mais gente fina de Colatina –, admirava o chafariz com seus holofotes coloridos, arriscava-se atravessando a rua correndo com os colegas de escola. Naquela época, já não passava por ali o trem, que, certo dia, atropelou e matou o Tanque, cachorro de estimação de seu irmão mais velho. Desde 75 esse trem já não passava mais.

No seu tempo de primário, Pedro não passeava perto do rio Doce. A força da correnteza do rio causava medo. Muitos se afogaram. Nas pedras, perto do cadeião, onde as mulheres lavavam roupa, uma delas acabou arrastada pelas águas, ou pela sucuri, ou pelo caboclinho d'água.

Mas Pedro ama Colatina. O clima, o pôr do sol rubro-prateado sobre os morros, matas, rios e ponte, o Cine Idelmar, os passeios à estátua do Cristo e ao zoológico, a rua onde brincava, o bondinho nas tardes de domingo. A Princesa é toda amor, memória e cultura.

O velho Pedro, cansado mas feliz, cerra os olhos num doce, apaixonado e último suspiro.

COLATINENSE – MODÉSTIA À PARTE

ANTÔNIO ACHILIS ALVES DA SILVA
Jornalista. Especialista em Gestão Estratégica da Informação (UFMG).

Dos 100 anos de Colatina, eu respiro 71. Fui um migrante clássico, numa época em que fazia parte de grupo de jovens, transmitia a missa ao vivo pela Rádio Difusora e tinha coluna na rádio e no jornal O Colatinense. Peguei o trem na estação em Vila Nova, pra descobrir o que havia depois das curvas do rio Doce, para os lados de onde o sol se põe. Vim pra Belo Horizonte para me fazer jornalista.

Como a maior parte da minha infância foi em São Vicente, na rua Tupis, minha formação como católico se deu na capela de Colatina Velha. Lá tive meu catecismo e participei da Cruzada Eucarística e, na sequência, da Congregação Mariana.

Minha pulsão de captar e dar notícias (a essência do jornalismo) se deu da forma mais primária e instintiva: tocando o sino da capela. Quando dava a “Hora do Angelus”, saía desabalado de casa para garantir o toque e informar à comunidade que era hora de sublimar-se na Ave Maria, muito bem guiada pela voz cardeal do saudoso Geraldo Pereira, o dono da rádio.

Do ginásio ao científico eu já estava no Conde de Linhares, onde admirei e reverencio até hoje a liderança e o caráter do diretor Thelmo Motta Costa, que tive a emoção de rever pouco antes de sua partida, numa festa do colatinense ausente, em Vitória. Ele era a expressão da palavra dignidade. Concordo com o amado Olney Braga: Colatina deve muito a ele e precisa dar-lhe reconhecimento.

Ao meu olhar, sempre estive às margens do rio Doce, que contemplava assim do alto, caudaloso e traiçoeiro em seu “mansamente a deslizar”. Hoje, raquítico, cobra uma dívida ecológica da atual geração,

que precisa salvá-lo para o futuro, sem direito a moratória. Meu pai, Adolfo, que terminou seus dias abençoados em São Vicente, ia de madrugada com amigos pescar robalos de cima da ponte, enquanto não chegava a hora do batente. Ele era um vicentino militante, fervorosamente católico e adorava jogar bocha com seu amigo-irmão Frederico Loss, dentre outros tantos. Com minha mãe Otilia, os dois exerciam um voluntariado relevante para os moradores dos morros. Foram muitas as madrugadas em que minha mãe subia os morros para aplicar injeções. E o casal jamais soube contar quantos afilhados tinham, principalmente entre os mais pobres. E nos deram uma imensa riqueza moral que dinheiro nenhum compra. Fui militante dos grupos de jovens, organizados dentro da moldura da Igreja Católica, sob os olhos, as bênçãos e as doutrinas do meu pai Adolfo e minha mãe Otilia. Sou devedor a muitos cúmplices e abraço a todos na lembrança da Amélia Lyrio, líder suave e envolvente. E me recolho em contrição ao me lembrar da Peinha Vitalli, cujo semblante e presença sempre me sugeriram analogia com a imagem de Nossa Senhora.

Enquanto estava na faculdade, de 70 a 73, vi de perto o sufoco dos inconformados e o sofrimento de pessoas que tinham familiares presos ou exilados. Na mobilização pela anistia, estive na multidão e vivi a emoção indescritível e intransferível de receber um exilado mineiro no aeroporto do Rio de Janeiro.

Trabalhei em todos os tipos de veículos – rádios, tvs, jornais e revistas – e fui professor em curso superior de Comunicação. Na Globo, trabalhei em três temporadas – a última delas como monitor para a formação de novos profissionais. Lá conquistei um prêmio de reportagem e fui citado no livro de história do Jornal Nacional, escrito e editado pela Globo, graças à coincidência de ser pautado numa cobertura eleitoral histórica – foi a primeira cobertura verdadeiramente nacional da Rede Globo e eu fui deslocado para o Acre. Ainda em televisão, passei por outras emissoras e presidi a Rede Minas – Cultural e Educativa, do

governo estadual. E aí presidi também a ABEPEC - Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais. Sorvi a cachaça do rádio, que comecei na Difusora de Colatina, trabalhando na Rádio Itatiaia, líder de audiência em Belo Horizonte e na chefia-de-redação da Rádio Globo-Minas, hoje CBN.

Depois de tantos anos na capital mineira, absorvi sotaques, hábitos e costumes. Minha mulher, Zilá, veio do Alto Paranaíba e também tinha migrado para estudar. Ela é uma forte razão para eu me saber feliz, com meus filhos e netos.

Mesmo com tanta imersão nas Minas Gerais, tenho o cuidado de recomendar aos amigos que não se sintam diminuídos quando lhes digo: sou colatinense, modéstia à parte.

Hoje, pensar no futuro vejo que Colatina deve contemplar e se aproveitar do passado. Essa minha inquietação interior apenas percorre a partitura e os versos do maestro Walfredo Rubim (meu professor de música no Conde de Linhares), quando escreveu o que viria a ser o hino de Colatina: “Se eu partir pra não mais voltar, eu levarei a ti no meu coração. Não cansarei de sempre te exaltar. Assim eu viverei em comunhão.”

Pelo menos isso.

UM ALERTA AOS JOVENS COLATINENSES E A QUEM MAIS INTERESSAR

ARLETE ANA CORTELETTI PEREIRA

Escritora, licenciada em Pedagogia pela UFES, com especialização em Psicologia Educacional pela PUC-MG; professora aposentada do Estado do Espírito Santo e da Faculdade Castelo Branco.

A vida, como ela é: Preocupações com os jovens...

Ando um pouco triste com a situação atual, decorrente, principalmente, das diversas ondas de pandemia provocadas pelo coronavírus. Mortes de pessoas queridas...mortes de pessoas que teriam ainda tanto a realizar...sofrimentos, sem fim, de familiares e amigos...

Mesmo, racionalmente, sabendo que todos nós temos um início, um meio e um fim, emocionalmente costumamos a aceitar a finitude da vida.

Ando preocupada com os jovens que assumem um relacionamento, sem avaliar o peso das responsabilidades futuras e suas consequências, amargando vidas que não tiveram ou nada fizeram para passar o que são obrigados a passar.

Com certeza, esses jovens se sentem seguros e fortalecidos em relação ao amor, à cumplicidade... Podem até ser equilibrados em relação à afetividade, ao amor...

Com a pandemia, sem a pandemia e, apesar da pandemia, o desenvolvimento humano segue uma ordem cronológica progressiva: Ninguém fica fértil a vida inteira, bem como a disposição para viver e trabalhar oscila e decresce, no decorrer dos anos.

Filhos precisam de ambiente adequado para o desenvolvimento integral e integrado de sua personalidade, que envolve o físico, o intelectual, o social, o emocional e o espiritual.

Nenhum ambiente pode oferecer segurança, quando faltam

recursos para propiciar frequência a bons colégios, ascendência a planos de saúde e a tratamentos odontológicos, a residência fixa e com pais vivendo harmonicamente. Nenhum amor sobrevive a dificuldades infinitas e nenhum relacionamento se mantém morando-se “debaixo da ponte”.

Nós não vivemos só de amor, e nem só pelo amor. Somos seres dotados de inúmeras necessidades, sendo umas mais prementes que outras, mas nenhuma sem importância a ponto de não merecer relativa satisfação.

Como sou descendente de italianos, como grande parte da comunidade colatinense, herdei muito a cultura patriarcal e, por isso, atribuo mais responsabilidade ao homem na condução dessa segurança desejada na vida de uma família. Assim foi na casa dos meus pais e assim tem sido no meu relacionamento conjugal de 53 anos.

Entre erros e acertos, com certeza foi bem melhor do que se tivéssemos adotado outro regime, como o matriarcal, por exemplo.

Outro aspecto do desenvolvimento gradativo do ser humano que vale ser ressaltado é a velhice.

Certamente muitos dirão que é cedo ainda para essa preocupação, mas eu lhes digo que muitas pessoas apresentam características senis a partir dos 50 anos.

Além da nossa decadência normal e gradativa, pode ocorrer uma invalidez. Quem cuidará de nós? Os tempos em que os parentes nos assumiam eram outros. Já se foram. Hoje, ninguém tem mais tempo e/ou se dispõe a isso. As opções que nos restam são: casas de repouso, cuidadores, etc. Só que tudo isso traz um ônus excessivo.

Quantos de vocês, leitores, talvez estejam me considerando pessimista, mas creiam: é a mais pura realidade, que não pode ser desconsiderada.

Confio muito em vocês, jovens, na capacidade e bom senso de cada um.

Acho muito oportuno conversar com pessoas da nossa inteira confiança e ouvir delas o que elas têm a nos dizer (de cabeça aberta e boca fechada).

Ninguém é tão seguro de suas posições e conseqüentes atitudes que não precise ouvir alguém, para se situar melhor como ser humano, inserido num meio social, com as responsabilidades inerentes a tal inserção.

É bom refletir também que nem sempre o que nos agrada e nos satisfaz, hoje, pode ser o melhor para o nosso futuro, principalmente quando ele envolve companhia e filhos.

Que cada um de vocês avalie a responsabilidade que tem como cidadão inserido no contexto social, na transmissão de valores morais e espirituais, contribuindo, assim, para o bem geral de todos.

Colatina está de parabéns. É uma cidade centenária, agora.

Demonstremos a ela o nosso carinho e o nosso afeto, agindo sempre com responsabilidade em todos os sentidos. Pois, só com filhos verdadeiramente cômnicos de seus deveres e de suas obrigações, ela continuará sendo esta pujança comercial, industrial, educacional e social de que tanto nos orgulhamos.

O CALOR COMO METÁFORA

ATÍLIO GRIPPA RONI

Estudante de Pedagogia na Faculdade Castelo Branco.

Era uma segunda-feira. Já haviam nos alertado sobre o que estaria por vir nos meses subsequentes. Ainda tínhamos o bom gosto de poder sonhar um sonho ou esperar por um lampejo de esperança. Os ônibus estavam lotados. Sentia-me preso dentro daquela pequena jaula metálica. Mal sabia que a brisa, garantida pelo movimento do autocarro, já não tocaria mais o meu rosto dessa forma.

A cidade havia acordado muito antes das pessoas que me acompanhavam. Algumas desciam primeiro. Outras, por último. O que fariam? Seriam felizes? Não sei. É muito difícil estruturar a lógica das microssociedades que permeiam os usuários dos coletivos. Eu sei que eles mentem uns para os outros sobre as felicidades da vida, assim como o fazem para os infortúnios.

Trilhei o caminho para a liberdade no instante em que reconheci a referência aprendida nos últimos dias. Os pontos de ônibus ensinam como devemos discernir alguns dos nossos limites. Agora, sim! Sinto os meus pés no chão. Já até sinto o calor da cidade. “Se você acha que sua cidade é quente, ainda não conheceu Colatina”, eles dizem.

O caminho até a entrada de funcionários da escola é curto, sigo lentamente. Quero absorver toda a luminosidade daquele horário. Reconhecer as ruas e casas, mesmo quando a noite estiver consolidada. Quando chego ao portão, a luz já não me atinge diretamente. O estranho é que ainda sinto uma esquentadinha, bem do lado esquerdo. Ah, como não pude reconhecer! É o Jairo, porteiro da escola. Lá vem ele, todo animadinho, abrir o portão. Bom dia! Como vai? Passou bem o final de semana? E essas notícias, hein? Já estou ficando preocupado.

Esse acolhimento não podia ser melhor. Dá um ânimo na gente. Aquele calorzinho de que precisamos para não desfalecer com o peso das coisas.

E isso se repete com Judite, Pâmela, Olga e os demais estagiários que chegaram para o expediente. A tarde se foi. De tão intensa e agradável, sinto que nem foram tantas horas assim. Já é de noite. Saindo de lá, pude encarar o rosto dessa cidade na hora mais agradável do dia. Presencio tanto a parte mais modesta da resistência que Ela faz para não ser sufocada pela escuridão, quanto a berrante. As luzes se acendem para nos mostrar que o dia logo chega. Outrossim, elas não nos aquecem dos ventos gelados soprados pelo breu. Tampouco nos alertam por onde eles virão para que possamos volteá-los. São símbolos de uma latência.

Ao entrar no ônibus que sempre me leva até a faculdade, volto a pensar nas coisas de antes. Contudo, agora, transpassado pela ventosidade da noite, outra perspectiva me inunda.

Era uma segunda-feira à noite. Já haviam nos alertado sobre o que estaria por vir nos meses subsequentes, mas ainda aproveitávamos a brisa noturna. Os ônibus estavam lotados, mas não me sentia mais preso dentro daquele espaço. Sabia que os sopros não eram apenas oriundos do movimento do coletivo. Ao tocar o meu rosto dessa forma, anunciava que o Calor oferecido por Colatina não era aquele que o sol emitia todos os dias, durante algumas horas.

PARA CONHECER ALGO

BARBARA SPALEMSA DO NASCIMENTO

Supervisora escolar, 35 anos. Escrevi este texto, pois sou amante de caminhadas ao ar livre e sei que o tempo também calça seus sapatos para escrever nossa história.

Para conhecer algo, deve ser sentido e vivido. No meu caso, é apenas calçar um sapato e caminhar.

Conheço esta cidade como a planta de meus pés, viajando devagar por cada pedaço deste vale.

Com calma fui desbravando cada canto, cada história. Mas só é possível ver se colocar as lentes do coração.

Caminhando por sobre as águas do rio Doce, consigo enxergar a magnitude e a força que essas águas têm. Nelas já navegaram embarcações, letras de músicas e lindas poesias; dividem uma cidade e têm como coloração a força barrosa de terra fértil. Também já assustou muita gente com sua fúria, por não ser preservada e tratada como fonte de vida.

Este Vale do rio Doce esconde muitos mistérios, basta caminhar pela ponte ao fim da tarde para enxergar um raio cor de ouro por sobre as águas, indicando que nosso perfeito pôr do sol já está pintando todo o céu em paletas de cores frias e quentes. Engraçado, né? Como pode algo tão poderoso acontecer, juntando cores tão distintas e nos mostrando que a união faz tudo mais belo.

Sua planície, opa! seus morros, que cidade que cansa os pés! São tantos morros com suas características específicas, trazendo cultura e crença de dias melhores que virão.

Ao longo desse trajeto muitas coisas aconteceram, basta bater na porta e pedir informação que sempre tem uma pessoa disposta a dividir muitas histórias vividas por ali.

Eu, o tempo, autor das transformações, estou feliz por ver esta linda Princesa experiente exalar o perfume da prosperidade. Como eu disse, basta calçar um sapato e apenas caminhar...

TROVA DE BAIRROS

BRENO TARDIN

Professor, músico, compositor e membro da ALARC.

Oh, minha **Colatina**
Quem te viu, quem te vê
Em cada canto que se olha
Há uma **Bela Vista** a acontecer.

Que **Nossa Senhora Aparecida**
Continue a abençoar
Este **Pôr do Sol** vibrante
Que no **rio Doce** vai tocar.

Já são 100 anos de idade
E ainda há muito para conquistar
Vendo um novo **Novo Horizonte**
Que nem **Ayrton Senna** pode alcançar.

São tantos “**Sãos**” e **Santas**
Num **Castelo Branco** a morar,
Padre Jose de Anchieta fez uma oração
Que ilumina o **Parque dos Jacarandás**.

Ah, se **Santos Dumont** viesse,
Se chegasse aqui no alto,

E do **Aeroporto** visse a beleza
Das flores no **Jardim Planalto!**

Clamo a **Maria das Graças**
Que nos dê o **Perpétuo Socorro**
E abençoe o **Operário**
Que trabalha lá no morro.

E lá no topo da colina
Eu vejo a **Vista da Serra**
Com um belo **Sol Poente**
O segundo mais bonito da Terra.

Aprecie a concertina em **Itapina,**
Pois na **Morada do Sol** todos irão viver
Aqui todo **Residencial é Nobre**
E **Colatina Velha** nunca vai ser!

A MENINA E O RIO

CARLOS PASCOAL DO NASCIMENTO

Colatinense, funcionário público municipal, participou da equipe de coordenação em diversos eventos culturais de Colatina, como festa da cidade, carnaval e festivais de música. Fotógrafo hobbysta.

Uma menina andava pelo mundo,
tocava piano e cantarolava lindas melodias.

Um belo dia,
encontrou seu par
e com ele se casou.

Mudou-se para um novo lar
e o belo Doce conheceu.

Encantada com sua majestade,
fez dali morada o seu coração.

Nascia a linda história
da Princesa Colatina que,
de geração em geração,
encanta seus filhos.

Povo forte,
povo guerreiro,
em seu solo

fez morada
seu coração.

Um século de história,
nas brumas do tempo,
se faz longe o dia em que a menina
o Doce rio encantou.

Em nossos corações
a história da Princesa
e o grande Rio.

Se faz presente,
brota no peito
a felicidade e o encanto
de ver o Doce
preguiçosamente a deslizar,
desfilar emoldurado,
sob o mais belo pôr do sol.

Provocando, como quem avisa...
Calma!
Amanhã, Princesa,
novamente te verei!

CENTENÁRIO DE COLATINA: ASPECTOS HISTÓRICOS E EDUCACIONAIS²

CIDIMAR ANDREATA

Doutor em Matemática. Professor da Faculdade Pública de Ensino Superior de Linhares – Faceli. Inspetor Escolar da Secretaria Municipal de Educação de Colatina. Secretário Municipal de Educação de Colatina.

Colatina, município da região noroeste do Espírito Santo, é carinhosamente chamado de Princesa do Norte em virtude do papel de destaque que ocupou na economia capixaba nos anos 50 e 60. A emancipação de Colatina ocorreu em 30 de dezembro de 1921, separando-a de Linhares, mas a comemoração é realizada em 22 de agosto, data da fundação do município de Linhares. Naquele momento, Linhares acabava de perder sua categoria de sede municipal, passando a ser Vila subordinada a Colatina. Só em 1945 Linhares foi desmembrado de Colatina.

Dados históricos apontam que o desenvolvimento do município de Colatina começou em 1899, recebendo inicialmente o nome de Vila de Colatina, em homenagem a Colatina, esposa do então presidente do Estado, Muniz Freire.

No cenário econômico, Colatina destacou-se pela alta produção do café, produto substituído na década de 70 pela indústria de confecções e outros projetos industriais, como a indústria de confecções, com grande parte da produção voltada para o mercado externo (CAMPOS JUNIOR, 2004).

Além do contexto econômico, Colatina se destaca no setor de serviços com ampla gama de restaurantes, hotéis e hospitais, bem como

² Referências: CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira de. *A formação da centralidade de Colatina*. Vitória: IHGES, 2004.

emissoras de rádio e TV, serviços de telefonia fixa e móvel. A rede comercial de Colatina tem sido a mais ativa do noroeste do Espírito Santo (C. J., 2004).

A Estrada de Ferro Vitória a Minas, com duas estações no município, possibilita o transporte diário de cidadãos entre diversos municípios do Espírito Santo e Minas Gerais, cortando as cidades do Vale do rio Doce. A referida estrada possui grande importância para a região, pois se destaca pelo baixo custo das passagens, além de proporcionar segurança aos passageiros.

No contexto educacional, desde sua emancipação até os dias atuais, Colatina sempre se destacou no campo educacional, sendo referência para a região norte e noroeste do Estado do Espírito Santo. De acordo com dados do atual Plano Municipal de Educação, aprovado em 2015, o município oferta todas as etapas de Ensino da Educação Básica, passando pela Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

Colatina oferta também as modalidades de ensino da Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional, Educação Especial e Educação a Distância, que são articuladas às etapas da Educação Básica. Na rede municipal há oferta da Educação do Campo nas escolas multisseriadas e escolas comunitárias rurais, com uma educação própria e apropriada ao contexto do campo, com a metodologia da Pedagogia da Alternância.

A rede municipal de Colatina conta atualmente com aproximadamente 15.000 estudantes, distribuídos nas 86 escolas da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. O município conta também com 08 escolas estaduais com a oferta do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Profissional.

O município possui instituições de Ensino Superior como o Centro Universitário do Espírito Santo – UNESC, que é o único do interior do estado a possuir um curso de Medicina, atraindo um grande

número de universitários para a cidade. Além do UNESCO, possui a Fundação Castelo Branco – FUNCAB, com a oferta de cursos de Licenciatura e Bacharelado.

Colatina possui ainda dois *campi* do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, sendo um *campus* localizado na sede do município, no bairro Santa Margarida, e outro no Distrito de Itapina, às margens da BR 259. Além da oferta do ensino superior presencial, o município possui também a oferta do ensino superior na modalidade semipresencial e a distância, ofertado nas instituições privadas como UNINTER, UNOPAR, UNIUBE, MULTIVIX, UNICSUL, entre outras.

No município, possuímos também o Polo Municipal de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil, mantido pela Prefeitura Municipal de Colatina conveniado com o Ifes e a Ufes para a oferta de cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente estão sendo ofertados no Polo o Curso Superior de Biblioteconomia, Licenciatura em Informática, Licenciatura em Letras/Português, Licenciatura em Letras/Italiano e Pós-graduação *Iato-sensu* em Filosofia e Psicanálise.

Essa vasta gama de ofertas de cursos na área da educação, tanto básica quanto superior, faz com o que o município de Colatina seja uma referência no contexto educacional para a região norte e noroeste do estado do Espírito Santo, mesmo ainda com desafios na melhoria do índice municipal de desenvolvimento da educação – IDEB. Tais desafios passam tanto pela formação docente quanto pela remuneração, além de melhorias na infraestrutura física das escolas, assim como a renovação da frota tecnológica das escolas e apoio tecnológico docente.

Após 100 anos de emancipação, temos muito que comemorar e parabenizar nossa Princesa do Norte. Parabéns, Colatina!

CARTA À PRINCESA DO NORTE

CINTHIA MARA CECATO DA SILVA

Professora de Língua Portuguesa há vinte anos. Graduada e pós-graduada em Letras, adotou a leitura e a escrita como lugar nobre de reflexões e permanência.

Colatina, inverno de 2021

Prezada Princesa,

Em circunstância das comemorações do aniversário centenário de tão honrosa personalidade, motivei-me a enviar a você esta carta, refletindo sobre algumas interseções entre sua história e minha trajetória, traçada no mesmo compasso de tempo e de espaço. A relação de cumplicidade dá visibilidade ao quanto de você há em mim, por isso peço licença para tão íntima interlocução.

Buscar na memória alguns aspectos acerca dessa relação, tão ímpar a partir de meu olhar, permite-me fortalecer ainda mais nossos laços, configurando, ao mesmo tempo, um exercício de admiração e de gratidão por minha parte. Sou imensamente grata a você, querida Princesa do Norte! Sob sua tutela, tornei-me, dentre outras possibilidades, cidadã orgulhosa, filha honrosa, esposa dedicada, solidária amiga, profissional arraigada e mãe incansável.

Durante este reinado merecidamente vitalício, pude testemunhar fatigantes etapas e importantes transições. Das mudanças nas paisagens naturais às transformações realizadas abruptamente pelo homem; das presenças ilustres aos eventos fatídicos; da tímida imigração ao aumento demográfico vultoso; dos pioneiros e memoráveis bairros aos novos e planejados loteamentos, tudo concorre para a edificação de um notável legado. Essa conjuntura de fatos tornou-a forte e prestigiada, permitindo perceber como o fluxo do tempo contribuiu para a dinamização dos espaços, da cultura e do exercício de uma cidadania permeada de valores.

Sabe, Princesa, ao externar admiração por meio desta

correspondência, percorri uma espécie de linha mental do tempo, em que fatos importantes de minha vida coincidem com aspectos do seu progresso, condicionado ao calendário da modernização. Retomá-los, aqui, especialmente, torna-se um antídoto para o revigoramento e para o planejamento dos próximos passos, criando expectativas sobre o futuro iminente.

Além de exaltar os anos de sua existência, gostaria de compartilhar alguns sentimentos e versões de mim mesma, provenientes de resignadas conquistas e, também, de eventuais fracassos. Desde o nascimento, meus pais conduziram-me pelas sendas de sua geografia tão peculiar; depois, autonomamente, fui guiada por minha sensibilidade e impulsionada pela atmosfera de generosidade que contorna seu vale e suas divisas. Confesso que a adotei como companheira silenciosa. Elegi-a como minha principal interlocutora. Obrigada por ouvir-me com tanto respeito, por meio de um diálogo mudo e acalentador, inerente à sua condição. Em cada etapa de minha vida, estimada e querida Princesa do Norte, sua onipotente presença honrou meus caminhos. Sinto-me acolhida, tanto por olhares quanto por esquinas, atalhos e becos.

Na infância, as ruas, muitas ainda sem calçamento, ajudaram-me a descobrir o valor da amizade, transformando cada instante vivido em fagulhas de inocente felicidade. Do pique-esconde ao pega-pega, sem ainda o advento da tecnologia, seus braços puderam me enlaçar, promovendo o ritmo entoado pela melodia mais adequada ao meu tempo. Resgatando essas confissões, o sorriso largo abre-se em meu semblante, devolvendo a certeza de que o conjunto desses momentos e experiências marcantes compõe quem hoje sou. Já a fase da adolescência, confesso, configurou-se como a dos medos e das primeiras experiências: tomar o coletivo sem a orientação materna; atravessar a Ponte Florentino Avidos, testemunhando, ao vivo, o espetáculo do pôr do sol; transitar pelo diversificado e acolhedor comércio local; lanchar na padaria mais próxima; frequentar a escola mais promissora. Nas

rememorações desses eventos, você aparece, reiteradamente, figurando como glamouroso pano de fundo.

Dentre as inúmeras saudades, lembro-me, especialmente, da sensação despertada quando foi inaugurada a larga e extensa avenida paralela ao rio Doce. O caminhar pela via tornou-se um pretexto para uma aproximação real do imponente manancial, visto, na maioria das vezes, a partir da distância que os veículos permitiam. Cortando a espinha dorsal do mapa que representa seu território, ligando, ao mesmo tempo, os dois lados desse mesmo corpo, protegido pelos numerosos morros, o rio Doce traz a força de sua personalidade.

Nos domínios desse território centenário, onde há a imagem de um Cristo eternizado em estátua, minha família frutificou: meus filhos assinam seu sobrenome, honrados com o brasão de sua nobreza. São também colatinenses e, irmanados no propósito imperativo do “Trabalha e confia”, contribuem para o jugo que edifica o agitado cotidiano que a preenche de muitas narrativas. Ah, lembranças intermináveis! Descritas, tornam-se suficientes para desejar a você tantos outros séculos de história. Apesar da onipotência de suas virtudes, Princesa, você caminha, humildemente, ao nosso lado. Na cadência dos dias vividos, seu exemplo de amor conduz aos que a elegeram como terra de desbravamentos.

Sinta-se coroada, Alteza!

Atenciosamente,

Mara da Silva

BELA COLATINA

CÍNTIA APARECIDA DE ALMEIDA

Aluna da Faculdade Castelo Branco, cursando Licenciatura em Pedagogia, 5º período.

Que bela e grandiosa se tornou você, Colatina,
Antes, por ser só matas e nada a oferecer, poucos em você
acreditavam,

Até ver o seu florescer;

Aos poucos foram chegando, de um em um aumentando, logo
estava populosa e com progresso chegando,

Depois de tudo pronto com estradas de ferro a levando para lá e
para cá.

Ganhou um apelido carinhoso, Princesinha do Norte, isso é
evolução a chegar,

A evolução veio depressa a todo vapor encantando o seu povo
com muito amor;

Seu rio, que encantará os olhos de muitos, com águas doces para
suprir a sede de toda gente;

O seu povo, a sua cultura e a sua fé, não há outra igual, é você
mesmo, Colatina, especial como é.

As suas montanhas, o seu pôr do sol, não há quem se espelha;

Deus não ensaiou, ele a fez de primeira;

Cidade acolhedora a todos que aqui chegarem, verdadeiro
coração de mãe, sempre existe mais um lugar para aquele que precisar.

Com todo esse aconchego, não posso deixar de falar que, afinal,
seu nome veio mesmo de uma mãe de dez filhos, com muito amor a
cuidar.

Hoje fico a pensar quão formosa se tornou, independente, cheia
de luz,

Querida Colatina, seu centenário chegou, é hora de agradecer por tudo que passou e comemorar com seu povo que, por você, tem tanto orgulho e tanto amor.

Você é uma cidade de que jamais posso esquecer! Em meu coração sempre terá um lugar para você.

Parabéns, Colatina!

DE FRANSILVÂNIA A SÃO SILVANO, CRESCENDO E ILUMINANDO

CLAUDIA REZENDE TARDIN DE CASTRO

Colatinense, professora, pedagoga, arte-educadora e contadora de histórias. Filha caçula de Paulo Cerqueira Tardin e Nilma Rezende Tardin.

Todo início guarda uma história, e esta é a história da minha família e de como ela chegou a Colatina, mais precisamente ao bairro de São Silvano, por volta do ano de 1956.

Meus pais nasceram em Bom Jesus do Itabapoana, no estado do Rio de Janeiro. Lá eles se casaram e em 1955 tiveram seu primeiro filho, ao qual chamaram de Nilo.

Ocorreu por volta do ano de 1956, em Bom Jesus do Itabapoana, um desastre natural. Fortes chuvas e muito granizo destruíram a plantação dos meus pais e de todos os outros agricultores do lugar. Tal episódio deixou a região em situação econômica muito difícil; por esse motivo, meus pais resolveram tentar a vida em outro lugar.

Chegando a Colatina, Paulo e Nilma se instalaram ao norte do rio Doce, numa região da cidade conhecida por Fransilvânia, e iniciaram o trabalho arrendando um bar que até então era dos meus tios. Recomeçaram suas vidas numa cidade que crescia sem parar. Paulo, no balcão, e Nilma, no fogão, com o apoio de minha avó materna e de outros familiares que vieram para ajudar.

O “Bar do Paulo” logo ficou conhecido em toda a cidade. Vinha gente de todo lugar para lanchar com a família ou levar as gostosuras para casa. Não havia muitas opções de lazer na época; dessa forma, o bar era frequentado por todos os tipos de público e em todas as horas do dia e até noite adentro.

Apesar do crescente progresso vivenciado pela cidade de Colatina, na época não havia iluminação pública na localidade de Fransilvânia, por

isso as pessoas que frequentavam o Bar do Paulo, à noite, assim como as famílias que moravam nas redondezas, sentiam-se inseguras com o escuro total da rua, assim como de todo o bairro. Para um lugar que estava em pleno desenvolvimento, parecia absurda a falta de luz elétrica que já tinha chegado a outros locais da cidade. Por esse motivo, meu pai dirigia-se, constantemente, aos órgãos públicos municipais para dialogar com os agentes e responsáveis da época, a fim de solicitar iluminação pública para a principal rua do lugar, que hoje conhecemos como Avenida Sílvio Avidos. Muitas foram as solicitações, não só dele, como também de outros moradores de Fransilvânia, mas a luz não chegava e a insegurança continuava.

Foi com alegria e animação que os moradores receberam os postes de madeira que foram instalados na rua; contudo, a luz, propriamente dita, não chegava. Em certo momento, meu pai teve uma ideia que, para ele, parecia ótima, resolvendo, então, iluminar Fransilvânia. Seguiu o plano de preparar tochas de bambu recheadas com chumaços de estopa e embebidos em bastante querosene, amarrando firmemente as tochas nos postes de madeira, ao longo da rua, nas imediações do bar.

Quando a noite chegou, ele pegou uma comprida vara, amarrou um chumaço na ponta, botou fogo e foi colocando em cada tocha amarrada nos postes. Deu-se a luz em Fransilvânia. O fogaréu em cada poste dissipou o breu e foi motivo de curiosidade, atraindo a vizinhança que veio ver a rua toda iluminada, clarinha de fazer gosto.

Não tardou, e logo a polícia chegou, dando um “pito” homérico em meu pai, que precisou da intercessão de um parente advogado, Senhor Deusdete, casado com Mariazinha, para livrá-lo da encrenca de ser acusado de quase causar danos aos postes de madeira recém-instalados.

Coincidência, ou não, logo depois das luzes de fogo que meu pai botou nos postes, a iluminação pública, de verdade, chegou a Fransilvânia, para alegria e alívio dos moradores e frequentadores

noturnos do Bar do Paulo.

E depois de resolvida a encrenca com a polícia, meu pai contou esse fato, que aconteceu por volta do ano de 1957, por anos a fio. Ele ria bastante, tapava e esfregava o rosto com as mãos, demonstrando uma vergonha bem-humorada. E quando terminava de narrar a verdade que acabou virando caso, ele se vangloriava dizendo ser o iluminador público de São Silvano, falando assim: *“Fui eu o primeiro a trazer iluminação pública ao nosso bairro, eu trouxe um bocado de luz a São Silvano!”*

A Fransilvânia que meu pai deixou acesa, nessa época, já era vulgarmente chamada de São Silvano e foi o Padre Missionista Fulgêncio do Menino Jesus que interferiu e o nome foi trocado de fato.

O tempo foi passando, as coisas foram melhorando, foram nascendo outros filhos: Paulo, a quem chamamos de Kuka; Gorete; e eu, Claudia, que, carinhosamente, sou conhecida por Cacá.

Resolvi recontar essa história que é verdadeira, porque eu a ouvi muitas vezes, contada pelo meu pai e confirmada por minha mãe. Era tão divertida e cheia de aventura que até parecia uma história inventada.

Meus pais acompanharam o desenvolvimento e foram testemunhas da Colatina que ficou carinhosamente conhecida como Princesa do Norte, em virtude do papel de destaque que ocupou na economia capixaba, no passado, em que aqui chegaram e foram acolhidos por essa terra, que trouxe possibilidades e muita luz ao nosso viver.

SURGE UMA NOVA LIDERANÇA...

CLEUBER MELOTTI

Administrador, 49 anos, colatinense, casado com Katia Regina Moraes Melotti, pai de Lorenzo Moraes Melotti, atualmente empreendedor na cidade de Vitória, ES.

Num passado não muito recente, nossa cidade sempre foi referência na formação de lideranças que se destacavam nos cenários políticos, empresariais e culturais. Infelizmente, passamos por muitos anos de estagnação, desânimo e fuga de brilhantes talentos para outros lugares.

Desde bem cedo, sempre vislumbrei o desejo por uma cidade melhor, mais alegre e vibrante, uma cidade “feita para você morar, trabalhar, circular e ter lazer” e, por isso, comecei trabalhando para que alguns sonhos pudessem se tornar realidade. Logo após completar 18 anos, tive a experiência de um processo político, como candidato a vereador. Era 1988, e não obtive êxito. Mas começou aí uma história bonita de dedicação às boas práticas democráticas. Em 1999, e ainda jovem, com um filho (Lorenzo) recém-nascido, seguia minha vida na gerência de qualidade da então concessionária Volkswagen e também atuava como dirigente partidário no PSB (Partido Socialista Brasileiro) em Colatina.

Nas várias visitas que tive o prazer de fazer aos clientes e amigos que conquistei, muitas vezes surgiam as conversas políticas. Numa delas, fui desafiado por um empreendedor a levar ao partido a necessidade de termos uma candidatura própria à prefeitura. Naquele momento, a maturidade de parceiros como Tadeu Marino e Landulpho Lintz permitiu que superássemos alguns preconceitos quanto à presença de um empresário no time, “porque sonho que se sonha sozinho é apenas um sonho” e, assim, pude homologar a ficha de filiação partidária daquele

que se tornaria um grande amigo, parceiro e em quem me espelho até hoje.

“Pois é, por quê? Para mudar a política. Para mudar Colatina”.

Um ano depois, em 2000, contra todos os prognósticos e grupos políticos que se revezavam no poder na cidade, com a ajuda de um caminhão velho, eu como locutor improvisado e a banda “aipim com sal”, estava eleito como prefeito de Colatina o engenheiro e professor João Guerino Balestrassi. Surgia aí a mais nova liderança do Espírito Santo.

“Tudo pode mudar pra melhor!”

Guerino formou uma bela equipe e, com inteligência diferenciada e poder de articulação invejável, tornou-se rapidamente uma referência da boa política e de gestão de qualidade em todo o Estado e também em nível nacional.

“Pra frente é que se anda”.

Em 2004 fez mais história, quando se tornou o primeiro prefeito reeleito da cidade, consolidando o retorno de Colatina ao debate político estadual, e jamais se furtou em apoiar a formação de novos atores que ocupassem espaços em todas as esferas de poder para fortalecer os benefícios que poderiam voltar ao município. Muitos ajudaram, outros nem tanto. A cidade melhorou, cresceu, a autoestima da população foi impactada fortemente, atraiu novos negócios e começou uma nova trilha rumo aos tempos áureos de seus 100 anos.

Sua trajetória ficou ainda mais marcante com as passagens pela presidência da Associação dos Municípios do Espírito Santo (AMUNES), pela vice-presidência da Confederação Nacional de Municípios (CNM), bem como na direção do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes) e de algumas secretarias de Estado.

Tive a honra de participar de seus primeiros oito primeiros anos de governo na direção do Sanear, onde implantamos dezenas de políticas públicas em prol da população que mais precisa. Também o acompanhei

no Banded, quando ajudamos no fortalecimento do NossoCrédito e na atração de novas empresas para o Estado, dentre outras ações. Para mim, fica a marca de uma bela história de dedicação, humanidade, inovação, planejamento estratégico e desenvolvimento sustentável.

“Experiência para avançar!”

Agora, em 2021, no ano do centenário, Colatina está de parabéns por ter reconhecido isso tudo e ter permitido que esse seu filho ilustre, Guerino Balestrassi, pudesse novamente ter o privilégio de ser o condutor da Princesa do Norte. O primeiro e único em 100 anos a alcançar essa posição pelo terceiro mandato. Parabéns, Colatina!!!

LEMBRANÇAS COLATINENSES

DANILO SÉRGIO SALVADEO

Nasceu em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em 1949, veio para Colatina com dois meses de idade e nesta cidade foi criado. Jornalista profissional há 46 anos, voltou a Colatina em 1963 e retornou em 1977.

Dos 100 anos que Colatina comemora em 22 de agosto de 2021, uns 12 eu vivi nesta acolhedora cidade. Trem a vapor e os apitos do barco Juparanã são duas gratas recordações que tenho do meu tempo de criança no bairro Colatina Velha. Morava em um sobrado no início da ladeira que dava acesso ao quartel do Corpo de Bombeiros. Foi ali que ralei os joelhos muitas vezes nas descidas em carrinho de rolimã. Minha brincadeira favorita era colocar pedras de brita nos trilhos e ficar observando-as trituradas pelas locomotivas que puxavam vagões de minério. A gente acordava mais cedo nos dias em que o vapor Juparanã saía para Linhares, emitindo barulhentos apitos.

Eu estudava no Grupo Escolar Aristides Freire e me lembro da minha primeira professora, Carminha Margotto. Em Colatina Velha tenho o rio Doce como referência da infância, que me encantava por suas praias em tempo de seca. Eu e meu irmão pescávamos lagostas de água doce, piau e moreia. Também me lembro da velha igreja católica e suas quermesses, na porta da minha casa.

Em Colatina Velha passei alguns apertos. Na primeira vez, quase morri envenenado – eu e meu amigo Bininho – quando tiramos alguns pinhões no quintal da primeira casa no início da ladeira, descascamos e comemos as sementes, pensando que eram coquinhos. Fomos parar no Hospital Sílvio Avidos e lá ficamos uns três dias internados. Na segunda vez, foi ainda pior. Encontrei um rojão na estrada que levava ao centro da cidade e, sem saber muito o que era, achando ser uma bombinha inofensiva, enfiei o artefato no buraco de uma lajota na calçada de casa,

busquei uma brasa na cozinha e a trouxe em uma colher – naquele tempo se usava muito o fogão a lenha –, colocando-a no buraco. Foi uma explosão tamanha que os moradores do bairro inteiro correram para o local. Um vizinho me levou de carona ao hospital, de bicicleta, e lá estava eu novamente pagando pelas artes de criança.

Vivi em Colatina Velha uma infância de travessuras, muitas incompreendidas pelo meu pai, que era um sujeito muito esquentado, mas sempre protegido por minha mãe, Jeny. Eu aprontava e ele chegava em casa querendo me bater, e eu fugia, ficando, às vezes, até três dias pelas ruas do centro da cidade, dormindo em portarias de edifícios, que ainda não tinham porteiro e nem dispositivos de segurança, porque a vida era tranquila na cidade – e pedindo comida a casais de namorados nas varandas de suas casas. O vapor Juparanã me trouxe um episódio lamentável quando ficou encalhado e abandonado no local em que hoje funciona o Plenotel. Eu e meu irmão aproveitamos e passamos a retirar ferro velho para vender, até que os policiais passaram e nos levaram para a delegacia, onde ficamos a tarde toda, até uma das minhas irmãs ir lá nos tirar.

Em 1958 mudamos para o bairro Maria Ismênia e ali adotei o rio Santa Maria para nossos banhos e pescarias. Foi uma fase ótima em nossas vidas; com poucos recursos financeiros, não passávamos fome, pois tirávamos o sustento no rio. Em tempo de enchente, a gente estendia uma rede na superfície e íamos recolhendo abóboras, chuchus, melancias e outras verduras e frutas que desciam pela corrente. Mas a criança que aprontava muito continuou fazendo suas estrepolias, como viajar sem pagar nos ônibus vermelhos e brancos da Viação São Silvano e colocar na caixa um passe escolar falsificado, cor de rosa, quando saía do Aristides Freire.

Passados menos de quatro anos, lá estava eu de volta a Colatina, agora vítima das minhas estrepolias pré-adolescentes em Linhares. Meu pai, alegando que eu não tinha jeito, me internou no Marista, onde fiquei

menos de dois anos até ser expulso, no meu entender, por um motivo justo. Fiz amizade com um dos cozinheiros e ele revelou que os irmãos maristas que comandavam a instituição mandavam colocar um remédio inibidor de apetite sexual na comida. Imaginem cerca de 150 alunos nas divisões de maiores e menores submetidos a isso? Foi um caos assim que espalhei a notícia, e, para a expulsão, foi um passo. Essa fase do Marista foi uma época para esquecer! Mas tenho uma boa lembrança de lá, quando o então Ginásio Nossa Senhora do Brasil levava os alunos para o desfile escolar de 22 de agosto, aniversário do município, e eu exibia, com orgulho, a camisa branca de mangas compridas, com detalhes em vermelho e, no peito, as iniciais da escola em vermelho: GNSB. Também ajudava nas missas de domingos, como coroinha, mais para poder beber a sobra do vinho, ao final.

NOSSA AMADA COLATINA

DANUTA MARGARETI ZBYSZYNSKI
Professora (agora aposentada) e membro da ALARC.

Bons tempos trouxeram-me a Colatina, esta cidade que já fazia parte da minha vida desde a estada em São Domingos, lugar em que vivi as travessuras de criança aliadas às harmoniosas brincadeiras da infância.

Todavia, foi a pequena vila Fartura (São Gabriel da Palha), o primeiro berço a embalar-me os sonhos, lugar aonde eu retornava, sempre que possível, para viver as traquinices permitidas ao despertar da vida. A estada em São Domingos foi o suficiente para o início dos estudos e, porque necessário se faz prosseguir na busca do conhecimento, vi-me aqui, na amada Princesa do Norte, desfrutando de todo o bem que me ofertaria esta nossa amada Colatina.

Ao que se permite à inocência de qualquer criança senti-me acolhida tão gentilmente que parecera ter aqui nascido e, até então, vivido aqui, tal estado de pertencimento interioriza-me. O prosseguir da educação formal deu-se no Colégio Estadual “Honório Fraga”, onde fiz novas amizades, dessas que intermedeiam conhecimentos e brincadeiras.

Tempo passando sem deixar de oferecer a cada um a oportunidade de desfrutar a vida diariamente. Assim, tenho registros vívidos das alegrias, mesmo porque lembranças tristes não cabem em tempos de festejos, servem, isso sim, a aprendizagens. Cá estou entre fotografias meio amareladas, outras nítidas, a recordar fatos que vivenciei nesta amorosa cidade.

E debulho o tempo pousando os olhos na foto da menina em traje de porta-bandeira do desfile cívico-escolar, apresentando-me à frente da corte acomodada em palanque para apreciação do que era o espetáculo principal dos festejos da nossa amada Colatina.

Noutro instante, olhos pousam e meio paralisada revejo-me em traje azul junto a outros colegas, coreografando *L'amour est bleu* (tradução portuguesa: O amor é azul – música apresentada no Festival Eurovisão da Canção 1967, realizado em Viena). A responsabilidade do ensaio para a nossa apresentação foi da professora de Educação Física, Dona Carmem, energia e luz muito além da que havia em nós, seus alunos. Ah, só lindeza era ela!

Maravilho-me com tudo isso, corroborando com o dizer de que a arte representa a vida quando, num leve mal-estar, sinto que fecho com força uma das mãos como se ela ainda contivesse pequenos pedaços que pudera recolher quando da retirada dos trilhos, que já não mais atravessariam o centro da nossa Colatina para a passagem do trem. Era preciso dar espaço à chegada das benfeitorias promissoras do progresso.

Qual o quê! Passada a intranquilidade, lembro-me bem de que seguimos eu e alguns colegas rumo à nova estação. Íamos a pé, entoando a linda melodia "... saudades eu de ti sempre terei...". Em cada um de nós o aprendizado de que é preciso fechar ciclos e o ano seguinte, 1976, prenunciava nossa despedida do Colégio Estadual Conde de Linhares. Outras tantas imagens admiráveis! Abraço-as todas, com mente e coração... Vida que segue.

É bem verdade que a Princesinha do Norte nada promete aos seus acolhidos. Ela sutilmente encanta almas com suas paisagens floridas exuberantes de luz, paz e tranquilidade para que frutifiquem as alegrias. Permite seja encontrado em seu seio inspiração e roteiro, condimentos essenciais à arte. Com seus rios, vales e suas serras, que demarcam cidades e vilarejos, lugares estes plantados sob espelho rutilante do seu pôr do sol, faz inflar nosso coração da misericórdia do altíssimo para, em unidade, pedirmos: que venham muitos centenários para celebrarmos nossa amada Colatina!

CENTENÁRIO DE COLATINA: MEMÓRIAS DE UMA CRIANÇA

DENISE DE SOUZA PIMENTEL
Enfermeira aposentada, poetisa, morando em Vitória desde 1974.

Não sei precisar o ano, entretanto, o que importa o tempo quando você é uma menina ousada, que acredita ser eterna, um ser imaginativo? Ah! O tempo, inesgotável mundo de ilusões! O olhar vagava ao longe sem sequer me preocupar se a minha ausência seria notada. A fantasia me mantinha cativa e, atravessar a ponte, um desafio a pensar. Por que tanto medo no caminho quando me punha o rio a olhar? O rio Doce seguia seu curso naturalmente, sem se importar com os medos de quem se atrevia a desafiá-lo. Ir além dos morros. O que haveria além do horizonte que os meus olhos míopes tentavam enxergar?

“... busquei nas minhas lembranças e vi que o tempo passado não tinha apagado o amor que sempre existiu em mim” (PIMENTEL, Denise de Souza. *Reencontro*, 1993). Nasci em Colatina em 1955 e tenho histórias a contar. Filha de pais nordestinos que vieram para esse santo estado em busca de melhores condições de vida; chegar a Colatina era o objetivo. Seu José e dona Helena vieram para Colatina a convite do seu João Monteiro e sua esposa, dona Sevigne, tios da minha mãe, proprietários da Loja das Noivas. Mamãe, professora; papai, comerciário.

As praças, o cinema, a linha do trem que me fazia ir de um lado a outro, em um gostoso vai e vem, são marcos importantes que fizeram parte da infância que aqui estou a resenhar. Lembrar-me da Praça da Igreja da Matriz é evocar alegrias, fanfarras e fantasias, é evocar alguém marcante, de quem não nos esqueceremos jamais: o maestro Walfredo Rubim. Ele tinha cara de bravo, mas como nos encantava! Imagens dele com sua banda a tocar, em dias de festividades, ou simplesmente, na

praça a ensaiar, continuam comigo. Nas alvoradas festivas, o povo em romaria a banda acompanhava: uma festa!

Seguir os trilhos, enfim, resgatar a minha infância é o meu propósito porque em algum lugar a deixei ficar. No Morro da Caixa D'Água eu vivi, mais do que qualquer pessoa, uma infância feliz. Lá estava o verde, a mata, a árvore do chiclete, o campinho com os sacis – que a dona Malvina jurava encontrar, quando ia trabalhar, bem cedinho. Ela advertia que não aparecêssemos lá sozinhos, nas madrugadas, pois, certamente, alguns sacis encontraríamos. Caso fosse inevitável, acrescentava, havia um segredo: trazer nas costas uma peneira. Ela deveria ser jogada no centro do redemoinho, onde um saci poderia estar. Preso, o saci emergiria da poeira.

Em passeio pelas ruas da cidade, o que mais chamava minha atenção era o trem de passageiros, e estar na Segunda Estação, vendo gente chegando, gente partindo, ah! aquela mistura de sorrisos, lágrimas e emoção afetava-me. Na mente da menina sapeca, a professora e historiadora, Mariah Dias de Jesus, a madrinha da moleca que ao passado lhes conduz, era a dona da estação. Repetia alto e bom som: a madrinha mais rica é a minha, pois é a dona da estação! Seu Aníbal, meu padrinho, homem de grande conhecimento, contava-me fatos sobre governadores e presidentes. A Praça Municipal de encantos mil fazia a alegria da garotada naquele pedacinho de Brasil; nas suas árvores frondosas e antigas reinavam mistérios e magias. Lembro-me do pipoqueiro, do homem do picolé, dos parques e circos, dos shows de música, dos movimentos religiosos e de muita expressão de fé. Erguem-se, na minha memória, a Câmara Municipal, o Colégio Aristides Freire, o Iate Clube e outros prédios; uma fonte que iluminava o coração da cidade, onde, na minha imaginação, viviam sereias e iaras.

Estudar no “Conde de Linhares” foi realizar meu maior desejo, sair da barra da saia da mãe para me tornar uma adolescente de respeito. Saudade do cine Idelmar, dos domingos da infância e da adolescência,

das muitas histórias... Lembro-me bem das Casas Buri, que ficavam ao lado da Dalla Bernardina, na Rua Expedicionário Abílio dos Santos e, também, da Loja Valory, um pouco mais distante. Ainda, do Dr. Ribeiro, pediatra renomado que me atendia: enquanto tomava soro eu me vingava, cantarolando: Dr. Ribeiro catibiribeiro, serramantiqueiro, firifiribeiro. Lembro-me bem do Valter, da farmácia, que sabia nos enganar tão bem, uma agulhada assustava, mas não matava ninguém.

Lembro-me de outros colatinenses, diretoras, professoras e servidores que contribuíram para que muitos filhos de Colatina se destacassem em cenários maiores. Do “Grupo Carolina Pickler”, Teresa Dalla, Helena Pimentel, Maria Olinda Moraes Rueda, *in memoriam*. Feliz por estarem, ainda aqui, Delza Pulcheri, Claudy Zacché Avellar. Do magistério, na Escola Estadual e Escola Normal “Conde de Linhares”, tenho a honra de destacar, entre tantos, Cornélio, inspetor e professor de teatro; e a professora Diná Henriques, que me incentivou a escrever, mesmo que só fosse eu a ler.

E, assim, termino o relato de parte das histórias que tive prazer em compartilhar. Deixo aqui o meu legado e os meus parabéns a todos os colatinenses.

100 ANOS DE NOSSA PRINCESA

DIDA CARVALHO
*Compositor e intérprete da Escola de Samba
Acadêmicos de São Vicente.*

Trago no samba meu recado
Levo esses versos pra vocês
O que se espera é outra era
Juntos de mãos dadas caminhar.

Cidade do interior, o nosso amor
A Saúde cresceu com a Educação
Seu primeiro Centenário
Está em nossos corações.

Vitória a Minas, a Estrada de Ferro
Com o progresso contribuiu
Trazendo de todo lugar
É pra se orgulhar, nós somos Brasil!

Um povo sempre acolhedor
Tem tradição de hospitaleiro
Comércio e Indústria a prosperar
Terra de mulher formosa
De homens que sabem trabalhar.

É sentir o rio Doce deslizando
Espelhando um pôr do sol que fascina
Tem calor e o mais sublime luar
O nosso lugar... És Colatina!

MICROCONTO DO ROMANCE DA MENINA E O RIO NOS TEMPOS DA PANDEMIA

DIMAS DEPTULSKI
Aprendiz de poeta.

Como nos contos, era uma vez.... Não duas, nem três... Como nos contos...

Já faz tanto tempo, eu era menina, mas ainda lembro. O mês era dezembro, um dia antes do último dia, no vigésimo primeiro ciclo do século que passou, e o rio me banhava e eu me banhava no rio. O sol já quase deitando, tingia as nuvens de púrpuras aquarelas e salpicava de estrelas as águas crispadas, tão belas, a me banhar, que parecia um mar de céu no chão.

Nesse dia senti frio, arrepios de verão, aquele frio que a gente sente quando sente que vai se apaixonar. Me apaixonei pelo rio... Me apaixonei pelo lugar... Como só se apaixona nos contos, e ri, como riem os apaixonados que se riem por se apaixonar.

Nesse dia, tudo decidi que eu ia ficar e decidi: vou me casar, casar com o rio desse lugar, e o rio, num remanso de abraços, me envolveu em seus braços de rio e me deitou em seu leito e inundou meu coração de menina.

E ele, tão rio, corria, que sempre rio quando lembro. Eu era tão menina, mas lembro, todo dia, do dia que o rio corria pra abraçar a pequena Colatina.

Hoje, ainda é assim, a menina e o rio, cem anos depois, todos os dias, quando o sol se deita, se deitam no leito pra ver o pintor tingir o céu, com suas tintas mágicas e risíveis, como um mago Filogônio brincando com suas cores impossíveis.

Sem Fim

DE MULHER A VILA ATÉ A NOSSA CIDADE!

DIWANDREY SOUSA STACUL DE MENEZES

Servidor público com o cargo de PMA-III escriturário efetivo, 31 anos, universitário do curso de Gestão Pública na UNIP PAULISTANA, mais conhecido pelo apelido de Diw.

Município de Colatina já foi Vila de Colatina em homenagem a Dona Colatina!

Que foi uma jovem inteligente, que além do português falava mais três idiomas: alemão, francês e italiano, mulher paulistana!

Foi esposa de Muniz Freire, um ex-presidente do Estado do Espírito Santo que hoje chamamos de governador!

Seu nome trouxe para a cidade charme e resplendor!

Assim, no bairro Bela Vista, desde 1975, temos para visitar a estátua do Cristo Redentor!

Possui uma fonte de água que em 2015 resistiu a força humana e só bem para nós colatinenses trouxe!

Rio que é a principal captação de água do município, o Rio Doce!

Cidade nasceu levando a economia muito a sério!

Já teve onde é o centro da cidade a estrada de ferro!

Possui uma biblioteca, cujo prédio, que era um armazém, foi uma doação da Vale do Rio Doce!

Hoje nesse espaço os estudantes pesquisam o que precisam!

Conta com um Estádio Municipal, desde a década de 50, que é palco de eventos que brilham!

Estádio esse com a capacidade máxima de 5 mil pessoas com o nome Justiniano Melo e Silva!

Não há como não citar a vista linda no final do dia, que deixa qualquer um contente!

No Brasil tem o mais bonito e belo Sol Poente!

NAQUELA ÉPOCA... HOJE...

DULCE AUGUSTA BARBOSA ARAUJO DE CASTRO

Nasceu em Itaguaçu, em 11 de junho de 1933 e aos 4 anos de idade veio para Colatina, de onde saiu na década de 1950 e retornou em 2021.

Escrevo lembrando minha vida aqui em Colatina, onde cheguei aos 4 anos de idade com meus pais e mais 9 irmãos. O mais novo nasceu nesta cidade. Éramos ao todo 11 filhos de José Luiz Moreira de Araujo e Izolina Barbosa Moreira de Araujo. Como dizia meu pai, um time de futebol. Meu pai era promotor público; minha mãe, do lar.

Minha infância foi alegre, com várias brincadeiras, e as coleguinhas eram crianças felizes e peraltas. Lembro-me do meu primeiro baile de Carnaval, numa matinê do Clube Recreativo Colatinense. Eu, com 6 anos de idade, e mais 5 coleguinhas formamos um bloco fantasiadas de dama antiga. Era uma fantasia longa e por sinal muito bonita e muito chique.

Aqui nesta cidade passei também momentos de apreensão, porque grande parte de minha infância transcorreu durante a Segunda Guerra Mundial. Eu via e mesmo sentia a apreensão de minha família com as notícias da guerra, que acompanhávamos no rádio. Testemunhei cidadãos carregando a bandeira pátria estendida, arrecadando utensílios de alumínio que eram colocados sobre o estandarte nacional. Diziam que era para construir artefatos bélicos, mas não sabíamos ao certo que destino seria dado a esse material. Essa campanha correu o Brasil, e as pessoas faziam questão de contribuir. Quando a guerra acabou, eu já estava com 12 anos.

Minha vida de estudante iniciou-se no Grupo Escolar Aristides Freire, sob a direção do professor Bartouvino Costa. O curso ginásial foi feito no Ginásio Conde de Linhares, particular, de propriedade do professor Aloísio Barros Leal. A esse cearense pioneiro do ensino

ginasial, habilitação para o magistério e científico em Colatina, rendo minha homenagem. Eu digo pioneiro porque só existia aqui o curso primário, oferecido pelo Grupo Escolar Aristide Freire e pelo Colégio das Irmãs.

Naquela época... Hoje... Que lições o passado pode nos revelar quando o relembramos? O que sentimos ou que interpretações fazemos de acontecimentos progressos? Para embasar essa reflexão, contarei um episódio por mim vivenciado no Ginásio Conde de Linhares.

Meus 15 anos, quarta série ginasial. Todos de minha classe eram excelentes colegas. Os professores eram competentes e bondosos, inclusive o diretor, professor Aloísio. Chegamos ao fim do ano escolar, as provas escritas já feitas, começamos as provas orais.

Chegou o dia da prova de matemática. Eu estava confiante, pois sabia toda a matéria. Nosso professor era o Thelmo Motta Costa. Os pontos a serem sorteados estavam escritos em papéis e colocados bem enroladinhos numa cumbuca em cima da mesa.

O professor começou a chamar os alunos, em ordem alfabética, para resolverem no quadro-negro as questões sorteadas. Quando chegou na letra D, ele chamou Dilma, depois Dulce Zouain... pulando o meu nome.

Eu disse: – Professor, o senhor saltou o meu nome.

Ele retrucou: – Barbosa, você não se importa de ficar por último? A Zouain já sorteou o ponto...

– Não me importo, eu respondi.

Nisso, olhei para um colega que estava com seu caderno de matemática aberto e pedi a ele para dar uma olhada na matéria. Esse colega era o Iomar Queiroz. Ele me cedeu seu caderno e comecei a folheá-lo. Descobri, admirada, que eu não tinha estudado um ponto que constava do material dele, e pedi que ele me explicasse aquele conteúdo, o que ele fez enquanto minha vez de ser arguida não chegava.

Eu, no entanto, ia ficando cada vez mais apreensiva porque os

professores de outras matérias, tendo finalizado as provas orais com seus alunos, começaram a entrar na sala para esperar o professor Thelmo. Fazer prova oral com o arguidor já é difícil, imagina com outros professores na sala... Meu Deus! pensei, ao ver mais um entrar. Até o professor Aloísio!

Pouco antes de ser chamada, eu já sabia a matéria que o Iomar me explicara.

– Dulce, pode sortear o ponto – disse o professor Thelmo.

Vocês calculam qual foi? O mesmo que eu havia aprendido ali dentro. Fiz uma prova excelente! Fiz por merecer 10, a nota máxima. Olhei para meu colega, que estava à janela e assistira à minha demonstração, no quadro-negro, e dei um meio sorriso em agradecimento. Se não fosse ele, eu teria fracassado no exame e, pior, na frente de vários professores da escola. Naquela época, nem refleti sobre a coincidência; hoje, acredito que foi proteção divina nesse episódio, mais um nesta minha caminhada terrena.

AMO COLATINA

EDIR JOVINA BATISTA SANTIAGO

Natural de Colatina, moradora do Bairro Aparecida, comerciante.

Técnica em contabilidade, tradutora de língua de sinais (libras).

Cidade maravilhosa
Outra não há entre mil
Quem já viu o seu pôr do sol
Brilhar no céu do Brasil

Entre campos e estrelas
Cachoeiras, matas robustas, forte
Esta é a nossa cidade
Colatina Princesa do Norte

Nas ruas, calçadas, passarelas...
Encantadas as pessoas passam por elas
Aguardando o anoitecer
Para na avenida ir correr

E a ponte! Seus pilares iluminados
Histórias comoventes
Dando um ar de superioridade
A quem visita esta cidade

Nossa terra, nossa cidade, nossa Colatina
És bela, formosa e bacana
Com exuberante rio Doce
Sobrevivente da tragédia de Mariana.

FILÓ GÊNIO

(HOMENAGEM AO NOSSO ARTISTA PLÁSTICO E
ESCRITOR FILOGÔNIO BARBOSA DE AGUILAR)

EFRAHIM MAIA

Colatinense, músico, compositor e membro da ALARC.

Artista?

Não!!! Gênio!

Que com seus escritos,

Poesias, contos, romances,

Tudo dizia em uma só nota dissertada

Em cafezais, do Doce Rio

Amargo na memória de tantos meninos

Que nos seus areais

Brincavam de bola, pulavam barrancos e bueiros

E descansavam nas sombras de tantos ingazeiros!

Gênio!

Que com grafite riscava

Em traços, linhas imaginárias,

Saídas de carretéis,

Tornando em tela as cores da tinta

Esburrada de tantos pincéis!

Ali surgia imaginação, criação e criatura

O concreto e o abstrato!

Revelando um novo retrato que

No passado foi fato,

No presente, o achado que

Sempre será lembrado.

Gênio?

Sim!!!

A JEITOSA PRINCESINHA DO NORTE

EMANOELI AGUIAR

Nasceu na cidade de Colatina, em 1997. Estudou na EEEFM Geraldo Vargas Nogueira. É graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Castelo Branco.

Isso é Colatina,
a diversidade predomina
a movimentação é tanta
que o amor se dissemina.

As ruas precisam de ajuda
as pessoas nelas jogam lixo,
e nada muda.

Cidade de grande criatividade,
que foi crescendo conforme o tempo.
Nela há felicidade, pessoas e mora também o medo.
Numa noite muito escura é arriscado sair,
é possível ser furtado, não pode ser abestado.

A lua se veste de amarela
quando se encontra com o rio Doce,
“nosso céu tem mais estrelas”
feito a água que corre por baixo da ponte.

Com a chegada do seu centenário,
a cidade se encontra num cenário de festa.
Muita alegria e euforia encantam a maioria.

Parabéns, Princesinha,
continue assim, jeitosa e muito formosa.
E que venham mais cem anos!

A COLATINA DE QUE OUVI FALAR

ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Professora e escritora. Nasceu em Muqui, em 1933.

Pertence à Academia Espírito-santense de Letras, atual presidente; à Academia Feminina Espírito-santense de Letras, tesoureira.

Quando entrei na Academia Feminina Espírito-santense de Letras, li no livro das Patronas, organizado por Agostino Lazaro, sobre uma delas, Colatina Soares de Azevedo Freire, Patrona da Cadeira 26, de grandes dotes artísticos e culturais, descendente de uma tradicional família de São Paulo, que foi homenageada, por indicação de Afonso Claudio, com o seu nome na Vila de Colatina.

Essa senhora era a esposa de José de Melo Carvalho de Muniz Freire. Ele tinha sido um político destacável, no final do século XIX, e, por duas vezes, foi presidente da província do Espírito Santo.

Coincidências que descobri nessa ocasião: Colatina Freire dá nome ao Município de Colatina; seu marido, José de Melo Carvalho de Muniz Freire, ao Município Muniz Freire.

A partir de 1921, Colatina passa para ser designada Município e, assim, este ano completa cem anos.

Nessa cidade estive só uma vez e foi em 1956, quando, em um domingo, estive visitando um tio meu. Fui e voltei de trem. Espantou-me a tonalidade avermelhada das águas, nada igual à imagem formada em minha infância, quando ouvia falar do rio Doce, com um nome tão significativo e de imagem grandiosa que, pelas informações, provocava-me em minha mente infantis devaneios, acrescentados com as informações que se apoderavam de meu espírito quando ouvia as conversas dos adultos, enquanto eles jogavam bisca.

Entre as décadas de 30 e 50, em minha terra, passavam pelas ruas boiadas. Ao lado dos animais os cavaleiros iam para evitar extravios,

atender a um parto ou qualquer sequela que pudesse obstruir o ritmo do caminhar dos animais.

Na frente da boiada ia um jovem cantando o aboio para atrair o grupo. A cadência era monótona. Muitas vezes junto com elas ia um tio meu a cavalo acompanhando o grupo. Impressionava-me seu porte, vestido com uma capa escura, com aberturas laterais por onde passavam os braços, e a roda ampla da capa cobrindo a anca do cavalo. Sua imagem me fascinava, pois entrevia aventuras por terras desconhecidas. Porém, mais ainda me encantavam os causos que trazia dessas viagens. Ele explicava que o motivo de sair com a boiada era a mudança de pasto e que eles iam em busca de melhores alimentos para o lado da Bahia. Se suas histórias eram verdades ou fantasias, não sei. Mas eu as ouvia e via muito além delas. Eram histórias de travessia no rio Doce. Nas partes mais vazias, ou seja, em época de seca, em que havia ilhotas de areia, deixavam sempre uma rês passar primeiro para ser comida pelas piranhas e assim cruzar o rio os demais animais. Eram onças que se aproximavam das tendas em que se abrigavam. Eram as comidas que faziam e levavam para matalotagem durante a viagem. Eram os miados das onças durante a noite, as enormes jiboias que comiam uma rês e outros animais que enfrentavam durante o trajeto. Eram presenças de índios, com os lábios adornados. Dizia que depois de Colatina a travessia era melhor. Não havia ponte. Também contava que havia um vapor que do mar ia até Colatina. Transportava os passageiros e que ele fez esse percurso. Eu imaginava um rio de águas muito claras e doces. Nem vapor, nem água transparente eu vi quando estive em Colatina em 1956.

Também de Colatina, já no final da década de 50 para início de 60, ouvia-se falar muito em minha casa, nesse grupo de jogadores de cartas dos domingos e feriados, que agora havia se tornado a Princesa do Norte, fazendo par com a Princesa do Sul, que era Cachoeiro de Itapemirim. Diziam que a cidade estava em crescimento, que tinha muita madeira nas redondezas do rio Doce e que era uma terra fértil

para a plantação de café.

Meu primo, Aldo Vieira Machado, se formou para médico e foi para esse lugar. E, além de clinicar, tinha, assim comentavam em casa, uma grande fazenda. Os Fragas, ou Vieira de Fraga, chefiados por Honório, saíram da cidade, para Colatina. Eram os espantados comentários que faziam os homens enquanto jogavam baralho.

Depois fui vendo boas e más notícias sobre Colatina e sua expansão artística, cultural e comercial: rádio, faculdade de Direito, de Letras e um Cristo Redentor. Mas, além do desenvolvimento econômico e cultural, de seu progresso, o município sofreu efeitos de intempéries: uma enchente que abalou a sua riqueza.

Hoje, pelas fotos, vejo uma cidade não como A Princesa do Norte, mas como A Rainha do Norte, pelo seu intenso progresso.

A MENINA QUE QUERIA SENTIR O SOL

FABIANO PIRCHINER PIMENTEL

Membro da Academia de Letras e Artes de Colatina. Formado em engenharia elétrica, desde muito cedo escreve contos e poesias. Faz dessa arte sua terapia pessoal.

Era uma tarde chuvosa e as nuvens negras deixavam alguns raios saírem e tocarem parte da grama no quintal de Aninha. Ela ficava feliz quando conseguia vislumbrar aquele feixe rompendo a atmosfera diáfana. Ficava enrolada em um cobertor fitando da janela de seu quarto toda aquela paisagem ímpar. Enquanto isso sua mãe, dona Maria das Graças, estava na cozinha preparando o café que ela tanto adorava, e seu pai, Flavio Josefo, já tinha saído para o trabalho.

Aninha tinha uma vida diferente: estudava, brincava e, quando possível, socializava em casa. A mãe era sua professora e colega de turma ao mesmo tempo, e seu pai, ao chegar do trabalho, era o colega de brincadeiras. Quando os dias estavam melhores, Aninha recebia os coleguinhas que fizera na época em que frequentava a escola, aí era a parte da socialização que tanto amava fazer.

A vida da garotinha mudara há quatro anos atrás, quando ela tinha apenas três anos de idade. Era sua primeira viagem de férias e os pais estavam muito contentes, pois juntaram suas economias para fazê-la. Iriam, enfim, levar a pequena Ana para conhecer a praia. Todos estavam muito eufóricos, era uma miscelânea de anseio, felicidade e emoção. Depois de passarem algumas horas no carro viajando, chegaram ao destino tão esperado. A vontade de conhecer a praia era tão grande que, mesmo com a tardezinha já findando, deixaram as coisas no hotel e foram para a praia. A tarde estava sem sol, havia densas nuvens, mas deu para Aninha tomar banho e sentir o calor do verão.

Ao cair da noite e já no hotel, a menina começou a se queixar de

uma dor estranha em seus olhos. Os pais acharam que era devido à falta dos óculos de proteção e não deram muita atenção. Com o passar das horas, Aninha continuava com seus lamentos e seus olhos agora estavam apresentando intensa vermelhidão e inchaço. Saíram então desesperados atrás de algum hospital. Depois de muito rodar o vilarejo, encontraram um pequeno hospital e foram atendidos pela única médica de plantão.

Ao entrarem com a menina no consultório, notaram que a médica ficou um pouco surpresa quando lhe explicaram o que aconteceu. Por sorte, na verdade por Providência Divina, a médica tinha a especialidade de dermatologia e estava cobrindo uma amiga naquele plantão. O que a médica falou mudaria para sempre o destino daquela família.

Analisando a pele e os olhos da Ana, a médica diagnosticou que a garotinha era portadora de Xeroderma Pigmentoso, também conhecida por XP. Explicou para os pais que aquelas sardas que ela tinha na pele eram consequência da doença e que ela nunca poderia ficar exposta aos raios solares, pois poderia causar lesões e até mesmo câncer de pele.

Com os corações em nacos, os pais retornaram para casa e não sabiam o que dizer para a menina. Não sabiam explicar por que ela não iria poder sair de casa mais ao dia nem para colher uma flor no jardim, e que teria que passar o resto de sua vida sem sentir os raios do sol.

O tempo passou e Aninha agora com sete anos respirava fundo e falava que seu maior desejo era sentir os raios solares em seu rosto e corpo. Os pais não permitiam tamanha epopeia e ela chafurdava-se cada vez mais em sua melancolia anacoreta.

Até que um dia uma tênue luz surgiu no lar da criança. Seus pais estavam assistindo a um telejornal que apresentava uma reportagem surpreendente contando a história da cidade de Colatina, que também era chamada de Princesinha do Norte do estado do Espírito Santo, prestes a completar cem anos de história. Todos pararam para observar a tela quando viram a imagem tão bela e única do pôr do sol. Aninha estava extasiada com a imagem na tela plana. Os progenitores perceberam que

a garotinha estava encantada com aquela pintura natural e resolveram mudar para aquela cidade tão cativante.

Josefo conseguiu transferência na empresa em que trabalhava e na outra semana empreendeu a mudança para a bela e calorosa cidade. A garotinha estava muito feliz e os pais muito mais por vê-la daquela maneira.

Na tarde do primeiro dia foram para a avenida Beira-Rio, onde tinham uma vista privilegiada do rio, da ponte e das montanhas onde o sol se põe. Aninha, então, sentada em sua cadeira de praia e sem óculos, conseguiu vislumbrar aquela pintura viva. O céu estava lindo, com poucas nuvens, e o sol reinava sobre a tela cristalina e azul. Aninha, boquiaberta, olhava aquele presente tão lindo e perfeito e deixou uma lágrima escorrer por seu rostinho sardento.

E ela pôde sentir o sol finalmente. Não no corpo, mas na alma, que é mais encantador e perdurável.

CENTENÁRIO DE COLATINA

FÁBIO AIOLFI

Artista capixaba e historiador. Trabalha com poesia, teatro, contação de histórias e também em seu canal do YouTube Andarilho Capixaba, onde mostra as belezas de seu querido estado, o Espírito Santo.

Em Colatina,
perto da ponte,
o sol poente
tão lindo como poesia

se faz admirar
na Beira-Rio,
de braços abertos
como o Cristo lá no alto.

O vento que sopra
toda a grandeza
e beleza
das cores
colatinenses
banhadas pelo rio Doce
sempre à espera.

Princesa do Norte,
em seu centenário
de terras botocudas
dizimadas pelo progresso,

Resiste em trilhas e trilhos
nas margens do rio Doce,
encantadora como uma menina,
que um dia já foi.

COLATINA, MINHA MORADA

FERNANDA ANDRADE MOREIRA
*Servidora pública, Assistente Social em formação
e amante da cultura.*

Chegou de mansinho em minha vida, e deixou marcas profundas no caminho, de tristezas arrasadoras, mas também de incontáveis alegrias. A morte de uma pessoa querida, a mesma que me trouxe até aqui, parecia o fim, mas o destino foi sendo traçado e abriu caminhos para um recomeço.

Colatina trouxe-me esperanças, motivações, vivências e experiências que talvez jamais experimentasse em minha terra natal, e, quando me dei conta, já estava apaixonada a ponto de não mais deixá-la, e assim torná-la minha morada. Trouxe o amor que sempre sonhei, nova família, profissão, pessoas queridas, um novo eu.

A cidade do pôr do sol tornou-se minha fortaleza, meu mundo, refúgio, e aqui quero e preciso viver até quando não mais puder. Sou infinitamente grata por fazer parte de seu centenário, e contribuir, de inúmeras formas, para a construção de novas histórias. Hoje, sou colatinense de alma e de todo o meu coração, sem a menor condição de deixar de ser.

VOZES DE SEMPRE

FERNANDO ACHIAMÉ

Nasceu em Colatina, em 1950. Poeta e historiador. Pertence à Academia Espírito-santense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

1. VISÃO DO RIO

Simples assim.

Existo desde que o mundo é mundo.

Desde o início do mundo.

Existo bem antes de vocês.

Quem poderia negar?

A água está em mim, andando mas está.

Água vem, água vai, ali à mostra
para quem quiser nadar ou beber.

Diferente das águas ocultas nos rostos

à espera do momento de brotar.

Rolaram salgadas das vistas de muita gente –

os afogados boiavam em meu remanso

na altura de Maria Ortiz.

Quem poderia negar?

Movem-se céus e terras,

areias e barrancos se movem,

mexem-se o sol e o tempo.

Eu continuo parado no meu leito variável –

as águas é que escorrem por mim.

Já tive visões do paraíso.
Quem poderia negar?
Pertenci ao Jardim do Real:
cobras e lagartos, onças e macacos,
o majestoso gavião-real (a harpia)
e árvores que viram o nascimento da Terra.
Vivia-se no paraíso.
Chegaram homens e mulheres nus,
provaram frutas tropicais –
o Éden prosseguiu.
Vieram cobiça fogo café –
o paraíso foi por água abaixo.
Eu permaneço.
Existirei depois de vocês.
Quem poderia negar?

2. O PORTO ESCUTA

Em 1889 o engenheiro Pantoja me criou.
Dona Maria Rosa (matriarca, benzedeira,
nome de rua em Vitória)
nasceu de índios perto de mim,
pras bandas do Santa Maria do rio Doce.
Este o meu nome –
Porto do Santa Maria do rio Doce.
Hoje me chamam de Colatina Velha,
mas já fui novo como o universo foi um dia.

Casas no morro escutavam o rio lá embaixo.
Se a cheia levava tudo de roldão,
elas estavam a salvo dos estragos.
Na minha frente era fundo: o *São João*
e o *rio Doce* atracavam sem problema.
Ainda ouço como se fosse agora
barulhos dos imigrantes no barracão
à espera do sorteio de lotes
no Núcleo Colonial Antonio Prado.
A jovem mãe gritando pro filho arteiro:
– Porca miseria! Stai zitto, bambino!
Saberiam por acaso que fundavam uma cidade?
Homens são pequenas folhas secas
que o vento da sorte espalha por aí.

3. SABORES DA FERROVIA

Quem trouxe as chiadeiras da maria-fumaça?

|e| |e| |e| |e| |e| |e| |e| |e|
|u| |u| |u| |u| |u| |u| |u| |u|

A vila tenra se fez ao longo dos meus trilhos.
Limbo ao comprido, linhas unidas no infinito.
Então tudo aconteceu: comidas no amor
almoços cafés jantas nos trabalhos e nos dias.
Meu encontro com o rio ninguém notou
por ser claro como conjunção carnal.
O rio e eu nos mordiscávamos

sem deixar de ser nós mesmos –
estradas a levarem cargas e pessoas
de um lado para outro.
Do nada a lugar nenhum.
Pra onde foi tudo aquilo?
Toda aquela gente? Que nos meus vagões
comia sua matula magra?
Ou mastigava feijão e farinha no *Juparanã*
que se desviava dos bancos de areia?
Pratos feitos com peixes de água doce.
Paladares temperados com sal
trazido de longe por meus trens.

4. A COMPANHIA FAREJA

Ficava de saco cheio com o cheiro
de fumaça nas matas virgens.
Eram incêndios o tempo inteiro
e muita madeira boa queimada.
Passei a levar toras das minhas terras
para a serraria em Barbados
e despachar as pranchas pra fora.
Aí sim, o fogo podia comer solto,
cinzas cobrindo a terra arrasada.
Guerra total, sem uma trégua sequer.
Se vinham pessoas plantar café,
alguém devia lhes arranjar lotes.

Era eu que fazia isso.
Iam madeiras, chegavam famílias.
Iam troncos de odor acre
(alguns fediam a merda), surgiam
homens com catinga de suor e pinga.
Não me importava com o cheiro deles
desde que vendessem a alma pra mim –
Companhia Territorial Norte do ES.
Minhas as terras, as madeiras.
Minhas as gentes: ávida vida avara.

5. A PONTE SEM TATO

O mendigo sem pernas fazia ponto
na cabeceira da ponte
e impressionou o menino de quatro anos.
– O que você quer ser quando crescer?
– Quero ser igual o homem da ponte, mas
com os dois braços e as duas pernas.
(falava com a língua presa)
Aquele menino, agora idoso, conserva
braços e pernas: também por isso é grato.
Com bastante tato pede, e a ponte diz:
Lembro-me do tal mendigo. E daí?
Jamais senti o que por cima de mim andou.
Pontes nada sentem, muito menos o trem
que nunca no meu lombo passou.

Já tive estreito tabuleiro de madeira,
já me alargaram com lajes de concreto,
me puseram toda catita em luzes coloridas.
Minh'alma de longarinas de aço não sofreu dor.
O comércio de penas e dores deixei pros humanos.
Pra eles aponteí apenas as matas ao norte
com riquezas, tiros, sonhos, desenganos.
Juntei terra com terra, margem com margem,
fiz-me de ventre fértil que pariu filhos adotivos
a tatearem úberes quentes na Terra da Omissão.
Sobre mim correram muitas vidas.

6. OUTROS SENTIDOS

Tudo está no futuro.

Mais plantas

Mais águas

Mais plantas—plantas

Mais águas—águas

Mais plantas—plantas—plantas

Mais águas—águas—águas

Mais...

E bichos gente comida futebol

o late Clube novo de novo

Teatro Parque Orquestra

que hão de vir das

madeiras cafés carnes negócios

roupas frutas granitos máquinas

Colatina.

Centenários se cumprem toda hora.

Não te esqueças de que és feita,

nem dos filhos que te fizeram.

Não te esqueças de ti mesma,

dessas vozes de sempre.

E mais dias verão o teu pôr do sol.

Simples assim.

SONETO DO SAUDOSO COLATINENSE

GABRIEL SOARES DE OLIVEIRA ANTUNES
Estudante do 3º ano do curso TIMA do IFES – CAMPUS COLATINA.

Eu vejo o pôr do sol que beija o rio
E admiro os amantes lá do cais
Aqui à noite dançam os bambuzais
Quando vejo Colatina, sorrio

Onde há tranquilas flores nas praças
E tem-se o majestoso chafariz
Por onde declamo fico feliz
E possui ruas repletas de graça

Oh! Quero ver o Cristo Redentor
Nos seus teatros quero ser ator
Eu me apaixonei por ti há cem anos

Nem ainda se um dia eu pensar
Em me mudar, cedo quero voltar
E rever Colatina são meus planos.

MEUS OITO ANOS

GUERINO BALESTRASSI

Colatinense, engenheiro civil, empresário. Foi presidente do Bandes, Secretário Estadual de Planejamento, Secretário Estadual de Ciência e Tecnologia. Prefeito de Colatina, terceira gestão.

Há tempos li que não se deve ficar revendo fotos e lembranças ou revivendo fatos do passado, sob pena de não se aproveitar o momento presente. Desculpe-me, sempre fui saudosista!

Faz-me muito bem a lembrança de histórias. Mais significativo ainda é poder escrever sobre elas. Já dizia Chico Buarque: “Os momentos bons e as horas más/que a memória coa...”, e das memórias dos meus tempos de menino tenho agradáveis lembranças: de meu avô que, aos cinco anos de idade, chegou a Colatina, nos idos de 1888, vindo da Itália; de meu pai, nascido em 29 de junho de 1921, no dia de São Pedro, e que completaria seus 100 anos de idade junto com o município de Colatina; e de minha mãe, que com seus 95 anos se doou persistentemente pelo estudo dos filhos e me dá até hoje tantas alegrias.

Sinto saudades de tudo que marcou minha vida e infância em Colatina. As histórias que meus pais e meu avô narravam são retratos vívidos. Quantos instantes preciosos! Na infância, tomávamos banho escondidos nas águas bravias do rio Doce. Em algumas vezes a diversão era interrompida pela cautela de meu avô: ele escondia nossas roupas e, quando nós voltávamos, nus, que vexame! Como voltar ao rio e correr o risco de irmos embora pelados de novo? Era cada peça que ele pregava, impossível esquecer.

À margem do rio, meu avô contava que por ali circulara, havia muitos anos, o vaporzinho Juparanã, que fazia o trajeto pelas águas fundas de Colatina a Linhares. Nossa curiosidade era saber quem dali saltava e por onde passaria. Ele relatava que atravessar a ponte Florentino

Avidos com piso de madeira era muito arriscado e citava casos de pessoas caindo, que nos amedrontavam. Em outras situações, dizia: “Era pura mata por aqui, e então os agricultores limpavam as áreas com fogo. Mas não demorava muito e os índios eram avistados às margens do rio, descontentes do que viam”, acho que não podiam entender por que usavam o fogo entre as frondosas árvores.

Tudo da infância precisa ficar registrado, primeiro em nós, e para os que virão depois de nós e o narrarão aos que virão depois deles. O *nonno* também trazia com ele notícias do que chocava o mundo e inevitavelmente chegaria aqui. A Primeira e a Segunda Guerra Mundial, para nós que éramos pequenos, isso não parecia ser coisa desse mundo.

A Gripe Espanhola, que atingia as pessoas independentemente da condição social, etnia ou gênero, era devastadora. Não tínhamos noção de que as memórias daquela época, enterradas com a dor de quem perdeu seus entes queridos, poderiam retornar agora, após mais de 100 anos, afligindo a todos nós com a pandemia do novo coronavírus.

Na recordação, tenho ainda os costumes da infância e as marcas deixadas pelos meus pais e avós quando caminhávamos longos trajetos a cavalo ou de charrete; ou quando tomávamos groselha acompanhada de rosca seca e café da manhã com polenta, cortada na linha, misturada com leite. Os alimentos ficavam guardados em uma geladeira a querosene e as noites eram iluminadas com lampião e lamparina. Ouvíamos Ave-Maria às 18h na rádio Difusora, com Geraldo Pereira e alguns anos depois na voz de José de Almeida, que virou um ícone da comunicação com o programa “A Hora é Boa”, levando alegria e nos acordando com batidas de latas e buzinas.

Aos domingos, íamos todos com a melhor roupa para a igreja e a quermesse. Nas fogueiras de São João, na propriedade de vizinhos, aproveitávamos para assar batata doce e milho verde.

Quando íamos de charrete para Colatina, eu ficava sobre ela quietinho, quietinho até que meu pai fizesse as compras. Muitas vezes

também me deixava na casa do senhor Humberto Gobbi, que, quando foi pracinha na Segunda Guerra, deixou seus filhos sob a guarda de meu avô por um período.

Quando se adoecia, algumas vezes o jeito era recorrer ao carro de leite que passava pela manhã e tinha correntes nos pneus por causa da lama nas estradas.

No futebol, ouvíamos o Cruzeiro de Tostão e o Santos de Pelé, que imitávamos nas peladas onde irradiávamos as jogadas. As músicas da Jovem Guarda, no rádio, encantavam nossos ouvidos, e Colatina soube recuperar nosso imaginário com a Festa do Cafona.

Mais forte e presente na memória também está a solidariedade e a partilha: quando se abatia um animal, os filhos iam de casa em casa levando “um quarto” do alimento, uma pequena oferta aos vizinhos, o que demonstrava como era viver no interior. Colatina é ainda uma das poucas cidades que tem o dinamismo de 130 mil habitantes, mas mantém esta relação atávica com o interior.

Nas minhas memórias da infância ainda está presente a emoção de tão belas lembranças. Da mesma forma, 100 anos de uma cidade são feitos de pedaços de memórias coletivas, um retalho de quem lutou, acreditou e sentiu-se parte. Sou saudosista, sim, gosto de ver fotografias e de lembrar quem fui e quem sou. Julgo que ficar prisioneiro do passado é realmente um problema. Ter o passado como conselheiro, contudo, e sendo Colatina o local protagonista, é uma sorte grande de que não abro mão.

O QUE EU QUERO É ROSETAR

HILEIA ARAUJO DE CASTRO

Mestre em História Social pela USP e professora aposentada do município da Serra.

E Colatina da década de 1950? Igual à de hoje? Óbvio que não.

Pensando em extensão territorial e populacional, não posso deixar de trazer alguns dados para termos uma ideia da época. De acordo com o IBGE (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - 1959), no censo de 1950 o território colatinense contava com as vilas de Baunilha, Boapaba, Itapina, Pancas e Alto Rio Novo. Com alto incremento populacional de 1951 a 1953, passou a contar também com as povoações de Águia Branca, Lajinha de Pancas, Marilândia, Novo Brasil (atual Governador Lindenberg), São Domingos (atual São Domingos do Norte) e São Gabriel (atual São Gabriel da Palha). A maioria delas, hoje, municípios emancipados.

Minha família morou em São Domingos de 1956 a 1964. Nasci em São Domingos. Mas, como era São Domingos? Na rua principal ficava a igreja católica, com o cemitério atrás; o posto de gasolina, o grupo escolar e os demais comércios como mercearias, bares e padaria, além de residências. A rua era um pequeno trecho da estrada que vinha de Colatina. Possuía uma bifurcação no final para Vila Verde, de onde desciam caminhões carregados de toras, e, seguindo em frente, chegava-se ao povoado de S. Gabriel e ao município de Nova Venécia. Na rua de trás, como a chamávamos, havia o abatedouro bovino, o campo de futebol e algumas residências. Um ônibus saía bem cedo pela manhã para Colatina e retornava à noitinha. Eram cerca de 4 horas de viagem entre sacolejos e buracos com a poeira da terra vermelha tomando conta do interior do veículo. Quando chovia não havia ônibus.

Era comum ter no quintal de cada casa uma pequena horta para

consumo familiar. E o compadre de minha mãe tinha uma carroça e um burro. Ele ia para as fazendas do interior e comprava aipim, fruta-pão, frutas da época e vendia na rua da pequena povoação.

A energia elétrica era fornecida por um gerador ligado às 18 horas e desligado às 22 horas, período em que as famílias mais abastadas podiam ligar seus rádios elétricos. Existiam três no povoado. Época das marchinhas de Carnaval que estavam no gosto popular e eram repetidas de boca a boca. E a marchinha com composição de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira “Eu quero é rosetar”, censurada em 1947, chega a São Domingos 10 anos depois.

*Por um carinho seu, minha cabrocha
Eu vou a pé ao Irajá
Que me importa que a mula manque
Eu quero é rosetar
Faço qualquer negócio
Com você, cabrocha
Tanto faz ser lá no Rocha
Ou Jacarepaguá
Pode até a mula mancar que eu vou a pé pra
lá
Que me importa que a mula manque
Eu quero é rosetar*

“Eu quero é rosetar” é um mote “traduzido” de uma frase de Rui Barbosa: “Pouco se me dê que a onagra claudique, o que me apraz é acicatá-la” (de acordo com o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro). Acicatar pode ser traduzido por provocar, mas os autores usaram rosetar que, segundo o dicionário Aurélio, é sinônimo de divertir.

Nesse período, a luta política entre UDN e PTB se estendia por todo o Brasil e em São Domingos não podia ser diferente. Ali os udenistas eram apoiados pelo padre e as beatas faziam coro pela moral

e os bons costumes.

No grupo dos petebistas estava meu pai e o compadre. Certo dia, a carroça do compadre apareceu com um cartaz “Não importa que a mula manque, eu quero é rosetar”. Escândalo!! Padre, beatas, udenistas levantaram clamor contra a carroça do compadre. Petebistas e demais riram muito. Fizeram mesmo para provocar.

Atendendo ao clamor pela moral e bons costumes, o compadre retirou o cartaz. No dia seguinte, lá vai a carroça do compadre com novo cartaz: “Continuo querendo”. Gargalhadas gerais.

Senhora Colatina

ISABELA CRISTINA CASER

Estudante do 9º ano do ensino fundamental II, 14 anos. Gosta de escrever, ler e desenhar. É amante da gastronomia capixaba e é uma colatinense com orgulho.

Senhora Princesinha do Norte,
senhorinha sofrida tu és,
tuas veias envenenadas já foram
ganhando uma cor alaranjada
trazendo o choro por onde passas,
mas mesmo assim não desististe.
Guardada pelo filho de Deus prosseguiste,
iluminada pelo teu lindo pôr do sol cor de anil
continuas a brilhar.
De seca a chuva já passou,
de Princesa a senhora ficou
e já está escrito
que saudade eu terei
e te levarei no meu coração,
se partir.
Ó senhora, centenária irás ficar;
para moça, velhinha já estás
mas para linda cidade que és
ainda falta muito o que conquistar.
De homenagem a dona Colatina

teu nome surgiu.

E agora todos nós colatinenses somos

e guardamos no peito a força

desta terra amada.

AMIZADES COLATINENSES

ÍTALO CAMPOS

Psicanalista e poeta. Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória. Membro da Academia Espírito-Santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Conheci a cidade de Colatina, a antiga vila de Fransilvânia, quando ela completava 57 anos, a convite do psiquiatra Júlio César Prates de Mattos. No lusco-fusco do dia, eu, aos sábados, pegava o ônibus para trabalhar em Colatina. Mas esta história de loucos, de amigos, de descobertas começou assim.

Oriundo da UFMG, em Belo Horizonte, tinha iniciado lá a minha formação em Psicanálise, procurando, nesse campo, realizar todos os meus estágios. Em Vitória, numa conversa, surgiu o convite do Dr. Júlio César, o Julinho, para eu atender aos pacientes da Clínica Santa Beatriz, então recém-criada em março de 1977, situada no bairro Adélia Giuberti. A partir daí, passei a acordar de madrugada aos sábados. Vou contar essa história.

O bom desse novo trabalho em Colatina foi, além da parceria profissional psiquiatra-psicanalista, conhecer, após o término dos atendimentos, por volta das 13 horas, os amigos, os lugares, os bares de Colatina. Dr. Cléber Maia, farmacêutico e bioquímico, a quem chamávamos carinhosamente de Clebinho, era nosso fiel escudeiro e até roteirista. O término de nossas rodadas era determinado pelo horário do ônibus para Vitória. Minha estreia de trabalho em Colatina foi extremamente bem acompanhada por uma verdadeira caravana organizada por Julinho e Clebinho, no quintal do Filó – Filogônio Barbosa de Aguiar, artista plástico, professor, escritor, ator, teatrólogo. Organizaram muito bem esse furdunço. Encantamo-nos com alguns poemas de Filogônio interpretados por ele mesmo. A tarde já corria solta quando chegou um amigo do Filó, de nome Álvaro Ricardo

Pasolini, que trazia um grupo de músicos e ele mesmo na percussão. Quase perdi o ônibus. No último minuto me levaram para a rodoviária. Voltei abraçado a uma garrafa de cachaça “especial” presenteada por Filó.

De Vitória afluíram pacientes para a clínica Santa Beatriz. Assim, chegou por lá, numa segunda-feira, uma jovem senhora, irmã de um médico. Foi levada por ele depois de algumas tentativas de tratamento em Vitória e Vila Velha. Solteira, bonita, estudada; era de família da classe alta. Sua vida amorosa era conturbada. Tivera bastantes namorados, namoros que começavam muito intensos, mas logo caminhavam para o rompimento. Na quarta-feira aquela pequena docilidade apresentada já se transformara completamente, fazendo com que fosse aumentada a dose da medicação apropriada. Houve uma melhora na quinta. Na sexta-feira de manhã, passando pela grade da janela, a paciente se evadiu, sem que ninguém notasse. Horas de tensão até a confirmação, por telefonema do irmão, de que ela chegara bem em casa.

O neurocirurgião Euclides Almeida Neto e Clebinho eram os amigos mais próximos do Julinho. Com Euclides, Júlio, sem nenhum contrato escrito, constituiu uma sociedade para compra e uso de um aparelho de eletroencefalografia. Lembra Euclides, foram sócios sem desconfianças, sem contratos, sem contabilidade externa. As lembranças que esse sócio tem de Julinho são as mais carinhosas e respeitosas. Amizades dessa natureza andam tão raras! Num sábado nos reunimos na bela casa do Dr. Euclides, em São Silvano. Nessa tarde tivemos música ao vivo com a prata da casa: Cyro Portugal no bandolim, Filogônio no violão, Euzete com voz e violão. Como disse Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

No sábado seguinte não houve cantoria nem cervejada; o inesperado aconteceu. Estávamos na residência do Julinho, à rua Senador Atilio Vivacqua, preparando-nos para sair, quando ouvimos alguém

chamando pelo Dr. Júlio. Suely Portugal, sua esposa, foi atender à porta, descendo a escada que dava acesso à rua. À porta se encontrava, depois de passado mais ou menos um mês, a paciente que havia se evadido da clínica. A jovem mulher deu dois passos, de braços abertos, abraçando o Julinho. Ela o apertou e, inesperadamente, atacou sua orelha, mordendo com tal força e decisão que provocou um grande corte e sangramento. A gritaria, que já chamara a atenção inclusive dos vizinhos, colocou-nos de prontidão para ajudar a conter fisicamente a mulher. Contamos com a ajuda do vizinho, Dr. Arione Vasconcelos. No domingo tive histórias para contar à família e aos amigos.

Júlio César Prates de Matos adotou para si a cidade, constituiu família, integrou-se completamente na comunidade. Foi Secretário de Saúde, membro de alguns partidos, como PMDB e depois PSDB. Colaborou com a criação do PT. Foi candidato a deputado estadual e ocupou a chefia do Crefes em Vila Velha. Graças ao seu bom relacionamento social e político, após sua morte, foi homenageado em Vitória pelo então prefeito Paulo Hartung, em dezembro de 1996, dando o seu nome à importante Unidade de Saúde no bairro Santo Antônio, na capital do Estado.

CAMINHANDO PELA CIDADE DE COLATINA

JACIMAR BERTI BOTI

*Colatinense, biólogo, mestre em Biologia Animal pela UFV-MG,
escritor de contos, crônicas e poesias, com alguns livros publicados;
professor aposentado do Ifes-campus de Santa Teresa-ES.*

Acordo cedo, como já era de costume; acordava às 5 horas para fazer meu café e me preparar para pegar a estrada e ir lecionar na cidade de Santa Teresa. Depois que me aposentei, para não perder o ritmo, continuei acordando cedo, só que, agora, para fazer caminhadas e corridas em volta do Estádio Municipal de Colatina. Nessas caminhadas, eu saio de São Silvano e atravesso a ponte Florentino Avidos em direção à Avenida Beira-Rio. Um certo dia, convidei um atleta, também colega professor, para caminharmos juntos até o Estádio Municipal. Ele, que é mineiro da cidade de Uberaba, não conhecia a nossa Princesa do Norte. Começamos a nossa caminhada pelo bairro Aparecida, descemos para São Silvano e, passando pela ponte com aquele ventinho frio da madrugada, comecei a contar a história:

Colatina é nome dado em homenagem a uma senhora paulista, nascida em 24 de novembro de 1864, que era muito inteligente, tocava piano, falava francês, alemão e italiano. Ali naquele bairro, Colatina Velha, falei apontando o bairro, foi onde começou a cidade. Colatina se casou com Muniz Freire, que também é nome de cidade do sul do estado. Em 30 de dezembro de 1921 foi criado o município de Colatina, que até então pertencia a Linhares, e hoje, 2021, completa 100 anos. Essa ponte foi inaugurada em 1928; no início ela era de madeira, meu pai era menino e passava por ela na época. Só tinha uma pista, os carros da época esperavam a sua vez de passar. Logo, descemos para a Avenida Beira-Rio e continuamos nossa caminhada. Olhando para todos os lados, observei que meu colega estava um tanto admirado com a beleza

da nossa cidade. Mostrei a ele o Cristo Redentor e disse: esse Cristo foi inaugurado pela prefeitura em 1975, ele tem altura total de 35 metros.

Continuando a caminhada, o sol já começava a expor seus primeiros raios da manhã, e fomos em direção à Avenida Getúlio Vargas. Então mostrei a ele o canteiro central e disse: aqui passava o trem de ferro Vitória a Minas, da empresa Vale do Rio Doce. O último trem que passou foi em 1975. Na época, eu estava servindo na Aeronáutica, no Rio de Janeiro, e tive a oportunidade de ver quando começaram a tirar os trilhos. Meu colega estava um tanto observador e fomos em direção ao Colégio Marista. Passando por ali, disse a ele: aqui nesse colégio eu lecionei Biologia por um ano e meio, depois fui aprovado no concurso para lecionar na Escola Agrotécnica Federal (Ifes). Do outro lado, mostrei o Estádio Municipal, onde entramos e praticamos uma pequena corrida na pista de atletismo. Logo, retornamos e passamos próximo ao hospital Sílvio Avidos. Meu colega ficou encantado com a arquitetura da frente do hospital. Então eu disse a ele: esse hospital foi inaugurado em 1949. Retornando ainda pelo centro da cidade, mostrei o prédio da primeira rádio de Colatina, Rádio Difusora, e caminhando para o outro lado, São Silvano, ainda falei sobre a tragédia de Mariana-MG, que assassinou nosso rio Doce. Outrora, as pessoas pescavam de cima da ponte e havia muitos barcos de pescadores e até concursos de pesca. Depois dessa tragédia não se pode mais comer peixes do nosso rio, pois estão contaminados com metais pesados, altamente prejudiciais à saúde.

Nossa caminhada estava quase terminando, pois já estávamos chegando em casa. Meu colega estava alegre por conhecer o centro e alguns pontos turísticos da cidade, e ele ficou também entusiasmado com as meninas bonitas de Colatina, e disse, com uma brilhante alegria estampada no rosto: a mamãe tá precisando de uma nora, vou voltar outras vezes, pois pretendo levar uma colatinense para as Minas Gerais.

GENTÍLICO COLATINENSE

JOEL ROGERIO

Servidor no campus Colatina do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

Chegamos. Tarde quente. Janeiro. Mormaço. Os raios do impenitente sol reverberavam à pista da grande ponte esticada pelos oitocentos metros que unem os dois lados da cidade. Meu pai trouxe um sonho de dias melhores, partilhado com toda a família, e também o rádio, um dos seus poucos entretenimentos. Estávamos todos como crianças, embevecidos com o lugar e com a possibilidade de tomarmos Coca-Colas geladas todas as semanas.

O lado norte – por onde chegamos – vim saber, anos mais tarde, tivera o nome de Francilvânia. Fora comunidade liderada por tal senhor França, um engenheiro que demarcara a sua colônia entre a barra de dois rios, comunidade que não vingaria aos ataques dos Botocudos – índios que resistiram tenazmente à invasão ao seu habitat natural. Mas a semente da cidade estava irremediavelmente plantada e os Botocudos logo seriam dizimados e reduzidos a relatos sobre índios perigosos e a gravuras, como as de Jean Baptiste Debret, que afirmavam a “condição miserável e cruel, e a insensibilidade dos indígenas para concorrer na melhoria da humanidade”. Não importava mais o que se passou, Francilvânia semente, floresceu o bairro São Silvano – certamente que não sem muita luta de seu povo – para compor a parte norte da cidade.

Guardo tão bem comigo os detalhes da nossa chegada àquela cidade. O rio Doce manso a um todo sol, a ponte Florentino Avidos dando passagem a apressados Opalas Comodoro, aos Dodges, às Brasília, às Variants, aos Fuscas... As placas nos bares anunciavam Cola-Cola e Grapete. Das fotografias daquele dia, a mais perfeita na lembrança foi a do Cristo, de braços completamente abertos, posto em estátua branca,

de corpo inteiro, com mais de trinta metros, cravado no cimo do morro do lado sul – era aquilo um prato cheio para alimentar a nossa esperança para com aquela cidade e com o novo ano de setenta e sete. Era certo que amanheceriam dias dourados.

O tempo passou e até somos felizes...

É lógico que a vida, em qualquer lugar do mundo, é como todo o chão à nossa volta, coberto ou não de areia, é uma arena que desprende grãos aos ventos revoltos, e se quisermos continuar a enxergar lirismos – e é bem certo – faz-se necessário muitas vezes fecharmos os olhos num raio de muitos metros para que não se cegue o coração. Só então os ombros sentem mais leve o fardo – até nos entardeceres.

Assim, daquele ano de setenta e sete em que meu pai ouvia em seu Motorádio a canção “Marcas do Que Se Foi” – dali em diante aquela cidade de nome engraçado, que é a Princesa do Norte capixaba, fortificou-se demasiadamente em mim, e por mais que ande pelo mundo afora, conheça as capitais e seus faustos, e mesmo que nem goste tanto mais de Coca-Cola, quando chego pela BR 259, ao avistar as águas do rio Doce, tenho em mim a deleitosa sensação de não ser despovoado comigo, porque o meu encantamento é de primeiro grau por esse rio, por essa cidade, por essa gente, por essa vida.

A LAMA CHEGOU, SOS RIO DOCE

JOEL ANTONIO ROSA

*Comerciante, compositor de samba-enredo e
de marchinhas e membro da ALARC.*

Olê, olá, sorrindo pra não chorar!

O nosso rio que era Doce azedou...

É de fazer dó, de machucar o coração

Isso é ganância e ambição.

O povo não pode se calar!

Fauna e flora se perderam

A mãe natureza começa a chorar.

Olê, olá, sorrindo pra não chorar!

O índio rola no chão

E dá o grito de guerra

Em prol da população.

São Marcos, rogai por nós!

Nossa sede vai matar

A lama chegou pra arrasar.

E vem a lama da corrupção,

E o povo briga pela água
Na fila da humilhação!

Olê, olá, sorrindo pra não chorar!

DE LÁ PRA CÁ

JOELMA GUINZANI CHIEPPE

*Nasceu no Rio de Janeiro e veio pra Colatina com 7 anos;
tem 54 anos e se sente uma verdadeira colatinense.*

Quando bem pequeno, cheguei por aqui
Puxando os esses que o carioca tem
Aqui eu tinha que ir na VENDA
lá, eu ia no ARMAZÉM

Mamãe nos mandava comprar roscas
lá, bisnaga era o pão da vez
Tudo aqui tão diferente
Mas papai sua vida refez

Por lá, a Quinta da Boa Vista
As praias e o Cristo Redentor
Aqui passeios no rio Doce
E antigas histórias do vapor

Chamado vapor de Juparanã
O mesmo nome da lagoa
Que em tempos bem remotos
A infância de mamãe povoa

Nunca achei que poderia
Ser feliz neste lugar
No rio ficou vovozinha
Eu queria pra lá voltar

Mas o tempo foi passando
E a Princesa conheci
E uma dúvida em meu peito
Vou pra lá ou fico aqui?

Aqui acabei de crescer
Estudei, casei e meus filhos pari
Aqui eu pretendo morrer
Pois me apaixonei por ti

Eu te amo, Colatina
És minha terra natal
Já nem lembro, pra mim
O rio era imortal

Estás fazendo 100 anos
Cada dia mais bela estás
Vais crescendo e vigorando
Desde sempre és mui tenaz.

MINHA TERRA TEM UM RIO

JONAS REIS

Nasceu em Colatina em 1952. É advogado, jornalista e escritor, autor, entre outras obras, de Viagem à alma do Brasil, O santo dos últimos dias – quem amou Solange de Belleview? e o infantojuvenil A lenda do lagarto azul.

Minha terra tem um rio, que corre para o mar. Sim, minha terra inspira saudade e poesia, mas esta não é mais uma canção do exílio. Porque cresci e vivo em Vitória e Colatina fica logo ali. Fica logo ali nas margens do rio, embora há 100 anos corra mundo no coração de filhos orgulhosos da origem.

Quando nasci de parteira, em meados do século passado, nasci colatinense. O município havia sido criado 31 anos antes. Depois, em 1963, Pancas foi emancipado e meu cantinho feliz mudou de município. Um quarto de século mais tarde meu lugarejo seria de Alto Rio Novo, emancipado em 1988. Tudo isso para dizer que continuo colatinense, de nascimento e coração, por mais partições que façam em nossa geografia.

Onde nasci?

No princípio, era uma vila.

Não existia o mundo, apenas uma paisagem de sonho e a estradinha de chão que subia levemente depois da última casa. Do alto do morro na Vila de Monte Carmelo, brincando manhãs entre tiras verdes dos pés de maracujá que circundavam o cemitério, víamos o autolotação aparecer nas curvas do caminho, arrastando sua lentidão pelo velho noroeste do Estado. Nuvens de borboletas amarelas voejavam à nossa volta e lá embaixo as casas ficavam mergulhadas na poeira enquanto o ônibus seguia cortando cafezais e fazendas da região.

À tarde corríamos em volta da igreja ou pescávamos lambaris no rio, as minhocas se enroscando em meio a um punhado de terra na latinha ao lado. Caindo a noite, os lampiões acesos na venda riscavam

faixas de luz na única rua do lugar. Era hora das cantigas de roda, do esconde-esconde e das histórias de assombração. Nos arredores da vila, tomados pela escuridão, ninguém mais se aventurava a passar na trilha do matadouro, povoada de mugidos e fantasmas de bois abatidos durante o dia.

A primeira viagem, na origem dos tempos, foi naquele loteação de nariz comprido, onde se escondia o motor. Ele sacolejou por 30 quilômetros margeando a divisa entre Espírito Santo e Minas Gerais, depois desceu uma serra. Então passamos por Vila Pancas, atravessamos a região dos monumentais pontões rochosos e rodamos mais 50 quilômetros até alcançar a ponte sobre o Rio Doce. Eu era tão miúdo e o rio tão caudaloso que perguntei se aquelas águas eram o mar.

Foi ali que ouvi pela primeira vez o apito do trem de ferro. E entendi, ao ouvir o trem, por que diziam que ele passava cantando *café com pão, manteiga não; café com pão, manteiga não...* Para os olhos maravilhados do menino do interior, o trem vinha de longa viagem pelo mundo. Na verdade, vinha de passar por pequenas estações e túneis escuros que amplificavam o barulho da locomotiva e dos vagões que ela arrastava ao longo dos trilhos reluzentes. Nesse tempo distante, era um conjunto de vagões nada confortáveis que chacoalhavam de um lado para outro. Depois vieram os trens romenos. E, mais recentemente, a Estrada de Ferro Vitória-Minas substituiu os romenos de 35 anos por uma composição moderna, fabricada na China.

Agora a passagem entre os vagões é fechada nas laterais e a viagem é confortável e limpa, mesmo cruzando com trens que transportam 40% da carga ferroviária brasileira. Os trens de carga passam por Colatina levando para o mundo minério de ferro, aço, carvão, calcário, granito ou ferro-gusa. No trem de passageiros a classe executiva tem poltronas largas, com inclinação para descanso. Há tomadas elétricas e mesa para refeições. Os garçons passam apresentando o cardápio e depois servem o almoço no local, para evitar congestionamento no carro-restaurante.

O trem melhorou, mas e o rio Doce? Aquele rio caudaloso, com águas que eu criança confundi com o mar, ficou pesado, quase estático. Fui vê-lo quando aconteceu a tragédia. Tinha a cor de telha de uma lama espessa e a imagem que me veio foi de um grande depósito de tinta a óleo. Barragens que se romperam em Minas despejaram em suas águas 60 bilhões de litros de lama com resíduo de mineração. Essa massa que matava a vida no rio, nas margens e na alma ribeirinha arrastou-se por cerca de 500 quilômetros e chegou ao mar. Tomei o trem, triste e só, e vi uma casinha de pescador fincada no alto de uma colina. Ela passou silenciosa pela janela, mas já não havia o que pescar.

Muito tempo passou desde o domínio dos valentes Botocudos. Hoje, o rio Doce ainda guarda no leito, nas margens e seus arredores milhões de metros cúbicos de rejeitos da tragédia de 2015. Mas Colatina resiste e se desenvolve com uma economia diversificada. Entre os mais de cinco mil municípios do país, estaria entre os 300 de maior PIB, contando com bons serviços em setores essenciais como educação e saúde.

E apesar de tudo que poderia contar e cantar, sempre que perguntam onde nasci a tentação é dizer apenas que minha terra tem um rio, que corre para o mar.

CENTENÁRIA JOVEM E AMBICIOSA³

JOSÉ ANTONIO BOF BUFFON
*Economista. Professor do Departamento de Economia da UFES.
Secretário de Ciência e Tecnologia de Colatina.*

Em 1920 o peso da região Norte no conjunto do Estado do Espírito Santo era ainda muito reduzido. Mesmo representando mais de 50% da superfície estadual, concentrava apenas 15,8% dos estabelecimentos rurais, 8% da população e da produção de café. Naquela época constituiu-se na direção do norte, originada das regiões Central e Sul, uma intensa corrente migratória e abria-se, então, um importante fronteira para a expansão da agricultura familiar já consolidada nas demais regiões do Estado.

À exceção de Colatina, São Mateus e Conceição da Barra reduzidos núcleos correspondentes a sedes de municípios, quase nada havia mais a se considerar, em matéria de desenvolvimento urbano. Linhares, distrito pertencente a Colatina, merecia maiores referências. Conceição da Barra e São Mateus tiveram suas origens ainda no século XVI, ambas fundadas pelo colonizador com o explícito objetivo de guardar a costa. Linhares teve sua fundação associada à incursão de desbravadores, no início do século XIX, tendo como via de acesso o curso inferior do Rio Doce.

Colatina, de forma distinta, foi fundada no final do século XIX, originando-se da expansão dos núcleos de imigrantes da região Central, que chegaram ao rio Doce e ocuparam os vales dos afluentes da margem sul. Ao contrário dos demais núcleos urbanos do Norte, Colatina,

3 *Texto extraído e adaptado da minha dissertação de Mestrado, intitulada "O café e a urbanização no Espírito Santo: aspectos econômicos e democráticos de uma agricultura familiar".*

elevado à categoria de distrito em 1899, representou o resultado de uma frente pioneira que se desdobrava da ocupação da região Central do Estado. Os núcleos de imigrantes constituídos na região Central já sofriam, ao final do século, as primeiras, embora ainda pequenas, pressões de ordem demográfica. E o caminho natural para desafogar essas pressões era ocupar os vales dos afluentes sul do rio Doce.

Sete anos após conseguir o *status* de distrito, Colatina já arrebataba de Linhares a sede municipal. Contribuiu para isso o grande dinamismo de um núcleo urbano que desde o seu nascimento atuou como ponto de apoio à fronteira agrícola em expansão. Entretanto, além da chegada de pioneiros pelo interior, Colatina recebeu também os efeitos positivos da chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Vitória-Minas, em 1906, o que representou a sua ligação com a Capital. Sob esses impulsos, Colatina tornou-se uma cidade muito próspera nos anos iniciais do século XX e foi de lá que se deslanchou intensivamente a ocupação das terras da margem norte do rio Doce, a partir de meados dos anos vinte.

Os primeiros vestígios do que resultou posteriormente no núcleo urbano de Colatina datam de 1891. Na embocadura do rio Santa Maria do rio Doce efetuou-se a construção de um barracão – Barracão de Santa Maria –, praticamente o marco inicial da cidade. O pequeno núcleo que naquele local se desenvolveu passou a centralizar todas as atividades da região, a se destacar os serviços de medições e a comercialização de terras, além do suporte comercial, mediante a oferta de bens complementares à agricultura familiar.

Com a chegada da estrada de ferro as funções de entreposto, já exercidas, foram reforçadas, seguindo-se a isso o esvaziamento de Linhares. O movimento migratório e a estrada de ferro transferiram para o interior do Estado o centro de gravidade da região Norte e abriram nova frente de ocupação para a região situada acima do rio Doce. O litoral norte, se já não possuía maior dinamismo, entrou num processo de estagnação, só revitalizado com o desenvolvimento

da cacauicultura a partir de 1918. Tal foi o dinamismo daquela região que em 1907 Colatina já se constituía na sede municipal, ao passo que Linhares foi reduzida ao *status* de mero distrito.

A vaga migratória atravessou o rio Doce, subiu pelo vale do rio Pancas, marchando para o noroeste, reproduzindo as mesmas características da exploração da terra em vigor nas regiões Central e Sul do Estado. Seguindo a exploração da madeira, vinha o café.

No começo da década de vinte foi criada pelo governo do Estado a Companhia de Terras, incumbida da venda de terras na região de Colatina, procurando, por tal modo, extrair dessas terras o máximo do potencial de fixação das famílias que se deslocavam do Sul. Naquela mesma época o governo estadual projetou a construção de uma ponte sobre o rio Doce, em Colatina, inaugurada em 1928.

Com a ponte Colatina consolidou-se definitivamente como ponto irradiador das correntes migratórias que atravessavam o rio Doce e que ganhavam as terras abundantes do Norte. Como decorrência do apoio às correntes migratórias, toda a produção que se desenvolvia acima do rio Doce escoava-se por Colatina.

Assim se deu a origem e o desenvolvimento de Colatina, até transformar-se na “Capital do Norte” – uma cidade que se fez por atos heroicos e pela coragem; jovem centenária, que sonha, ambiciona, ousa e empreende.

A AVENIDA GETÚLIO VARGAS DE COLATINA

JOSÉ LUIZ PIZZOL

Natural de Colatina, onde fez o primário, ginasial e secundário. Médico formado em 1976 pela EMESCAM. Autor da monografia “Colatina 1921-1951, 50 anos de progresso” e dos livros “Botocudos de Colatina e Região” e “Colatina, sua história, sua gente”, além de dezenas de outros sobre o município, ainda inéditos.

As verdadeiras origens da Avenida Getúlio Vargas remontam ao ano de 1890, com a conclusão da estrada de rodagem ligando Mutum (atual Boapaba) ao Barracão dos Imigrantes, onde hoje se localiza o bairro de Colatina Velha. A rodovia, com cerca de 20 km, margeando o rio Santa Maria, de Mutum até próximo à sua foz, dali curvava e seguia paralela ao rio Doce até o local do Barracão. Desse trecho de aproximados 1.200 m de extensão, cerca de 850 m correspondem à atual avenida, sendo composto de duas retas, uma com 700 m (da Praça Ademar Távora até o Colégio Conde de Linhares) e outra com 150 m (do Colégio até o Plenotel). Nos idos de 1905-1906, ambas foram alargadas pela E. F. Vitória a Diamantina (depois EFVM) para a instalação dos trilhos e o casario que foi surgindo teve necessariamente de obedecer ao novo arruamento, de modo que a largura atual da avenida é a mesma daquele tempo, variando entre 17 e 25 metros.

Já centenária em suas origens, a mais antiga avenida colatinense reúne uma das maiores concentrações de estabelecimentos comerciais do Espírito Santo. Desde os seus primórdios, quando era simplesmente chamada de Rua da Estação, porque ali se localizava a Estação Ferro-

viária (de 1906), ela já se caracterizava como via predominantemente comercial. Depois, foi denominada Alexandre Calmon, em homenagem ao principal protagonista da Revolta do Xandoca, que fez de Colatina a capital estadual de 23 de maio a 29 de junho de 1916. Finalmente, ela ganhou o atual nome de Getúlio Vargas, reverenciando um dos mais destacados presidentes brasileiros e o que por mais tempo comandou os destinos da nação.

Nenhum logradouro de Colatina testemunhou como esse o desenvolvimento local. Canalizando até hoje praticamente todo o trânsito central, além de ser passagem obrigatória para a maioria do fluxo rodoviário entre o noroeste e o sul capixabas, por ele trafegaram durante quase sete décadas milhares de trens de cargas e passageiros, esses últimos fazendo parada na estação ali localizada, no recinto da Praça Municipal, até o início dos anos 1950, quando foi demolida. Com as obras de modernização da EFVM, concluídas em 1947, no trecho Colatina-Vitória, o tráfego de composições ferroviárias foi ficando cada vez mais intenso, interrompendo a avenida várias vezes por dia, até que em 24/10/1975 os trilhos foram dali retirados, após circular o último trem, graças a uma variante passando por trás dos morros da cidade e à construção de uma outra estação, fora da área central. A relação trem-avenida durou 70 anos de feliz convivência, embora conturbada quando os extensos comboios de carga atravancavam por intermináveis minutos os dois lados da pista, causando sérios transtornos ao trânsito, crescente poluição sonora e ambiental, abalos estruturais em algumas edificações e, vez por outra, algum acidente. Era uma festa, entretanto, a passagem dos trens de passageiros, muitos dos quais se acotovelavam nas janelas para observarem atentamente o cotidiano da cidade, com suas lojas, seu

movimento, seu dinamismo, ao mesmo tempo em que acenavam ou respondiam aos acenos dos colatinenses.

Um dos principais marcos de Colatina, a avenida é sede de centenas de estabelecimentos comerciais e, possivelmente, da primeira galeria comercial (1959) e do primeiro shopping center do Estado (1989), depois da capital. As mais variadas atividades de negócios encontram-se ali representadas, fazendo dela uma extensa vitrine que atrai diariamente milhares de consumidores, muitos deles vindos de outros municípios e de diferentes Estados. Com o antigo casario que ainda restou convivem grandes e altos edifícios modernos. O canteiro central, por tantos anos com os trilhos da ferrovia, cedeu lugar a frondosas árvores, amenizando o intenso calor local. Seu traçado largo e reto, seu intenso movimento de carros e pedestres e sua variedade de comércio transformaram-na numa das mais importantes vias públicas estaduais, não se encontrando no centro de qualquer outra cidade capixaba uma avenida de semelhantes porte e relevância. Ela espelha mais do que qualquer outro logradouro colatinense o dinamismo da cidade, caracterizada ainda em seus primórdios como ativa colmeia de negócios varejistas e atacadistas e grande polo produtor e distribuidor de diversos produtos, muitos dos quais exportados para outros países desde o início dos anos 1970. Mais que centenária e testemunha maior de todos os principais acontecimentos locais ocorridos desde longínquas épocas, a Avenida Getúlio Vargas sempre foi e continua sendo um dos mais importantes referenciais de Colatina.

Nobres Entidades Colatinenses

KAMILA VICENTE CASTRO

Nasceu dia 13 de dezembro de 1987, na cidade de Colatina/ES. É servidora pública estadual, atuando na Secretaria de Justiça - SEJUS. Cursa bacharelado em música no Grupo Educacional Unis.

Flutuando em solo espírito-santense
Tamanha beleza me deixou maravilhado
Belas praias, campos plácidos
Enalteci as estradas montanhosas
Mas nada enlevou-me tanto
Quanto aquele arrebol de puro encanto
Às margens do rio Doce
Que contentamento!
Ergui os olhos em agradecimento
Soube por aí que ela faz 100 anos
A cidade é ainda uma menina
O nome dela é Colatina

Enquanto o crepúsculo descia
Fiquei a me indagar
A contribuição que aqui fazia
Pra essa cidade linda se fundar
Como num telão da eternidade
Apareceu no céu a imagem
De duas nobres entidades
José Ribeiro da Costa

Gether Lopes de Faria

Zé Ribeiro, homem sábio, escritor
Junto ao jornal Colatinense
Exímios textos elaborou
Fundador do jornal O Grito
Trazia notícias da comunidade
E publicações de artigos
Falava até sobre agricultura
Incentivava professores e alunos
A escreverem em suas colunas

Seu feito foi grandioso para Educação
Foi Diretor da Escola Agrotécnica de Colatina
Suas obras iam além de educador
Com seus alunos, ele foi criador
Plantaram um lindo bosque
Ao pé do Cristo Redentor
Semearam numerosas mangueiras
Com extensão até o distrito de Baunilha
E nesse lugar ainda pequenino
Fundou um colégio interno
Levando à comunidade, além de ensino
Alimento e amor fraterno

Forte engajamento à cultura
Mantinha com Filogônio Barbosa
Um grupo de peça teatral
Se apresentavam por aqui
E cidades por aí afora
Na formatação da Biblioteca Municipal
Ajudou e orientou
Muitos pertences para ela doou
No Rotary e na Maçonaria
Ativamente participou
Zé Ribeiro recebeu
O título de Cidadão Colatinense
Pelo seu trabalho excepcional
Na área educacional

Um grande amigo seu
Gether Lopes de Faria
Figura de igual relevância
Concebeu para o município
Avanço de valiosa importância

Em 1959 fundou
A Mecânica Lopes Ltda
Até 1970 se expandiu a contento
Produzia utensílios para transporte
E fazia do leite, armazenamento

Em 1977 outros administradores
Da empresa, assumiram o controle

Acrescentando novos produtos
À sua linha de produção
Latões de leite e carrinhos de mão
Caixas d'água em aço inoxidável
Bobinas de aço, estruturas metálicas
Material elétrico de baixa tensão
Atualmente se denomina Metalúrgica Lopes S. A
Traz à cidade de Colatina
Um importante desenvolvimento industrial
Tornando-se, no mercado metalúrgico
A mais importante entidade nacional

No campo político
Gether contribuiu brilhantemente
De 1967 a 1970
Foi vereador eminente
Atuando na câmara como presidente
Entre 1973 e 1977
Ocupou o cargo de vice-prefeito
Do povo colatinense
E destacando seus feitos
Retirada do trilho do trem
Que percorria o centro

Da cidade em movimento
Trazendo mais segurança
Para a cidade em crescimento

Também em seu mandato
Houve a elevação
Da estátua Cristo Redentor
E nesse ponto eu me rendo
De tanta beleza pelo monumento
Do filho do nosso Criador

Gether Lopes e Zé Ribeiro
Por tudo que fizeram a Colatina
É imenso o meu respeito
Continuarei alçando meus voos
Pássaro livre que sou
Carrego histórias por onde vou
Saudade eu sentirei
Desse solo que pousei
Colatina, minha querida
Seja sempre assim tão linda
Princesa do Norte
Seu povo aqui tem sorte.

REMINISCÊNCIAS DO FUTEBOL DA INFÂNCIA EM MARIA ISMÊNIA

LEONARDO ROQUE VIEIRA

Colatinense, residente em Nova Era, MG. É aposentado da Vale do Rio Doce e saiu de Colatina em 1969, para trabalhar.

Nasci no dia 16/08/1949 e morei nos bairros Santa Cecília e Fazenda Vitali, antes de me mudar, aos 6 anos, para o querido bairro Maria Ismênia, nome dado a ele para homenagear a filha de um dos seus primeiros habitantes.

Naquele período, o bairro sempre tinha um campinho pra jogar pelada. Quando para lá mudei, havia um campo em frente ao bar do Barbante e onde fica a sede, hoje desativada, do então América F.C. Nessa época, com 6 anos, ainda não participava do futebol.

A existência desse campo foi efêmera, pois ali foram construídas casas e a própria sede do América.

Na saída do bairro, onde se localiza a residência principal da família Marianelli, havia o campo do Tombador. Nesse campo, que era assim chamado porque ali se tombavam toras de madeira, havia muitas cascas no chão. Com os pés cheios de espetos, nossas mães, com muito zelo, tiravam-nos usando agulhas.

Esse campinho ficava no alto e, logo abaixo, o rio Santa Maria. Vez por outra, parava-se a pelada para pegar a bola que caíra no rio. Quando a pelada era dos meninos maiores, a missão de trazer a bola de volta era dos menores. Fazíamos isso com a satisfação do dever cumprido.

Depois, tivemos outro campo chamado Pó de Serra. Acho que esse foi o melhor campinho de que desfrutamos no bairro Maria Ismênia. Era um local que correspondia ao tamanho de duas quadras de futebol de salão. O nome a ele dado era devido ao fato de a serraria do

Sr. Bertollo ali despejar serragem. Quando batíamos pelada, dava um poeirão danado.

Nesse período, já tínhamos um time chamado Ipiranga F. C., nome dado por Neca Arrebola, integrante da equipe. Uma curiosidade: a sede do time era uma casinha de cachorro, de madeira, que havia na casa do Neca. Lá ele guardava bola, camisas e a caixinha de primeiros socorros, que continha mercúrio cromo, esparadrapo e demais apetrechos.

As camisas do time, bola, etc., tudo adquiríamos fazendo uma quadrilha todo ano.

O sanfoneiro era o Leonir Rossi (o Detefon); o marcador de quadrilha era o Darly Vetekesky. Esses dois eram jogadores do time. Só meninos e meninas do bairro participavam das quadrilhas.

No campo do Pó de Serra batíamos pelada todos os dias. Era perto do rio Santa Maria. De vez em quando, parávamos a pelada e, escondidos dos nossos pais, íamos tomar banho lá.

Aos domingos, havia torneio, do qual seis times participavam: Av. Rio Doce (Carrapicho, Nego Wilson, Farinha, Cirinho); Vila Nova (Beleléu, Pedro Omar); Rua da Igreja Matriz (Juca, Fábio, Nem Tardin); Centro da Cidade, Botafoguinho da Vila Lenira e Ipiranga (Jorginho, Misso, Garrinchinha, Cadi Arrebola, Candinho e Waltinho).

Cada time, para participar, dava um valor em dinheiro; quem fosse o campeão ganharia o prêmio.

Alguns desses jogadores tornaram-se, mais tarde, profissionais, como Jorginho, Candinho, Nem Tardin e Pedro Omar. Este último foi campeão mineiro pelo América, em 1971.

A serraria do Sr. Bertollo mudou-se para a Serra-ES, e o Pó de Serra acabou. Ficou um vácuo aos domingos, pois passamos a não ter mais torneios.

Como naqueles tempos qualquer terreno favorecia o nosso esporte, partimos para uma praia no rio Santa Maria. Mas isso durou pouco tempo. Uma enchente levou o nosso campinho.

No térreo do América funcionava um grupo escolar. Passamos a

bater pelada no pátio da escola. O ponto era estratégico. Em épocas de férias, era pelada o dia inteiro.

De vez em quando, jogávamos no campo do Colégio Marista.

Criança é bicho bem criativo. Como a caixa de primeiros socorros, em verdade, nunca foi usada, passamos a nos valer do mercúrio cromo para pintar as pernas dos jogadores até o joelho, para dar a falsa impressão de que usávamos um meião. O trabalho vinha depois para tirar aquela tinta.

Certa feita, jogávamos na rua, perto da casa do Sr. Miguel. A bola caiu no quintal dele. Ele simplesmente rasgou-a toda e jogou os pedaços na rua.

À noite, quando íamos brincar de pique, a turma jogava pedra no telhado da casa dele, para quebrar as telhas.

Acho que esse foi o último campinho do bairro.

O futebol, como cultura popular, era muito querido no nosso tempo. Era praticamente, no interior, o único esporte que quase todo menino praticava.

A satisfação de jogar bola, de driblar, de fazer gol, de ganhar uma pelada era indescritível.

Lembro-me bem da Copa de 1962. Estávamos jogando no Pó de Serra, quando o Brasil fez um gol. Alegria geral. A cada gol que fazíamos na pelada, gritávamos gol de Pelé, de Garrincha, etc.!

Depois de tantos anos afastados e longe desses lugares onde passamos esse período tão gostoso das nossas vidas, essas recordações não saem das nossas memórias. Continuam sempre latejando no nosso subconsciente.

Como era lindo e especial o nosso bairro!

Os sonhos não se acabam, permanecem até que se concretizem ou não.

Ainda penso num encontro dos amigos do bairro Maria Ismênia, para reviver essas lembranças maravilhosas.

O RELICÁRIO OU TECENDO O AMANHÃ

LEVY PRETTI FILHO

*Formado em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela UFES.
Redator publicitário na Rede Gazeta e algumas agências de publicidade de Vitória e Colatina.*

Norte, Norte...

Leste, Leste...

Guardo de ti, cidade-sol,

Uma travessia.

Do começo da juventude nas aulas do Poli,

A horta que era um dos meus lugares preferidos.

Depois, num caminhar

Ouvi o apito do trem e fui para a capital.

Lembranças, muitas lembranças

Das exposições, das praias, dos estudos na UFES.

Muitos artistas povoam minhas lembranças.

Por que nos falta tanta cultura?

Será que falta paciência?

Ou o capital fala mais alto?

Tempo de estudos em ti, cidade.

Depois da chegada, as crônicas de antigos mestres.

Espiar o jornal que ainda pulsa em mim.

Palavras tão duras que me fizeram pensar.

Como é que se abre a temporalidade?

Que futuro nos espera?

Mas há a certeza de que

Um novo caminhar se faz
Com paz, amor e uma nova canção para tecer o amanhã.
Bem-vindo o sol.

COLATINA, AQUI É O MEU LUGAR

LIEMAR PRETTI

Colatinense, Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, empresário, formado em Administração de Empresas e pós-graduado em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Colatina!

O que dizer dessa cidade?

O que falar da minha cidade?

Como descrever a paixão que sinto por este pedaço do planeta?

Às vezes busco palavras, frases, emoções, realizações, passagens da vida, amigos, colegas, professores, exemplos de vida e aprendizado, fico olhando a vida, os momentos, o tempo em que estive fora, o retorno, em que momento um amigo teve essa ideia e eu topei voltar?

E tudo isso resumo dizendo que aqui é o meu lugar, foi aqui que nasci, foi aqui que passei os melhores momentos da vida, foi aqui que aprendi com meus professores e exemplos de vida, aqui é o meu lugar, AMO Colatina.

Tenho reclamações? Um monte.

Mas é aqui que me sinto em casa, é aqui que olho os amigos que estão, estarão e os que foram, até os que já se foram e sinto uma grande saudade, e novamente olho os momentos felizes e tenho a certeza de que aqui vivi os melhores momentos.

E aqui é o meu lugar.

Obrigado e parabéns pelo seu centenário!

O FILHO AUSENTE

LILIA MÁRCIA DE ALVARENGA LOURETE

Professora de Geografia e coordenadora do Núcleo de Arte e Cultura do Ifes, campus Colatina. Mestre em Educação pela UFES. Doutora em Educação pela UniNorte, Assunção-Paraguai.

O filho ausente
Que deixou sua família
Seus amigos e parentes
E, em terras distantes,
Vislumbrou novas oportunidades
Com sonhos na mente
E alma ardente.

O filho ausente
De sua partida se ressentido
E de sua Colatina
Lembra com saudades
Do majestoso rio Doce de água corrente
Da acolhida calorosa do povo residente
Das construções que adornam morros e vales
E do seu clima quente.

E a saudade que sente
Do abraço caloroso de sua gente
Do aconchego do lar ausente
De toda a sua história

Que ficou na memória
Das ruas e avenidas
Das praças, clubes e escolas
Dos grupos de amigos
Dos amores perdidos
Há muito vividos.

O filho ausente
De sua partida se ressentido
E lembra com saudades
Da potencialidade de sua gente
Da capacidade da cidade
De polarizar regionalmente
Que a todos acolhe, gentilmente.

E o filho ausente
Diariamente
Nos jornais e nas mídias
Busca notícias de sua Colatina
E de sua gente
Que deixou para trás
Da qual muita saudade sente.

E o filho ausente
Da saudade que sente
À sua querida Colatina

Voltará, novamente.

E sua gente

Alegremente

Conta os dias

De ver brevemente

O filho ausente

Em sua saudosa Colatina

Se fazer presente.

VOCÊ SABIA QUE TEVE CINEMA EM VILA LENIRA?

LORENZO MORAES MELOTTI

*Colatinense, 22 anos, solteiro, filho de Kátia Regina Moraes Melotti
e Cleuber Melotti, estudante em Vitória (ES).*

A Unidade de Saúde de Vila Lenira recebe o nome de meu bisavô, que não tive o prazer de conhecer em vida: Cesar Melotti. Foi uma homenagem a um dos desbravadores de Colatina, principalmente daquele bairro. Nascido em 05/12/1893, na região de São José, Baixo Santa Julia, em Santa Teresa, filho de Giacomo Melotti e Zelinda Guaitolini Melotti, o senhor Cesar foi casado com Maria Chisté Melotti, com quem teve 13 filhos. Antes de se instalar definitivamente na cidade, em 1958, alguns de seus filhos vieram, constituíram família e progrediram por aqui.

Formou valorosos cidadãos e cidadãs da cidade, que contribuem até hoje para o desenvolvimento de nossa terra e de outras tantas espalhadas pelo país.

Com espírito empreendedor aguçado, seu apoio a alguns filhos possibilitou o surgimento e instalação, no início da década de 1960, do Cine Alvorada. Isso mesmo! Tivemos um cinema em Vila Lenira, que funcionou por alguns anos no galpão onde hoje se encontra o Bar do Melotti, que é conduzido por um de seus netos. As sessões, que sempre eram bem frequentadas, faziam a alegria do público com os filmes de Mazaropi e a emoção transbordar com o filme “Marcelino Pão e Vinho”, que contava a história de um órfão de 6 anos, criado por monges, que precisava salvar seu monastério após uma visita de Jesus Cristo. O cinema não funcionou por muito tempo e poucos foram os resquícios desse tempo que não tenham se perdido, mas, ainda hoje, uma das fitas de filme em rolo se encontra preservada no pequeno museu instalado

em frente ao antigo local do cinema, na residência de sua nora, minha querida avó, D. Alice Valvassori Melotti, que aos 80 anos cuida com carinho de várias relíquias do passado da família e do bairro.

Também muito importante para a história de Colatina é o fato de que ele foi proprietário do primeiro ônibus de passageiros, que ligava o interior de Santa Teresa a Colatina. Enfrentar as serras barrentas da região com uma antiga “jardineira” era um desafio enorme.

Não podemos nos esquecer de sua colaboração na instalação de mais negócios como mercearia, bar, pila de arroz, fábrica de móveis, entre outros empreendimentos. Alguns filhos se tornaram referência na área da construção civil, eletricidade e agropecuária.

Sempre estava presente nas necessidades da comunidade, tendo sido um dos protagonistas fundamentais na construção da Igreja Católica Matriz de Nossa Senhora da Glória e de várias capelas pelo interior, com participação pessoal e financeira, inclusive abrigou em sua própria casa, por mais de um ano, o saudoso Cônego João Guilherme.

Acreditando que a educação era o melhor caminho para um futuro de sucesso, juntamente com abnegados da época, construiu em apenas 60 dias a primeira parte do antigo Colégio Nossa Senhora da Glória que, em 2014, quase 15 anos após sua morte, na segunda gestão do prefeito Guerino Balestrassi, foi transformado em Unidade de Saúde e recebeu seu nome. Atualmente a US funciona em novas e modernas instalações em área anexa à Escola Polivalente.

Dizem os antigos que, quando faltava dinheiro para as obras da escola, fazia empréstimo pessoal para dar seguimento ao projeto.

Cesar Melotti era uma figura muito querida em toda a cidade, tendo falecido em 27/07/1989 com quase 100 anos, na época uma das pessoas mais antigas de Colatina.

Parabéns, Colatina!

INESQUECÍVEL COLATINA

LOURENÇO FONTANA FILHO

*Nasceu em Colatina, 66 anos, é comerciante
e reside no Bairro Vila Amélia, Colatina, ES. Poeta iniciante.*

Colatina, meu solo natal,
Como de ti me esquecer?
No teu solo nasci e cresci,
No teu solo eu hei de morrer.

Saudade de ti, minha Colatina!
Das tuas inóspitas matas,
Dos teus outeiros verdejantes,
Que outrora traziam, exultantes,
O canto de belas cascatas.

Saudade de ti, minha Colatina!
Dos teus alvoreceres orvalhados,
Dos errantes barcos, perfilados,
Que, no remanso do meu doce rio, pairavam.

Saudade de ti, Colatina!
Dos domingos, à tarde, ensolarados,
Do intenso verde dos gramados,
Onde bandeiras se desfraldavam.

Saudade dos notívagos violeiros
Que acordes apaixonados dedilhavam!
Dos boêmios e dos seresteiros,
Que versos de amor cantavam!
Saudade de ti, Colatina de outrora!
Das crianças da bola de gude
Que banhos tomavam no açude,
Tão diferentes das crianças de agora!

Saudade dos teus filhos que a terra cobriu,
Do grande amigo que partiu!
De sorriso largo e tamanha hombridade,
Pra ti, FILOGÔNIO DE AGUILAR,
Versejo os meus versos de saudade.

As águas do meu tão doce rio
Revelaram majestoso navio
De que todo o povo foi fã.
Saudade de ti, velho Juparanã!

NO ENLACE DE COLATINA: MEMÓRIAS DE UM NASCIMENTO

LUZIMARA DE SOUZA CORDEIRO

*Servidora do Ifes, campus Colatina. Doutoranda em Letras pela Ufes.
Já atuou como docente de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, como Pedagoga e
como Designer Instrucional.*

Quero descansar as palavras desta minha escrita em itinerários nostálgicos, porém urgentes, visto que no próximo 22 de agosto de 2021, Colatina, pela ordenação na sintaxe do tempo, completará 100 anos. Logo, concentrei, neste momento presente, a narração de parte de minha história entrecruzada à de Colatina.

Por que narrar parte de minha história? Qual o motivo de arrebatado o silêncio dessas linhas com memórias aparentemente narcisistas, para falar de Colatina? Dissiparei essa curiosidade nas linhas seguintes, carregadas de recordações saudosistas.

Muitos acham que meu nome deveria ser Colatina, afinal, também nasci em 22 de agosto. Brinco, justificando que só deveria ser registrada como Colatina se tivesse nascido em 30 de dezembro, dia da emancipação política da cidade. E que 22 de agosto é a data da comemoração do aniversário, por ser o dia da fundação da cidade de Linhares. Mas a verdade é que tenho muito orgulho de ter nascido no mesmo dia que o dos festejos comemorativos da minha amada Princesinha!

Não me chamo Colatina, pois meus pais Diomar e Luzia resolveram me registrar com o nome formado pela junção das letras iniciais de minha mãe (Luzi) e da sílaba final do nome de meu pai (Mar) – Luzimar. Acrescentaram um “a”, a fim de não ter dúvida que era uma menina: a Luzimara.

Disseram que eu até podia não ter claramente Colatina no nome,

mas minha chegada como primogênita foi tão esperada como a de uma princesa que nasceu, justamente, no dia em que a Princesa maior – a do Norte Capixaba, de “céu cor de anil”, comemorava seus 56 anos, no ano de 1977.

A cidade estava em festa! Era feriado municipal, dia de comemoração, de alegria! A principal avenida do centro da cidade, a Getúlio Vargas, estava colorida e sonora, pois servia como palco para o desfile. Eram balões, famílias, alunos, faixas, fantasias, bandas e muita animação.

Meu pai, maestro de uma das bandas de fanfarra do desfile, da Escola Estadual Honório Fraga, estava participando da homenagem à cidade quando, às 9h30min, na maternidade do Hospital Sílvio Avidos, também no centro da cidade, em sintonia com o som das fanfarras, ecoou o som estridente do meu primeiro choro. Nasci!

Movido pela empolgação do nascimento de sua princesa, no dia do aniversário da Princesa do Norte, meu pai foi ao hospital, acompanhado de vários membros da banda escolar, para conhecer sua primeira filha que, anos mais tarde, integraria a banda de fanfarra coordenada pelo seu pai nos desfiles em comemoração ao dia de Colatina.

Curiosa e apaixonada pela história de minha cidade, participei, no início da década de 1990, de todas as etapas da Maratona do Saber – um concurso municipal sobre a história de Colatina. Em uma das edições da maratona, a final aconteceu na Biblioteca, um espaço importante na cidade que, anos depois, foi também palco do meu primeiro emprego efetivo. O local, um antigo armazém da Estação Ferroviária, doado pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), na década de 1980, foi denominado Biblioteca Municipal Doutor João Chrisóstomo Belesa, em homenagem ao ex-presidente da CVRD. E a última etapa da Maratona era uma prova oral. Por amor a minha cidade e para a feliz surpresa de meus pais, que me acompanhavam, a garota acanhada venceu sua timidez e cantou ao microfone, para o público que ali estava, o hino de

Colatina, que era o que pedia a questão sorteada: “Saudade, Colatina eu terei / Saudade, do teu povo tão gentil [...]”.

Cantei, cheia de satisfação. Ao entoar cada palavra do hino municipal, sentia-me emocionada ao imaginar a saudade que contaminaria minha alma se de minha cidade natal “[...] eu partir pra não mais voltar”, pois, com certeza, “Te levarei Colatina no meu coração”. Contudo, aqui fiquei. Nesta majestosa cidade moro desde 1977, sempre encantada por meu município, “Eu sinto assim, grande emoção”.

Colatina! Como é gratificante comemorar junto com você o meu aniversário! Não recebi o seu nome no meu registro de nascimento, mas sou Luzimara, meu nome tem Luz, que, de certa forma, remete a você, Colatina, cidade iluminada não apenas pelo magnífico pôr do sol, mas, também, pelas belezas tantas que aqui temos e pela simpatia que esbanjam os colatinenses.

Vinte e dois de agosto traz uma enorme sinestesia em minha alma: dia com cheiro, som e sabor. Consigo sentir o ritmo das bandas de fanfarra, visualizar, mentalmente, o desfile municipal e as festas em comemoração ao aniversário da cidade. Rodas gigantes circulam em meus pensamentos, movidos pela energia da multidão que comemora feliz.

Aqui encerro esta escrita que se ocupou com o meu passado, enriquecido pelas intensas lembranças de Colatina. Ao narrá-las, almejei intensificar os sentidos dos fatos, a fim de contagiar você, leitor, desse amor pela fonte maior da minha inspiração: Colatina.

Siga, “Avante, linda Princesa”, rumo ao seu centenário, pois “Tu és toda a grandeza”.

Minha certeza se faz cada vez mais enfática: amo ser colatinense!

CONFESSO QUE VIVI...

MARA ELIZABETE PENITENTE

Poetisa, fotógrafa e artista plástica. Membro da Academia de Letras e Artes de Colatina.

A praça onde aconteciam os shows estava apinhada de gente que se acotovelava, não tanto para ver o Velho Guerreiro, mas, muito mais, para apreciar as belas dançarinas com as pernas de fora em dança sincronizada, vitrines do programa Buzina do Chacrinha. Eu, dos bastidores, observava tudo e me perguntava se teria coragem de enfrentar aquele público barulhento e excitado pelas festividades do cinquentenário daquela que me acolheu como mãe carinhosa, Colatina.

As comemorações duraram vários dias, naquele agosto de 1971. Eu, com 15 anos, vivi intensamente todos os momentos festivos. Deslumbrei-me com a apresentação da Banda Marcial do Colégio Estadual Conde de Linhares, que deu verdadeiro show no desfile cívico, do qual participaram os colégios da cidade e também a Banda da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

Colatina contava com mais de 106.000 habitantes e vinha se destacando na indústria de confecções, um passo diferente daquele dado até então, quando, na década de 1950, fora o município maior produtor de café no Brasil. Iniciava-se, também, em outros setores da indústria, como o da produção de carne para comercialização no país e no exterior, com o Frigorífico Rio Doce S. A., FRISA, tendo sido inaugurado como um dos eventos do cinquentenário da cidade. O prefeito Syro Tedoldi Netto (1971-1973) proporcionou aos cidadãos colatinenses inúmeras atividades planejadas para atender aos vários segmentos da população, além de contemplar certames dos quais participaram os municípios vizinhos, como a Feira Agropecuária, com prêmios concedidos a diferentes categorias relacionadas à criação de gado, atividade de grande

relevância para a economia do município e de toda a região.

De repente, Abelardo Barbosa, o Chacrinha, anuncia: Nosso próximo calouro, aliás, caloura, é Mara Elizabeth Penitente, que se apresentará cantando “Meu bom José”, canção original de Georges Moustaki, na versão de Nara Leão, gravada por Rita Lee.

Eu tinha sido selecionada em uma sessão acontecida no Iate Clube de Colatina, e quando o apresentador me anunciou, fiquei gelada, me perguntando se conseguiria dar conta da missão. Todos tinham medo da tal buzina que o Velho Guerreiro fazia soar nos ouvidos do calouro que ele não aprovasse; medo também do abacaxi com que ele presenteava o infeliz cantor.

No microfone soou:

*Olha o que foi meu bom José
Se apaixonar pela donzela
Entre todas a mais bela
De toda a sua Galileia...*

Bem perto de mim, Chacrinha parecia prestes a acionar a fatídica buzina... Qual! Com voz afinada e vestida com blusa e short pretos, uma capa de veludo maravilhosa, também preta, e calçando botas pretas até o joelho, eu estava pronta para arrasar.

Fiquei entre os três finalistas. O sanfoneiro colatinense Wilson Benevenuto de Assis, conhecido como Zé do Brejo (1953-2013), ficou em primeiro lugar, o que garantiu a ele a apresentação no show de calouros do Programa do Chacrinha, em 1974, no Rio de Janeiro, ocasião em que ganhou o troféu Velho Guerreiro.

Cinquenta anos se passaram. Neste 2021, Colatina completa 100 anos de emancipação política e eu rendo minha homenagem a essa cidade que preenche minha vida e que tanto me inspira quando caminho por suas ruas, fotografo o que me atrai, transformo paisagens em telas e escrevo sobre o que me emociona. Não é demais dizer: Colatina, “não cansarei de sempre te exaltar, assim eu viverei em comunhão”.

COLATINA, UM CENTENÁRIO DE HISTÓRIAS E EMOÇÕES

MARCO ANTONIO BREGONCI

Consultor empresarial, professor universitário, filósofo e escritor.

Membro da Academia Luminescência Brasileira de Letras

(Seccional de Araraquara-SP).

Sentir o amor é bem diferente do que tentarmos descrever o amor. Apesar de óbvio, só nos damos conta da verdade contida nessa afirmação a partir do momento em que nos intimam a descrever a forma como a nossa alma reage aos estímulos sensíveis das emoções.

Convidados a falar sobre Colatina, somente aceitamos fazê-lo na estrita condição de nos libertarmos dos padrões frios das análises recorrentes e das metáforas cansativas para expressar por Colatina um sentimento que possa ser lido e compreendido pela alma do leitor – não apenas pelos olhos.

Impossível nos é falar sobre Colatina sem revisitar nossas memórias afetivas. Sem lembrar os tempos de criança, onde passeávamos na ainda precária Avenida Beira-Rio, nas tardes de sábado. É recordar o frescor de esperança trazida pelo vento que depois de lambe o dorso do velho rio Doce, beijava nossas faces, estimulando sonhos e desejos. As tardes bucólicas de julho e agosto eram as preferidas. O modesto frio da estação de inverno sempre permitia que a imaginação aflorasse de modo mais intenso. O céu cinza contrastando com as luzes da Ponte Florentino Avidos, já no crepúsculo, permanecem como cenas indeléveis registradas no quadro de nossa memória.

Ao arrebol, trago vivo em mim o olhar das crianças acompanhadas dos pais, que, zelosos, revelavam uma instintiva proteção. Casais de namorados de mãos dadas e juras, naquele momento, eternas de amor incondicionado, também compunham o cenário.

E o que dizer dos festejos da cidade? Colatina sempre soube bem celebrar seu aniversário. Com muito ou pouco luxo, com muitas ou rareadas atrações, sempre comemorávamos o aniversário da Princesinha do Norte com bastante carinho.

A vida vai nos provando e impondo desafios. Também à Colatina o destino não a livrou da oportunidade de revelar-se forte através da fé e da resiliência da sua gente. Várias intempéries climáticas trouxeram momentos de angústia pelas perdas materiais causadas pelas fortes chuvas que traziam inundações históricas. Mas o colatinense sempre se reerguia.

A solidariedade nunca se acovardou e sempre despontava naqueles momentos difíceis. Tudo isso minha história registra com a pena de quem testemunhou os fatos, assim como a tragédia de Mariana, onde a ação humana que, priorizando o lucro em detrimento da segurança, causou uma das maiores catástrofes ambientais já vistas. O rio, que tanto nos orgulha, naquele momento foi usado pela cobiça para trazer tristezas. Seus peixes mortos, uma cidade sem água potável, o desespero novamente visita a cidade. Mas, felizmente, o tempo também é aliado da perseverança – tudo passou. Assim também passará este tétrico momento representado por esta pandemia que tanto nos penaliza, aflige e angustia. Mas somos fortes, somos colatinenses, trazemos impressos no espírito a marca histórica da resistência e da fé inquebrantável.

Colatina é uma cidade hoje bem diferente. Abriga uma gente de credos, filosofias e ideologias distintas. Temos uma juventude que vive o seu tempo, com seus gostos musicais e visões de mundo bem singulares. Somos hoje muito mais conectados a um mundo que atingiu níveis de comunicação e interatividade sem precedentes. Os mais antigos guardam nos porões de suas memórias tempos de hábitos mais simples, de conversas diretas, de cantigas que exprimiam um romantismo quase ingênuo e um culto à natureza e à terra como provedora da fartura que alimentava o corpo, e o espírito sempre agradecia aos céus em

retribuição. Esse saudosismo é atestado ainda hoje pelo som de cantigas caipiras, através do pontilhado das violas que choram pelas cifras e toados aquela simplicidade inspirada por uma natureza que pouco oferecia e que muito exigia, mais da força direta dos músculos do que das habilidades intelectuais.

Amar Colatina significa também reconhecer que em seu berço repousam culturas diferentes que não estão sincronizadas ao ritmo dos novos tempos, quer por decisão ou por incapacidade de assimilar as novas tecnologias. O novo e o antigo devem conviver em harmonia. Há muito o que aprender um com o outro. Culturas e valores também sofreram mudanças. Alguns tabus foram rompidos, outros passaram a serem cultuados em substituição aos antigos. Amar Colatina significa também respeitar as diferenças em prol da qualidade da convivência e da harmonia entre as pessoas.

Honestamente, neste centenário do aniversário de Colatina, seria digno oferecermos a ela o melhor dos presentes: a demonstração de uma maturidade civilizatória capaz de harmonizar as relações humanas, respeitando os ditames dos novos tempos, mas também preservando os valores mais antigos, mas não por isso ultrapassados, que velam pela proteção da família, do respeito ao próximo e à obediência aos princípios morais que inspiram uma ética comportamental que deve ser vivida e não apenas contemplada como um ideal inatingível.

DONA LAURA PERUT

MARCO TADEU PERUT (*LETRA E MÚSICA*)
*Técnico em Contabilidade, microempresário em
administração e corretagem de seguros.*

Antigamente, quando eu era menino
Não pensava que o destino
Fosse um dia me levar
Praquele tempo em que meu pai reunia
Na sala toda a família
Às seis horas pra rezar.

Depois da escola, eu corria atrás da bola;
O João com a viola
Ia pro muro tocar.
Lá se juntavam as pessoas numa roda,
Pra falar coisas da moda,
Do cafona e do luar.

O seu Melício na cadeira da calçada
Pra contar e ouvir piada
Com os vizinhos do lugar.
Depois a gente ia provar o quitute
Que a dona Laura Perut
Tinha feito pro jantar.

Me lembro ainda da casa da dona Alzilia,
Da gente boa da vila
E amiga pra valer.
E passa o tempo e a vida inda é menina
Mas aquela Colatina
Tinha mesmo que crescer.

Hoje, a idade avançou, não sou criança
E toda essa lembrança
Faz o meu peito doer.
Eu quero crer que é só saudade e não ligo,
Pois aquele tempo antigo
Não consigo esquecer.

Eu sei que um dia tudo será como espero,
E todos amigos quero
Reunidos com prazer,
Na mesma mesa, mesma rua, mesma nossa
Vila Nova, um dia eu possa,
Abraçar e agradecer.

RIO DOCE

MARCOS PENITENTI

Músico, compositor, instrumentista e produtor musical, nascido e criado em Colatina, ES. Atua dentro e fora da cena musical da cidade. Estudante e pesquisador informal de música popular.

Adeus, meu rio Doce
Ah Deus!
Que bom se fosse
A última vez que eu te vejo assim

Ah Deus!
Meu pai, minha mãe
Adeus aos meus irmãos
Adeus ao coração
Da minha terra

O rio que desce a serra
Lavando as montanhas
Num sussurro do horizonte
Ao pôr do sol

Desce devagar
Desce sem matar o amor
Que por tantas vezes transbordou
Que por tantas vezes
E por tantas vezes te matou

O SONHO

Maria Auxiliadora Torezani de Oliveira.

*Mais conhecida como Dora, é nascida e criada em Colatina.
Professora da rede municipal e estadual, atualmente funcionária
da Biblioteca Municipal.*

Uma vila se expandia às margens de um extenso rio chamado Doce, de águas cristalinas que brilhavam à luz do sol, como se fosse um imenso lençol prateado. Suas águas marolavam dando passagem aos barcos e canoas, meios de transporte usados por homens fortes e determinados que levavam enormes cargas. Muitas casas eram construídas para acolher famílias cheias de esperança que desejavam fixar sua morada nessa Vila Encantada. Era 1921, a vila chamada Colatina foi elevada à categoria de município. Os morros cobertos por matas verdejantes pareciam erguidos em preces pela cidade que nascia.

Seu povo esperançoso movimentava a capital capixaba levando suas reivindicações. Crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos cantavam e aplaudiam alegremente as conquistas alcançadas. Logo a cidade de Colatina começava a ser chamada por todos de “Princesa do Norte”.

Uma fresta de luz iluminou o quarto, ouvi o canto dos pássaros anunciando o alvorecer. Preguiçosamente abri e fechei os olhos novamente, deixando-me embalar pelo canto dos pássaros. Um forte barulho me fez pular da cama assustada.

Abri a janela, puxei a cortina e deixei o sol entrar inundando com seus raios o interior do meu quarto. Da janela avistei um moderno ônibus com uma faixa amarela brilhante escrita “Escolar”, que atravessava a Avenida Getúlio Vargas levando crianças uniformizadas com o rosto coberto por uma máscara, que, alegres, retornavam às escolas, após um longo período de distanciamento social, causado pela pandemia do novo

coronavírus que assola o mundo desde 2019.

Da janela contemplei emocionada a estátua do Cristo Redentor, que parecia olhar do alto o seco rio Doce de águas amareladas cor de lama, resultado do grande desastre em Mariana/MG. Contemplei os morros que circundam Colatina e de lá emergem simples e arrojadas construções que abrigam milhares de famílias colatinenses.

Troquei a roupa, coloquei a máscara, companheira inseparável, e caminhei pela cidade, pensando: “É 2021, o ano do Centenário de Colatina!”

Pessoas caminhavam apressadamente. Pensei: feliz no povo que ferve na cidade centenária onde nasci e vivo com minha família. Sorri, com felicidade, quando me deparei com um prédio branquinho com enormes portas azuis, todo reformado, que parecia se preparar para receber o público leitor de nossa amada Colatina. Precisava voltar para casa. Respirei fundo e falei sozinha: “Biblioteca, reino do saber, como diz meu amigo e grande escritor, Adilson Vilaça”.

COLATINA: LUGAR DE HISTÓRIA E DE CONTÍNUO RECOMEÇAR

MARIA CRISTINA DADALTO

Professora Dra. em Ciências Sociais e coordenadora do Laboratório de Estudos dos Movimentos Migratórios da UFES. Pós-Doutora pela Univerità Ca' Foscari, Veneza, Itália.

O assentamento dos imigrantes estrangeiros, nacionais – mineiros, nordestinos, fluminenses –, afrodescendentes libertos e indígenas, que já habitavam a região, no processo de consolidação e desenvolvimento do município de Colatina, tem como base um roteiro de utopia para construção de nova vida. Esse projeto permeou os passos dados por esses diversos sujeitos. Mas a força irracional do salto ao desconhecido não fornecia as garantias necessárias à realização plena da aventura em curso.

Os diferentes sujeitos desse movimento trouxeram em suas bagagens valores e experiências históricas. Em Colatina construíram uma nova biografia que culmina com a consolidação de um polo de desenvolvimento. A reconstituição desse percurso data oficialmente de 1888, com a ocupação do núcleo Antônio Prado. Assentados no núcleo urbano e rural, estruturaram as vidas em torno da extração da madeira, comércio, serviços e da produção e comercialização do café.

A política de erradicação de cafezais, implementada no último quartel do século XX, obrigou a população a buscar nova alternativa econômica visando reconstruir suas atividades em outras bases. Muitos encontraram a resposta a este desafio na incessante e crescente fundação de pequenas fábricas de confecções e de móveis, que se tornaram importantes polos de produção em nível regional e nacional.

Por meio desses polos, a população edificou uma cidade moderna, dissolvendo os laços com o campo e localizando nela a realização plena de

cidadania. Nesse movimento, a população consagrava e se apropriava do patrimônio de experiências individuais e coletivas de seus antepassados para dar continuidade aos novos desafios a serem enfrentados com os rumos impostos ao crescimento socioeconômico do país e do estado.

Nesse contexto, o fundar e refundar nova vida faz parte da memória da população. O projeto elaborado pelos primeiros fundadores permanece incessante, visando uma vida que lhes possibilite associar ao sentido de cidade – incorporado historicamente às diversas culturas dos grupos aqui assentados como lugar de legitimação de cidadania – o desejo de inserção à moderna dinâmica socioeconômica global.

Os sonhos servem como instrumentos de interpretação da experiência adquirida, na medida que dialogam com a realidade buscando os sinais possíveis de interpretar o presente. A ressaltar que esta interpretação se refere ao sentido de despertar, de superar, resgatar da experiência a trajetória a ser implementada no conteúdo das oportunidades de transformações sociais. E isso encontra no presente um significado especial, até porque as perspectivas de mudança apresentam-se de forma contínua nas gerações seguintes.

De modo que o centenário do município Colatina marca várias mudanças e transições inscritas na história da população: desde aquelas localizadas na vivência da antiga vila, da zona rural à conquista da cidade. Nesse percurso engendrou-se nova realidade cuja linguagem encontra domínio no urbano com suas instituições modernas, sua heterogeneidade, sua complexidade e densidade.

Os moradores mantêm práticas socioculturais que transitam na diversidade da cidade, adaptam-se e reinventam os laços individuais e coletivos na ordem apresentada como espaço privilegiado de investimento econômico e de cidadania. Em Colatina a população enfrenta a modernidade econômica e a diferença social incorporando nesse processo a potência do roteiro de uma utopia de construção social. Nela, a forma espacial reflete a história da população e sua visão geral, as

biografias individuais e coletivas, as finalidades humanas e as atividades produtivas, que desde sempre reforçaram seu desenvolvimento.

Uma das vantagens de Colatina, à época da dissolução dos laços com o campo e do processo de sua modernização, e que provocava redefinições nas relações sociais, foi ser uma cidade pequena, ainda aberta à consolidação de novos padrões de comportamento. Aberta à inventividade e sem os padrões de relacionamento social das grandes cidades e sem modelos a seguir, foi possível às pessoas buscar novas oportunidades de vida.

A pouco e pouco, começaram a surgir pequenos empreendimentos constituídos por fábricas de roupas e de móveis, de educação, serviços e comércio que transformaram Colatina. Os colatinenses aprenderam a enfrentar os novos desafios nos níveis local, regional, nacional e internacional, que lhes obrigam a superar o cotidiano das transformações socioeconômicas e culturais que engendram a atual tessitura produtiva. Certo é que na cidade reinventam a vida em todas as suas dimensões, sobretudo, no relacionamento interpessoal e institucional. Nela, mantêm valores e hábitos adaptados à ordem competitiva do presente. Afinados com a busca da harmonia e da felicidade.

HABITANTES DA INFÂNCIA

MARIA DO CARMO CONOPCA

*Colatinense, filha de Nair Sesana e Amário Conopca,
mãe de André e Mila. Graduada e pós-graduada em Letras.
Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.*

Seu Orlando era vendedor de ovos. Magro, alto, cabelos pretos e ralos colados com brilhantina em fileiras paralelas no alto da cabeça. Tinha um quê de Nelson Gonçalves. Usava roupa social, sapato e cinto, a caixa alta de madeira com os ovos sobre o ombro direito. Era um tanto taciturno, falava baixo. Adentrava o portão de casa sem pedir licença, pois já era conhecido. Atravessava o quintal andando torto sob o peso de sua mercadoria e me encontrava sentada num dos degraus da escada da varanda, fazendo dever de casa ou desenhando. Como as tábuas eram vazadas, eu me sentava ali, dependurava as pernas pela fresta e usava o degrau superior como apoio para os cadernos. Teria 7 ou 8 anos. Mamãe geralmente estava no quarto de meus irmãos, costurando em sua Vigorelli. Seu Orlando me olhava e não precisava abrir a boca: eu logo ia chamar mamãe. Ela quase sempre comprava ovos, mas quando não comprava eu ficava com muita pena de Seu Orlando. Se ela viesse com a tigelinha de ágata branca significava que ia comprar. Então Seu Orlando pousava a caixa no degrau da escada e eu observava dentro dela os ovinhos caipiras de cores tão delicadas como aquarelas. Ele sempre escolhia algum de casca azul clara ou verde-água e dizia que aquele era o meu. Eu sorria, feliz com meu ovo de galinha exclusivo. Seu Orlando ia embora, mamãe olhava o dever, mandava que eu fizesse sempre a letra bem grande e caprichada, antes de sumir porta adentro levando a tigela de ovos. Eu pensava, pensava e não entendia por que motivo Deus não fez as gemas dos ovos combinando com aquelas cores tão bonitas de suas cascas. Daí já imaginava os pintinhos nascendo também coloridos: azuis,

verdes, cor-de-rosa... Só despertava desse devaneio diante da omelete sempre amarela do almoço.

II

Misteriosa criatura era Maria Sete-Saias, de cuja presença me recordo vagamente; creio mesmo que jamais a esqueci porque ensinaram-nos a ter medo dela, a cigana errante que tinha fama de roubar crianças. Naquele tempo praticamente todas as casas do morro da Caixa D'Água, onde morávamos, tinham seus quintais protegidos por cercas de ripa. Sete-Saias aparecia sozinha, cigana sem bando, com suas roupas coloridas cheias de rendas escurecidas de sujeira. Escolhia um trecho da rua e ali se abancava, demarcando seu território de maneira singular: dependurava na cerca escolhida uma fileira de longas saias rodadas, presas pela barra, formando uma cortina de semicírculos, um tipo de varal macabro que assustava nossa tola meninice. Sete-Saias chegava sempre ao anoitecer. As mães logo avisavam umas às outras sobre a presença da cigana. Cada mãe tratava então de atemorizar seus filhos, dizendo que não mexessem com a Sete-Saias, não passassem perto dela e principalmente que não a xingassem, porque todo mundo sabe que praga de cigana pega. E ali ficava ela por vários dias, na sua solidão de cigana desgarrada. Durante esse período a rua era proibida para nós. Alguém sempre lhe deixava comida e água, afinal alguma solidariedade era necessária para evitar as pragas e maldições da cigana. Então, numa manhã qualquer, o lugar amanhecia livre de sua incômoda e incompreendida presença. As crianças voltavam a brincar pela rua, mas, quando escurecia, a presença da Sete-Saias ainda nos assustava por muitos dias. Ela era como uma assombração que existia de verdade.

III

Dona Paulina era a louca de nossa rua. Sua casa fica na parte mais baixa, no início da ladeira. Era uma senhora de pele clara, com o rosto comum a tantas mães e donas de casa da minha infância, parecida até mesmo com minha própria mãe, inclusive nos vestidos floridos que usava, de corte reto e com grandes bolsos na frente. Cabelo liso e grisalho aparado acima dos ombros, um sorriso pétreo nos lábios muito finos, um rosto com verrugas moles. Em certos dias, quando o sol esquentava muito, lá vinha Dona Paulina, entre uma e duas horas da tarde, sempre descalça, subindo o morro em zigue-zague pela rua sem calçamento. Seus passinhos rápidos levantavam uma pequena nuvem de poeira que parecia persegui-la. Andava rápido demais para seu peso e sua idade; acaso encontrasse crianças na rua, dava-lhes uma carreira. Por esse motivo tínhamos um certo medo dela, mas era uma doida mansa. Subindo a rua passava pela curva em frente a nossa casa e desaparecia na parte mais alta do bairro. Andava naquele pique até se cansar. Horas depois, já mais calma, descia o trajeto de volta para sua casa. Certa vez minha mãe, com pena dela, sob aquele sol ofuscante do verão de Colatina, ofereceu-lhe um copo de refresco de caju. Ela disse que não queria, porque dava dor aqui, ó: e apontou para o próprio pescoço. Eu ali do lado, pequenina, assistindo àquela cena, temi pela segurança de minha mãe, mas ao mesmo tempo admirei sua compaixão. Anos depois faleceu Dona Paulina. Com certeza ela deve estar fazendo seu zigue-zague lá no céu, levantando poeira das nuvens e dando carreira em algum anjinho mais lerdo.

A CIDADE DE COLATINA

MARIA EDUARDA PEREIRA BRAGANÇA
*Cursa Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Castelo Branco;
mãe aos 22 anos de uma pequena de 2 anos chamada Cecília.*

Olho a cidade de Colatina
Com o brilho no olhar
A pandemia vem vindo
Fazendo muita gente pensar.

Tantos lugares lindos
Que me fazem suspirar.
Há Cristo Redentor,
Avenida com parquinho,
Mirante de São Pedro Frio,
Lugares que encantam só de pensar.

E no entardecer do dia
Ele vem engolindo a gente
Esse pôr do sol
Ah, pôr do sol!

Por fim,
Esse calor que nos cerca
Vem da hospitalidade,
Calor humano.
Posso dizer,
Cidade maravilhosa.

DOCE SAUDADE

MARIA EMILIA DOS SANTOS

*Professora de educação infantil da rede municipal de Colatina,
formada em pedagogia pela FAFIC e contadora de histórias.*

Contava os dias nos dedos
Pro domingo ver chegar
Passava o melhor vestido
Cheia de ansiedade
Era um acontecimento
Ir ao centro da cidade.

No centro de Colatina
Era tudo diferente
Todo tipo de gente
Para lá e para cá
A linha do trem no meio
Como serpente de ferro
Se mantinha ali parada
E a gente na calçada
Que nem estátua vidrada
Esperava o trem passar.

No domingo era um prazer
Passear na principal

Brincar na linha de ferro
Tentando se equilibrar
Pulava feito cabrito,
Sem ver o tempo passar.
Até que chegava a hora
Do deleite apreciar
Entrar no bar Cinelândia
E um sorvete comprar
Era como ir para o céu
Sem querer nunca voltar.

Pegar aquele sorvete
Era ganhar um troféu
De ter a melhor delícia
Na boca poder sentir
O melhor sabor do mundo
Outro igual não conheci.

Já tomei muito sorvete
Até fora do Brasil
Mas em nenhum momento
Eu deixei de me lembrar
Do bar da minha cidade
Do cheiro doce que tinha
E do barulho gostoso
Do crec da casquinha.

Depois da sessão das duas
Lá no cine Idelmar
Eu ficava processando
Na minha imaginação
E guardava com cuidado
Tudo no meu coração.

Um sorvete como aquele
Nunca mais eu vi igual
Só ficou foi a saudade
De pessoas tão queridas
De um tempo maravilhoso
Que marcou a minha vida.

Mas o tempo é implacável
E aponta a direção
O progresso é o destino
Só não vê quem não quiser
Que aquela debutante
Hoje respeitável senhora
Se destaca no estado
E também pelo Brasil
Parabéns, linda Princesa
Por ser linda e tão gentil.

MINHAS MEMÓRIAS DE DULCITA: GOSTO DE MAÇÃ DO MATO E RISADAS

MARIA ISOLINA DE CASTRO SOARES
*Doutora em Letras, professora aposentada e membro da
Academia de Letras e Artes de Colatina (ALARC).*

Sentada na calçada, Dulcita observava a imensa porta dos fundos da Casa de Saúde Dr. Justiniano. Era uma casa ainda nova, inaugurada há pouco mais de 7 anos, pouquinho mais velha que a menina. Uma novidade para Colatina que, até 1932, não contara com nenhum hospital. Do final da rua Santa Maria vinha caminhando uma freira, envolta em negro, pescoço branco, asas negras esvoaçantes... Caminhava apressadamente. Ao passar pela menina, esta reparou o rosto crispado da religiosa, sua expressão de seriedade.

– Preste atenção, Dulcita. Ela vai matar alguém lá dentro. Elas sempre matam alguém. Se você vigiar todos os dias, verá que sempre, sempre, depois que elas entram, sai um caixão...

Encolhidinha de medo, a menina esperava. A expectativa era grande... De repente, seus olhos arregalaram-se de espanto. Lá de dentro vinha um caixão...

Freira e morte misturaram-se na cabeça dessa criança desde cedo em consequência dessas invenções, histórias de pessoas despreparadas com o objetivo de aterrorizar os pequeninos para deleite próprio. E as freiras estavam sempre por perto porque nas imediações funcionava o Colégio das Irmãs. Assim, na hora da extrema-unção, os familiares dos moribundos a elas recorriam. E a lenda se formou para aquela menina, tornando-se um estigma do qual só mais tarde, com o amadurecimento emocional, conseguiu se livrar.

Na idade de começar a frequentar escola, no entanto, o medo ainda estava lá. Seus pais queriam que ela cursasse o Colégio das Irmãs, mas qual! Gritava e esperneava e não havia nada que a convencesse a

entrar no Cristo Rei, pois ainda estava dominada pelo terror da morte de negro... E assim sua vida de estudante iniciou-se no Grupo Escolar Aristides Freire. Ah, o Aristides Freire, quantas lembranças! O pátio era circundado por alto muro, a apenas alguns metros do rio Doce, que exercia estranho fascínio nos alunos. Seu Bartouvino Costa, o diretor, precisava ficar sempre atento para que nenhum daqueles peraltas matasse aula para dar uma refrescada no rio que, naqueles idos da década de 1940, era caudaloso, navegável, e já com fama de engolir as pessoas com suas areias movediças.

Em 1944, é o Ginásio Conde de Linhares que passa a ser o centro da vida de Dulcita, que muito lamenta o fato de a construção original ter sido demolida, nada se preservando de sua memorável arquitetura. O primeiro ginásio de Colatina! Como pode não ter sido preservado? Aqui era a entrada, dos lados esquerdo e direito as salas de aula, ali adiante a casa do professor Aloísio, com o quarto imenso do internato das moças...

São muitas as lembranças desse educandário, o primeiro a oferecer o antigo curso ginasial. Foi fundado pelo professor Aloísio Barros Leal, um cearense que aportou nestas terras para nela plantar, em 1939, mais uma semente do saber. A já adolescente Dulcita viveu intensamente os anos dessa escola.

– Barbosa, onde você e Dilma estavam? O recreio já acabou, a turma já está em aula!

– Ah, professor Aloísio, o senhor sabe... Meu pai permitiu que eu pegasse pastel e caldo de cana no bar do Carlinhos, e eu e Dilma fomos lá, mas... perdoe-nos, professor... tinha gente na frente para ser atendida...

– Barbosa, Barbosa, o que eu faço com você e com Dilma? Rochinha, anota aí: Dulcita e Dilma saíram mais uma vez sem consentimento... (Deixa estar que o pai de Dulcita era professor no colégio, e ela sabia que tinha certas “passadas de mão na cabeça”, por isso

aprontava todas que podia...).

Do Conde de Linhares saíram as primeiras professoras formadas em Colatina, pois é também do professor Aloísio o mérito da criação do primeiro Curso Normal nessa cidade, no ano de 1944.

O pátio do Conde terminava no rio Doce. De lá os alunos podiam apreciar o vapor Juparanã, em sua rota entre Colatina e Regência Augusta, Linhares, onde o Doce deságua no mar. Com seus 20m de comprimento e 4m de boca, o pequeno navio chamava a atenção pela imponência de seus dois andares, capacidade de carga de 20 toneladas e acomodação de 100 passageiros.

Era um prazer indescritível ver aquela roda girando, na popa, e movendo o vaporzinho no rio de 600m de largura navegável. Foi imensa a tristeza quando, no final da década de 1940, o Juparanã ancorou para sempre nas imediações do Ginásio Conde de Linhares para, nos anos de 1970, ser soterrado junto com parte do rio para que a cidade crescesse em direção às águas...

Hoje, a já quase nonagenária senhora ainda sente o gosto das maçãs do mato que trocava por pão com queijo com as colegas que moravam no interior e que vinham a pé ou a cavalo estudar no Aristides Freire; dá risadas das brincadeiras de adolescente protagonizadas no inesquecível Ginásio Conde de Linhares; e não esconde a emoção ao saber que, no centenário de Colatina, essas escolas continuam firmes em sua missão de ensinar crianças e jovens desta cidade.

COLATINA

MARIA LUIZA MEIRELLES

Professora de português do Ifes campus Colatina.

Para homenagear-te, Colatina, em teu centenário,
escrevi para ti estes versos:

Tinha apenas doze anos
Quando num misto de curiosidade e satisfação
Conheceu a cidade do seu coração.

Entre pequenas e grandes pausas
A vida para lá a levava
Seria para uma grande vivência
Ou por uma mera coincidência?

E quando lá se encontrava
Reinava a paz e a alegria
Pois, qualquer pessoa com quem convivia
De forma carinhosa e solícita a recebia.

Meus melhores momentos os tive lá
E até meus bens mais preciosos
Lá os concebi.

Chamam-te “A Princesa do Norte”

Este apelido te cai bem

Pois, além de rica e linda,

És aconchegante também.

O pôr do sol de lá

Mais bonito não há

Rio montanha horizonte

Que espetáculo fascinante!

PARABÉNS PRA VOCÊ, MINHA TERRA!

MARIA TEREZA PAULINO

*Mais conhecida como Terezinha, é jornalista e atua na
Secretaria Municipal de Comunicação de Colatina.*

Mãe Colatina, de índios, brasileiros e imigrantes. Que em teu colo embala teus filhos todos os dias. Que os aqueces com teu sol quente e brilhante. Banha nas águas dos rios. Do rio Doce. Abençoas, proteges, afaças, abraças.

Colatina, minha terra! Minha terra querida! Meu lar! Minha cidade! Terra das cores do sol do entardecer. Tuas ruas, praças, jardins, ladeiras, morros, escadarias, pontes, avenidas. Minha gente! Nossa gente! Irmãos! Nossa Mãe! Nossa Princesa! Nossa rainha! Nossa inspiração! Hoje somos nós que te abraçamos. Teus filhos. Amor de filho, de mãe que transcende, que transborda, infinito.

São 100 anos! De um caminho que passou pela navegação e o movimento comercial do rio Doce, a Francilvânia, a Vila de Collatina, os distritos, a Estrada de Ferro, a Revolta do Xandoca. Caminho que chegou a 30 de dezembro de 1921 com a emancipação, e como sede, devido aos crescimentos econômico e político. Virgínio Calmon Ferreira Fernandes (primeiro prefeito), Xenócrates Calmon de Aguiar e Augusto Pedrinha Du Pin Calmon.

Daí para frente são 27 prefeitos (vários reeleitos). Teve médico, engenheiro, professor, advogado, agricultor, funcionário público, dentista prático, comerciante, construtor de estradas, e até oficial do Exército e da Polícia Militar nos períodos mais turbulentos. Escritas ao longo do teu caminho são muitas as histórias de fracassos, mas também muitas conquistas. Deram sua contribuição para o desenvolvimento profissionais de todas as áreas, professores, estudantes, políticos,

cidadãos de todas as idades, de todas as crenças.

A Ponte Florentino Avidos, marco do progresso de toda a região norte capixaba. Terra do café, da indústria de confecções, da indústria de móveis, do comércio intenso. Das avenidas Getúlio Vargas e Beira-Rio. Prédios que contam histórias, testemunhas de tua história. Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, de Colatina Velha, Estátua do Cristo Redentor. A Cachoeira do Oito. Nossos rios, lagoas.

Dois praças fazem parte da infância, emprestando seus bancos e suas árvores para meninos e meninas embalarem seus sonhos. A Municipal, com suas duas árvores mais antigas, os fícus, um tipo de figueira plantada na sua construção em 1935, remanescente de uma época em que elas reinavam absolutas nas praças brasileiras. Também a praça Sol Poente, cuja área serviu aos trens da Estrada de Ferro, e hoje é lugar de diversão, esportes e até de comer frutas. É o Pomar Sol Poente.

As duas bandas de congo somam juntas quase 150 anos. Mas, ainda tem bandas, corais, pintores, músicos, escritores, enfim artistas de toda a natureza, para falarem da nossa terra e do teu povo. Festas para dançar muito. As festas das comunidades, do Cafona, entre tantas. São Pedro Frio, Itapina, todo o interior, onde todos são muito bem recebidos.

Colatina é a terra do “Oi, seja bem-vindo”. Lugar onde as pessoas se cumprimentam sem se conhecerem. Onde parece que todas se conhecem. Lugar aonde se chega aonde se quer, sem conhecer, pois surge sempre um colatinense pronto para informar, para acolher.

Parabéns, Colatina! Parabéns, minha terra! Parabéns nossa terra!

Parabéns, minha mãe! Parabéns, nossa mãe!

Parabéns pelo teu centenário!

Nós, teus filhos, te abraçamos! Todos os teus filhos te abraçam!

“Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!” Viva Colatinaaaaa!

GENTILEZA A NOSSA CIDADE COLATINA

MARLENE CALIARI RODRIGUES

Moradora e apaixonada por Colatina, casada, mãe de filha única. Desde nova encantada com a arte de educar os pequeninos na alfabetização, hoje professora aposentada.

Pensei em escrever algo sobre o centenário de Colatina,
Prestar uma homenagem a esta cidade que me fascina,
Para tal, usar qualquer tipo de ideia que melhor a defina,
E não a beleza de um único rio ou de uma colina.

Existe mais beleza na cidade do que muita gente imagina,
Coisas que podem ser vistas em cada rua, cada esquina,
No rosto de cada cidadão, de cada menino, cada menina,
E não pense que o espetáculo da cidade por aqui termina.

Dê um passeio pelos seus bairros, cada detalhe examina,
Converse com os moradores, verás que é tudo gente fina,
Visite o Cristo Redentor e volte com uma sensação divina,
Semelhante ao que ocorre após uma injeção de vitamina.

Procure observar a gentileza que nessa cidade predomina,
Mas atenção, ela é contagiante e ainda não possui vacina,
O visitante que a contrai, sem nenhum receio a dissemina,
Explicar um fenômeno tem sido um desafio para a medicina.

Já diziam os antigos que viver aqui é um negócio da China,
Esqueça Bariloche ou qualquer outra cidade da Argentina,
Já ouvi dizer que passou por aqui uma linda mulher filipina,
E que na hora de voltar, desistiu, ficou e abriu uma cantina.

Outra coisa bonita é ver quando essa gente se determina,
Pra enfrentar uma situação que possa querer levar à ruína,
E nesse momento que o colatinense vira herói e heroína,
E qualquer tipo de obstáculo que surja, facilmente elimina.

Se alguém te disser que aqui faz um calorão que abomina,
Acredite, isso é só para provar que o Sol mais forte nos ilumina,
Para gerar um ótimo calor humano que a todos contamina,
E ao se pôr, mostrar à cidade um espetáculo que alucina.

Se você ainda não conhece nossa cidade, não procrastina,
Venha cá passear e descubra onde a felicidade se origina,
Pode parecer exagero, mas aqui o bem-estar é que domina,
Se precisar de guia, aqui estou, me liga e a gente combina.

WALCY SANTANA: DOS PAMPAS SULINOS AO CORAÇÃO DA PRINCESA DO NORTE

MARTINHO RAASCH JÚNIOR

Graduado em Letras, autor de três livros e membro da Academia de Letras e Artes de Colatina (ALARC). Nasceu em 06/11/1970, em Itapina, distrito de Colatina, ES.

Colatina: um século de histórias e conquistas! Quantos de nossos antepassados não ansiaram por atingir o dia 22/08/2021 para testemunhar o centenário da cidade que ajudaram a construir! É, portanto, um amplo privilégio para nós estarmos presentes nesse momento tão marcante da trajetória de nosso município, para lhe render as merecidas homenagens.

O espírito acolhedor talvez seja o termômetro que melhor retrate a conjuntura de uma cidade. E, nesse quesito, Colatina destacou-se na transposição das décadas, albergando, com ímpar dedicação e afeto, todos que por aqui passaram, como se almejasse retribuir o empenho daqueles que foram os pioneiros do desbravamento desse nosso querido solo.

Essa hospitaleira generosidade não abarcou somente os legítimos filhos colatinenses, como também se estendeu aos aventureiros que, fascinados pela esbelteza e cordialidade dessa terra, decidiram ficar aqui para sempre. Coração de mãe sempre coube mais um, mesmo sendo um adotivo.

Entre os adventícios que aqui aportaram, podemos pôr em relevo a irreverente figura de **Walcy Santana**, um dos personagens mais insignes de todos os tempos que caminharam por esse chão. Homem de posições firmes, alicerçadas por uma admirável cultura, Santana, como era mais conhecido, discorria sobre diversos temas, quase sempre ensejando polêmicas, às quais se mostrava indiferente, contra-atacando com um inusitado sorriso largo.

No livro **História Viva de Colatina**, do conceituado repórter Paulo Roberto Maciel, encontramos, nas páginas 72 (1ª edição) e 77 (2ª edição), um resumo da biografia de Walcy Santana, nascido em 08/10/1929, em São Leopoldo, RS.

Fruto de sua peregrinação por diversos lugares (Rio de Janeiro, Brasília, Bahia, São Paulo e Espírito Santo), Santana (formado em Administração de Empresas e em Direito) orgulhava-se de ter tido contato com inúmeras personalidades brasileiras, dos mais variados setores, destacando-se na política os Presidentes Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, e ainda os ex-governadores Leonel Brizola (RS e RJ) e Carlos Lacerda (RJ). Na música, conheceu Jamelão, Dolores Duran, Moreira da Silva, Agnaldo Timóteo, Cauby Peixoto, Virgínia Lane, Mara Rúbia, Lana Bitencourt e os compositores Tom Jobim e Vinícius de Moraes, além de muitos outros nomes.

Na década de 1950, Santana passou em concursos públicos para o Ministério da Aviação e Obras Públicas e Departamento de Correios e Telégrafos, no Rio de Janeiro, onde fixara residência em 1945. Com a transferência da capital federal do Rio para Brasília, em 1960, ele também seria transferido. Os horrores da Ditadura, no entanto, lhe trariam consequências em 1964, quando foi demitido do serviço público pelo Ato Institucional número I (AI-I) e respondeu a vários inquéritos em razão de suas convicções políticas.

A chegada a Colatina ocorreu no final dos anos 1960, quando laborava como representante de empresas. Aqui conheceu a esposa, Maria Elza Genelhu, com quem teve um filho. Após o fim dessa união, Walcy Santana decidiu permanecer em Colatina, onde mantinha amizades nos mais diversos meios sociais.

Não obstante parecesse detentor de uma saúde de ferro mesmo após ultrapassar os octogenários degraus de sua existência, o egrégio Santana se viu obrigado a sucumbir ante os redemoinhos do tempo, falecendo em 17/11/2018, aos 89 anos, após meio século de convívio

na sociedade colatinense, engajando-se em vários projetos, inclusive atuando à frente do Movimento de Consciência Negra.

Ah, Walcy Santana, o senhor quase conseguiu chegar ao centenário da cidade pela qual tributou uma colmeia de amor! Se ainda estivesse aqui, certamente essa data seria comemorada numa reunião de amigos em volta de uma mesa, e o chope (que o senhor tanto apreciava!) iria bailar nas espumantes ondas dos copos ao som de uma animadíssima seresta. E o senhor, com aquela voz acentuada que fazia o irretocável bigode trepidar ao disparo de cada palavra, teceria os mais belos e enaltecedores encômios à nossa diletta Princesa do Norte pela passagem de sua magna data. Bem que poderiam existir figurinhas repetidas no álbum do tempo para que Santana pudesse de fato retornar, ainda que fosse para ficar apenas no dia do centésimo aniversário de Colatina.

As artimanhas do tempo podem arrebatar um ser do plano físico, porém, jamais poderão delir o encantador mosaico de ações que ele construiu no decurso de sua jornada. Alguns são tão caprichosos que fazem com que esse mosaico se confunda com as belezas naturais do meio em que viveu, despertando a atenção da população e até arrebanhando novos admiradores, uma vez que os monumentos históricos de uma cidade não se restringem às construções e às paisagens turísticas, mas também às pessoas que corroboraram para a formação do progresso e da cidadania, fatores tão essenciais ao exercício diário de uma civilização.

Nestes cem anos de Colatina, dizer cem vezes **“Viva Santana”** é o mínimo que podemos fazer em recompensa ao legado humano e cognitivo que ele nos deixou.

O ZELO INERENTE À MÃE QUERIDA

MICHEL SOARES

Nasceu em 12/1980, em Santos/SP. Mudou-se para Colatina aos dez anos de idade.

Publica trabalhos no blog Dimensão Reluzente. Publicou os romances O Sopro de Belial e A Coletora de Lágrimas.

Certa vez, escutei um visitante de outro estado dizer que Colatina é uma cidade vertical, referindo-se aos morros onde se sustentam grande parte dos bairros do município. Seria um comentário desprezível, mas notei certo tom de escárnio naquelas palavras. Então, fiz o que somente um cidadão colatinense sabe fazer nessas horas: defendi nossa querida Princesa do Norte.

“Sempre se enxerga algo de baixo pra cima quando se está em reverência”, foi o que respondi, ao que ele não entendeu de imediato. Mas o escopo que gostaria de atentar é para o instinto natural do cidadão colatinense: essa obrigação inerente de correr em defesa da cidade, como se Colatina fosse sagrada; preciosa demais para ser menosprezada por gente que não é daqui e, portanto, desconhece a magia. O colatinense até faz suas críticas e reclamações sobre a cidade, talvez por achar que sua condição de filho legitima o argumento. Porém, instintivamente, algo azedo desperta em seu ser sempre que alguém de outro lugar diz ofensas sobre nossa singela terra.

Quem me conhece salientaria que não sou natural daqui e, portanto, não saberia como expressar sentimentos genuínos sobre Colatina. Contudo, vim com minha família muito cedo e, ainda jovem, já me sentia acometido pelo mesmo sentimento daqueles que cá nasceram: a sensação de filho acolhido, que não se conforma com ofensas direcionadas à mãe querida. Não por acaso Colatina foi batizada por nome feminino, pois, como genitora que ampara seus filhos, estes mesmos zelam por ela e a elevam à condição de natureza sacra.

Antes de ser finalmente adotado por este solo amoroso, eu olhava para Colatina com certa desconfiança; a cidade, em minhas impressões de garoto, era um misto de mistério arcaico e vigor contemporâneo. O antigo parecia fundir-se ao novo como se fosse um encaixe preciso que jamais vi noutro lugar; a simplicidade dos moradores, a naturalidade na interação, a convivência encarada de modo recíproco; em Colatina, as pessoas discutem os problemas da cidade com seriedade e em qualquer canto: nos bares, nas igrejas, nos pontos de ônibus, nas filas dos supermercados... Agem como pequenas células de um enorme corpo em constante evolução. Querem criar, fazer! O colatinense se sente peça de uma máquina, onde cada pecinha é vital para o bom funcionamento. Sim, Colatina é como um grande mecanismo cujas articulações são lubrificadas pelo suor do seu povo lutador.

Confesso que muitas vezes me senti como o estranho no ninho, pelos olhares de desconfiança sobre minha inexpressiva presença. Não que eu tivesse uma aparência nociva, mas talvez os colatinenses apenas quisessem se certificar de que eu não seria uma possibilidade de abalo da serenidade coletiva... Sim, os colatinenses são cabreiros demais.

Demorou para que eu me sentisse em casa. Foi preciso que saísse da cidade, como disse o escritor José Saramago: “é preciso sair da ilha para ver a ilha”. E ao retornar de viagem longa, adentrar as imediações de Colatina causou-me, pela primeira vez na vida, a sensação de estar chegando a um lugar de que sou parte. Sabe quando você chega em casa, cansado, retira os sapatos e afunda no sofá? É mais ou menos como me sinto quando estou chegando de algum lugar, atravesso a pequena Baunilha e logo avisto a imponência da segunda ponte cortando o nosso rio Doce.

Por falar em rio Doce, notou como nós, os colatinenses, gostamos de reivindicá-lo como nosso rio? Pois é; isso meio que é parte da gente daqui, sabe? O rio Doce possui um percurso de 889 km, sua bacia corta 228 municípios, e o colatinense continua com o velho e disparatado

hábito de dizer que esse gigante é nosso. Vez ou outra, o rio se enfurece, invade a cidade e parece querer reclamar de volta um tanto de suas margens estreitadas pelo desenvolvimento urbano... mas, se quer minha humilde opinião, acho que Colatina é terna demais e até o imponente rio Doce, não contentando-se em apenas percorrer passivamente, adentra as imediações da cidade, implorando por um abraço.

Cristo também é daqui, sabia? Com seus braços abertos, é a máxima representação da mãe Colatina. Ok, o Rio de Janeiro pode até ter o Cristo mais famoso. Mas aquele lá me parece simbólico demais, inalcançável demais... O Cristo aqui é acessível e simpático e exala a mesma ternura da cidade.

Colatina é simples de se entender; é leitura desobstruída, é silêncio visual agradável, é cheirinho de janta recém-preparada. Colatina tem alma, é mais que perceptível; sua essência está em todos os lugares. Colatina é aconchegante, é afável, permissiva e exala calor... nossa! E como faz calor! Mas talvez seja esse calor excessivo o preço a se pagar por termos o segundo pôr do sol mais lindo do mundo. Um segredo: isso é uma enorme falsa humildade do colatinense. Porque ninguém sabe onde fica o primeiro pôr do sol mais lindo do mundo, pode sair pela cidade perguntando a qualquer um. De modo que isso faz do nosso pôr do sol o mais esplendoroso de todos!

E não ouse contrariar o colatinense. Tenho dito!

QUANDO EU VOU PRA COLATINA

MILA CONOPCA ALVES

É estudante, 10 anos, gosta de brincar, de ler, de escrever, de ver filmes e desenhos e comer brigadeiro. Ama visitar os familiares em Colatina.

Quando eu vou pra Colatina
a minha mãe me dá a notícia
e eu fico muito animada!
Vou logo arrumar a mochila
coloco nela brinquedos, livros,
o tablet, cadernos e canetas
para escrever e desenhar
quando chegar lá.

Nós saímos bem cedinho
e vamos logo de mansinho
para pegar o caminho
que nos leva para lá.
Mas no meio da estrada
aparece uma parada
que é a parte da viagem
mais gostosa e divertida.
Comemos pastel e enroladinho
bebemos suco de uva
e a mamãe bebe café

e olha panelas para comprar
mas ela nunca compra nada.

Antes de pagar a conta
eu peço uma moeda ou duas
para pegar um bichinho de pelúcia
na máquina que é de pegar brindes
e está bem cheia deles.

Então eu e meu irmão
temos três tentativas.

Precisa ter habilidade
e também um pouco de sorte
para sair de lá com um bichinho bem fofo.

Depois voltamos para o carro
seguimos nosso caminho.

Eu vejo pelas janelas
morros de pedras cor cinza
bois pretos e brancos,
às vezes eu vejo também
passar um trem.

Quando eu vejo o rio Doce
sei que já estamos bem perto
e meu coração fica agitado.

Na casa da tia Dica
e da tia Melinda
somos recebidos
com muita festa e alegria.
Lá é tão divertido
que eu nem preciso
usar as coisas da mochila!
Eu brinco bastante de cozinha
e leio muita revistinha.
Só paro para almoçar
uma comida bem gostosa.

E na hora de ir embora
é uma tristeza no coração,
porque eu sinto muitas saudades
da minha família de Colatina
e de tudo de bom que tem lá.
Ainda bem que no próximo mês
a gente pode voltar.

REMINISCÊNCIAS

MIRTES FAVARATO PERUITTI

Formada em Letras, Inglês e Português, na FAFIC.

Estamos em 1974. Tina vai se casar amanhã, dia 13 de junho, aos vinte anos. Mora em Colatina, pertinho do colégio das irmãs, onde estudara o ginásio e o curso Normal. Concluída a faculdade, como seria agora mudar para outro lugar, depois do casamento? Ficar longe desta cidade que a acolheu desde os seus onze anos de idade... O tempo passou depressa, mas tudo foi tão intenso! As lembranças da meninice e juventude passavam como um filme ante seus olhos.

Logo que chegou a Colatina, em 1963, seu tio Ormino costumava levá-la com as primas às matinês, aos domingos, no Cine Idelmar. Era uma festa! Saboreavam pipocas enquanto assistiam às “fitas”; depois, à noite, passeavam pela avenida Getúlio Vargas, onde famílias, moças e rapazes amavam dar as famosas “voltinhas” ao som da “furiosa” do maestro Walfredo Rubim. Tina ficava deslumbrada com o desfile das meninas da cidade com suas roupas da “última moda”.

Veio-lhe à lembrança como gostava de jogar pingue-pongue! Mais tarde, encantou-se pelo voleibol, acordava de madrugada para treinar com as colegas sob a orientação da professora Leonide. Saudosa, ela detinha a imagem de cada participante do time, dos risos e brincadeiras.

Muitas vezes, quando voltava do colégio para casa, hora do almoço, ela sentia um cheiro de comida pelas casas afora, eram névoas de bife acebolado, banana da terra frita...! Era um aroma muito peculiar.

Alcançando mais idade, frequentava com as amigas os bailes ao som das bandas do lugar, como Almir e seu conjunto, The Jet Boys, The Mugs, no Clube Recreativo ou no Late Clube, cuja arquitetura era um espetáculo. Houve também a época dos festivais, em que os novos

artistas ficavam afoitos na criação de suas músicas e letras.

Pelo menos por um ano, o professor Silvio lecionou Língua Portuguesa no “Divino Rei”. As composições de Tina eram sempre elogiadas pelo mestre. Em uma delas, ela contou a saga de um cachorrinho da família chamado Pinguim, que fugiu de casa. Os irmãos dela entraram num jipe e percorreram a cidade à caça. O pobrezinho estava em São Silvano, foi uma alegria resgatá-lo tão longe de casa... A redação, com todos os detalhes, mereceu ser publicada em um jornalzinho local.

O rio Doce, doce nome, rico em histórias, desde as de pescadores às de assombrações, ficaria na memória... Já atravessara a ponte Florentino Avidos, a pé, duas vezes. De lá se deleitava a contemplar o lindo pôr do sol e vinha-lhe à memória o que alguém asseverara de que este era o segundo mais espetacular do mundo.

Lembrou-se também daquelas tardes, às seis horas, quando corria à pracinha, sentava-se em um banco e ficava inebriada ouvindo, do autofalante da Matriz do Sagrado Coração de Jesus, a “Ave Maria” de Schubert. Ficava ali com a inquietação própria dos jovens e se serenava com aquela música.

Em uma ocasião, Lúcia, uma vizinha, pediu-lhe que a acompanhasse com seu bebê para uma consulta médica. Tina prontamente aceitou segurar a criança enquanto a outra dirigia. E lá se foram num “fusca” esverdeado. Na volta, estavam alegres, conversando, quando o carro estacou exatamente em cima da linha do trem. Tina disse “eu vou saltar aqui...” Ela estava suando com o pequeno nos braços. “Não, não saia! Vou tirar este carro daqui!” disse Lúcia, visivelmente alterada, ligando e desligando o veículo, e nada. Estavam já apavoradas quando ouviram alguém gritar bem alto “Olhe o trem!” Que suplício o delas! Daí Lúcia pisou mais forte no acelerador, causando um barulhão. Finalmente, o carro moveu-se e saíram do perigo. Caladas, seguiram em frente, aliviadas.

Reminiscências... Tina sabia que, mesmo morando em outro lugar, visitaria seus pais, não amiúde, claro.

No outro dia, logo cedo, a casa da família estava em alvoroço com os preparativos para o casamento, e ainda teriam que pegar o bolo feito pela Dona Olga, o vestido de noiva pela Dona Judith... Tina estava feliz e ansiosa. À tarde, a Dona Lacy veio fazer a maquiagem nela. De repente, eram quatro horas da tarde, o fotógrafo Afrânio estava chegando equipado para o trabalho que fazia, com arte.

A cerimônia foi simples e bonita, com a graça e alegria do Cônego Maurício, que abençoou e elevou aos céus os votos e promessas dos nubentes.

Naquela mesma noite, os recém-casados deixaram a cidade. Tina não olhou para trás e, lá dentro da alma, uma canção, o hino da “Princesa do Norte” insistia em sair baixinho dos seus lábios “Saudades eu de ti sempre terei...”

Agora em 2021, Tina tem sessenta e oito anos, e o marido, Antônio, setenta e dois. Quisera ela visitar pessoas queridas, mas uma pandemia assola o país, o mundo inteiro, há mais de um ano. E é nesse cenário que a nossa cidade completa os seus cem anos.

Hoje, bem cedinho, o casal pegou a estrada para onde tudo começou, quer rever os caros lugares da vida deles e, por certo, mais tarde, brindarão com um champanhe ao centenário da inesquecível Colatina.

MORRO DAS CABRITAS

NELSON ALMEIDA MONTEIRO

Colatinense, médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Médico legista aposentado da Polícia Civil de MG. Residente em Sete Lagoas, MG.

Memória é seletiva. Muitas vezes esquecemo-nos de fatos relevantes para nos lembrarmos de outros, aparentemente sem a menor importância, casuais mesmo, que, volta e meia, surgem em nossa mente. Outras vezes temos lembranças que nos deixam dúvidas se, de fato, aconteceram; se seriam fruto de nossa imaginação ou de relatos ouvidos de outras pessoas. Ou, talvez, cenas de filmes vistos, que passariam depois a fazer parte de nossos arquivos internos. Mas, importante dizer, memória nem sempre significa inteligência.

Existia, nos recônditos de minhas lembranças, uma cena de que sempre duvidei fosse real: a imagem de um grande trator indo e vindo, derrubando árvores de um morro. Acontece que, até onde minha memória pudesse recuar no tempo, meados dos anos 1940, não me lembrava de elevações próximas à casa onde morávamos, em uma rua no centro da cidade.

Imaginei que poderia ter sido onde se localizava a Esplanada, área plana onde nos aventurávamos, aí pelos dez anos de idade, e depois das chuvas, para colocarmos nossos barquinhos nas pequenas poças que se formavam no fundo dos grotões. Barquinhos motorizados, feitos com tabuinhas onde fincávamos um palito à guisa de mastro, com a bunda de uma tanajura espetada na ponta, que era o motor.

Mas, antes disso, eu não poderia, pela pouca idade, aventurar-me para tão longe. Sabia, por relatos, ter havido na cidade um morro chamado “das Cabritas”, que teria sido demolido por volta de 1945, 1946. Então a minha lembrança poderia ser da terraplanagem.

Fotos recentemente postadas no Facebook trouxeram alguma explicação. Uma delas, datada de 1938, mostra parte da cidade de Colatina com um morro coberto com algumas árvores: o Morro das Cabritas, bem no centro da cidade.

A Travessa Pancas, hoje Travessa Túlio Margotto, limitava sua face leste. No lado sul havia um pequeno caminho que depois viria a ser a continuação da Rua Expedicionário Abílio dos Santos. No lado norte, a Rua Cassiano Castelo, onde morávamos nessa ocasião. Em seu lado oeste, o Morro era margeado pelo rio Santa Maria que, depois das obras de demolição, teve seu curso desviado para oeste da Esplanada, passando, então, a desaguar, em ângulo reto, na margem sul, ou direita, do rio Doce. Com grande vantagem para a cidade, pois teve a Esplanada anexada a seu centro.

Mas isso só veio a acontecer depois da retirada dos trilhos do centro, em 1975, porque, até essa data, a Esplanada era o pátio de manobras da Vitória a Minas. Mas, se fosse hoje, a derrubada do morro e a transposição do rio gerariam tanta polêmica pelas ONGs que daria para encher ‘trocentos’ quilômetros quadrados de páginas de jornal. E a obra não sairia do papel.

Outra foto, de 1944, também no Facebook, mostra o que seria a face norte do morro, medindo algo em torno de 12 metros de altura, cálculo baseado na altura das pessoas que se encontram em frente dele.

Hoje, na área resultante da terraplanagem, encontra-se o Hospital Sílvio Avidos, belíssima construção, em estilo colonial espanhol, cujas obras, começadas logo após a demolição do morro, terminaram em 1946, embora o Hospital só houvesse começado a funcionar em 1949, após ter sido inaugurado pelo então Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra.

Por volta de 1950, aquele trecho da rua que se formou no lado sul do Hospital tinha, no meio do quarteirão e em frente ao Hospital, um galpão onde funcionariam, alternadamente, uma serraria e o Tiro

de Guerra 108, mas não lembro em que sequência. Ao lado desse galpão, uma oficina de funileiro aonde, garotos, levávamos latas vazias, geralmente de azeite, que eram transformadas em canecas, utensílio de grande procura naqueles tempos. Em troca recebíamos apitos, que o homem fazia com pedaços de lata, que eram trocados na base de uma lata por um apito. Muito rudimentar, por sinal, pois, para funcionar, precisava-se fechar as laterais com os dedos, e, se colocássemos uma bolinha, geralmente semente de jirica, o som vibrava.

E eu sempre ficava encucado com um pequeno morro, de uns três metros de altura, que havia por trás da oficina que, agora imagino, eram restos do Morro das Cabritas. Parece, então, que minhas lembranças eram reais.

REMINISCÊNCIAS DE SANTA CECÍLIA

OLNEY BRAGA

Bancário aposentado, ex-professor e membro da ALARC – Academia de Letras e Artes de Colatina. Natural de Colatina, é, também, sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Sempre morei no Bairro Santa Cecília. Por isso, costume dizer: Nasci no morro, moro no morro e, no morro, terei de morrer.

Costumávamos, eu e meus colegas, jogar bola na Rua Caboclo Bernardo, de terra batida. Da metade dessa rua subia a Braga Jr., em cuja casa 44 morei durante 35 anos. O nome dado à rua é uma homenagem ao meu saudoso pai, José de Oliveira Braga Júnior, Tesoureiro Municipal, que nem cheguei a conhecer. Caboclo Bernardo foi um pescador linhareense, que se tornou herói, em 07/09/1887, por ter salvado 128 náufragos de um Cruzador Imperial.

O nosso campinho careca ocupava a quase metade da Caboclo Bernardo. Volta e meia, a bola caía no quintal do Sr. Américo Gava, que, solícito, e sempre com um franco sorriso, no-la devolvia, sem qualquer embaraço. Ele e seu pai Francisco Décimo eram imigrantes italianos que se instalaram, com o Foto Gava, em Santa Cecília, na década de 1940. Tornaram-se grandes pioneiros da arte fotográfica na nossa terra.

Logo após as peladas, costumávamos nos aventurar num areal gigantesco situado num vão central, na margem esquerda da Caboclo, que se estendia, morro abaixo, até quase atingir a parte inabitada da Getúlio Vargas. Sempre éramos avisados do perigo que corríamos ao brincar ali. Segundo muita gente, oferecia bastante perigo e teria sido o local do primeiro cemitério de Colatina.

No dia 7 de julho de 1947, contava eu 10 anos, lá pelas 9 da manhã, paramos a nossa pelada para que uma menininha atravessasse a rua. Ela teria vindo passar uns dias na casa da sua tia Filhinha e da avó

Dona Dudu, que residiam num casebre ali por perto.

Lá pelas 10, Filhinha grita o nome Lígia reiteradas vezes, sem resposta. Paramos novamente a pelada para procurá-la. Descobrimo-la no areal, soterrada por um enorme bloco de areia. Comoção total. Aquele dia ficou marcado no coração e na alma de cada um de nós. Liginha completava 7 aninhos. Nunca mais voltamos ao areal.

Sempre ouvia a minha querida e saudosa mãe, Dona Izolina, bem conhecida como Dona Filhinha, gritar o meu nome repetidamente, e eu, em desabalada carreira, ia atender aquele chamado, confundindo-o, muitas vezes, com o berro da cabrita que a minha tia Joanita trouxera de Linhares.

Início de 43, eu e a minha saudosa tia atravessávamos, a pé, a ponte Florentino Avidos, coberta de madeira, e alcançávamos os caminhos de São Silvano, praticamente despovoado, até atingirmos, próximo à Metalosa de hoje, a residência do casal Luiz-Maria da Luz Gotti. Ele, cabeleireiro, especialista em ondulação permanente, com quem minha tia tomava aulas.

Aos silvos prolongados do Juparanã anunciando a chegada, eu, a todo vapor, me encaminhava até o ancoradouro, próximo ao “Conde”, ao encontro da tia e do meu indefectível presente.

A Rua Braga Jr., na sua metade, encontrava-se com uma travessa que hoje leva o nome do Sr. Glicério Santos, conceituado Servidor Municipal aposentado, que constituiu, no bairro, distintíssima família. O encontro das duas forma um L, L de LUZ, emanada desses dois fortíssimos espíritos combatentes da verdade, da dignidade e da benquerença, Luz de que tanto todos nós necessitamos.

Da Braga Jr., devo homenagear o saudoso Adwalter Benetti, o autodidata que me proporcionou o gosto pela oratória. E Oranydes, querida e saudosa irmã, que foi o meu tudo. Gratidão!

Morei na Braga Jr., na Glicério Santos e, hoje, descendo um pouco, resido na Jerônimo Monteiro. Aqui moro exatamente em frente

ao Castelinho, o palacete que é a referência do nosso bairro. Que mão de obra para construí-lo! O antes dessa maravilhosa residência era uma pedra enorme, dinamitada por mais de um ano. Lembro-me de tudo, desde a primeira explosão. Recebe, agora, a sua segunda restauração. Os primeiros proprietários foram Ezílio/Maria do Carmo Scarton; depois, Hilário/Irma Lievore; e, agora, Cilas/Leléu Reis.

Em frente à minha casa, pelo lado Caboclo Bernardo, habita a minha cara amiga Diná Henriques Rosário, professora aposentada, do “Conde”, de Português e Literatura Brasileira, poeta, rainha dos acrósticos e escritora. Somos, eu e ela, os habitantes mais antigos desta querida Santa Cecília, cujo nome se deve a uma senhora de nome Cecília, uma das primeiras habitantes deste bairro acolhedor.

Como aquela cabritinha vivia fugindo, resolvemos rifá-la. 7 foi o número premiado.

Se somarmos as letras de vários nomes aqui listados, teremos 7 (Liginha, Joanita, Izolina, Benetti, Braga Jr., Antônio, Caboclo, Coronel e cabrita). Liginha faleceu no dia 07/07/47. Caboclo, herói no dia 07/09/1887.

Dizem que 7 é conta de mentiroso, mas afirmo serem verdadeiras as passagens aqui narradas, as quais historiam toda uma geração de colatinenses, que, a exemplo daquela cantante ave – *carimbamba* – vive, como eu, o aqui, o agora e o *amanhã eu vou* (som do canto da ave), no aguardo da chamada de Deus.

O ENCONTRO DA FOTOGRAFIA COM A HISTÓRIA DE COLATINA

PATRICIA GUIO BRAGATO

Licenciatura Plena em Educação Física ICMG, Licenciatura em Artes Visuais pela UFES, servidora municipal de Colatina. Entusiasta da cultura popular, em especial o CARNAVAL de escola de samba.

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. Nós, fotógrafos, lidamos com coisas que estão continuamente desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há mecanismo no mundo capaz de fazê-las voltar outra vez. Não podemos revelar ou copiar uma memória.

Henri Cartier-Bresson

Percebemos, por vezes, que nesse mundo corrido em que vivemos, perdemos o olhar para as pequenas coisas ao nosso redor, e isso parece causar a possível perda da nossa percepção no cotidiano, como também parece incluir aí a possível mudança de comportamento na sociedade contemporânea que, alheia às singularidades da vida, a vivência descomprometida com o ócio. As pessoas veem-se encurraladas no tempo e no espaço, de um lugar a outro, gerando um possível endurecimento da sensibilidade, em função da alienação dos nossos corpos e mentes, tanto dos jovens, quanto dos adultos.

Em nossa cidade, somos contemplados com belezas ímpares como a Catedral, o Pôr do Sol e o Cristo Redentor. Rica em belezas e admirada por muitos que aqui passaram, Colatina, a Princesinha do Norte, é referência na região noroeste por seu comércio local e o café.

No centro da cidade, nos deparamos com uma arquitetura

admirável que neste ano completa 69 anos, a Catedral Sagrado Coração de Jesus, uma área de preservação histórica, artística e cultural da cidade e que se tornou patrimônio histórico municipal em 2006.

Fundada em 1952, pelo então Padre Geraldo Meyers, tornou-se Catedral no final dos anos 80, e desde então encanta a todos que a visitam ou passam à sua frente.

Seus vitrais austríacos bem coloridos, com motivos religiosos e diversas passagens bíblicas, compõem o maior conjunto de vitrais do Espírito Santo e um dos maiores do país, e, junto com seus belos sinos, são orgulhos para a sociedade colatinense. Interessante ressaltar a existência dentro da igreja de uma cripta, onde está enterrado o corpo do pároco fundador da Igreja Matriz, Geraldo Meyers.

Poucos atualmente sabem que tanto a Praça Frei José com seu globo alaranjado ao meio, um chafariz e ao fundo a catedral, já atraíu olhares fotográficos transformados em cartões postais nas décadas passadas. Essas estampas eram vendidas nas bancas de jornal espalhadas pela cidade, principalmente na banca do Joaquim, que, há décadas, tem seu ponto na praça.

A arte postal foi um meio importante nas décadas de 60 e 70 no Brasil. Artistas como o pernambucano Paulo Bruscky, na época da ditadura militar no Brasil e na América Latina, utilizavam da Arte Postal ou Arte Correio para contestar ativamente a censura, multiplicando suas obras através desse meio.

Assim, convido cada pessoa que ali passar a voltar seus olhares para essa arte arquitetônica no meio do centro de Colatina, palco de muitos casamentos, batizados e celebrações. Essas belas imagens já foram retratadas pelo nosso eterno fotógrafo Afrânio Serapião.

Veja a beleza em seu entorno, dê um clique do seu celular, aumente o ângulo de sua visão e eternize esse espetáculo em sua memória e em suas lentes.

Pratique um olhar autônomo, descontaminado, olhe, veja,

sensibilize-se com seu ar bucólico e encantador. Vamos transpor as barreiras entre o ícone- a catedral, e o fotógrafo-você. Sendo assim, compreendo o que está ainda invisível no que, longe ao recolhimento do SER no mundo, de suas individualidades e valorização das histórias de vidas, pode se expressar através da sensibilidade de cada um. O seu novo olhar a outras pessoas, possibilitando um intercâmbio da cultura e memória da nossa cidade.

Alicerçados nas novas tecnologias, faz-se possível retratar todo o encantamento da cidade de Colatina. Entre um clique e outro, obtêm-se registros valiosos, garantindo, assim, o fluxo de transmissão da nossa memória individual e coletiva pela oralidade ou pela memória imagética, brindando, dessa forma, as futuras gerações com nossas informações e vivências, mantendo o vínculo entre elas... É o passado virando presente.... É a história viva de um povo....

A fotografia aqui passa a ser a janela dos nossos olhos. Através de seus ângulos e enquadramentos expressamos sentimentos, mensagens e opiniões, permitindo aos cidadãos perceberem-se como sujeitos da sua história. E nesse deleite vamos enaltecer e valorizar cada detalhe de Colatina, para nós a eterna Princesa do Norte, possibilitando o afago em nossos corações orgulhosos por fazer parte da história desta cidade iluminada dignamente pelo sol em seu total esplendor.

NOSSA HISTÓRIA EM COLATINA

RAPHAEL GUIMARÃES SOARES

Secretário de desenvolvimento e infraestrutura rural (SEMDIR).

Nossa história começa há cem anos, junto com Colatina e não é muito diferente da de outras famílias que aqui vieram buscar uma nova vida.

Ela começa com a chegada ao Brasil do meu bisavô materno, Joaquim Guimarães, que veio de Portugal tentando fugir das guerras e da falta de trabalho que assolava a Europa no começo do século XX. Permaneceu no Rio de Janeiro por um pequeno período. Casou-se com Cecília de Oliveira, filha de imigrantes portugueses radicados naquela região. Moraram no estado do Rio por algum tempo, em várias cidades, e formaram uma numerosa família. Em 1922 veio para Colatina com seus dez filhos, atraído pelo desenvolvimento da extração madeireira. Começou a trabalhar com os filhos. Eram jovens, fortes e corajosos, e se embrenharam na densa mata que margeava o rio Doce e aqui finalmente fixaram sua residência.

Com a construção da ponte sobre o rio Doce, começaram já com outros tantos madeireiros, a fornecer a madeira necessária para aquela obra. A ponte Florentino Avidos abriu um novo horizonte para esses bravos aventureiros que se tornaram pioneiros na abertura dos primeiros caminhos rumo ao norte da cidade.

Joaquim faleceu ainda novo, mas seus filhos continuaram na atividade extrativista. Trabalharam juntos por vários anos, enquanto durou o ciclo da madeira. Adquiriram alguma terra ao norte da cidade e passaram a viver sua própria vida. Formaram suas famílias e continuaram morando aqui. Meu avô Gordiano Guimarães, o filho mais velho dos irmãos, casou-se com Florentina Bongiovani. Era filha dos imigrantes

italianos Celso Bongiovani e Marieta de Martin, que aqui chegaram para trabalhar nas lavouras de café. Gordiano, que já possuía sua terra, dedicou-se à pecuária e ao cultivo do café, mas continuou fornecendo dormentes para a Companhia Vale do Rio Doce. Empenhou-se mais, porém, à cultura cafeeira. Mesmo assim continuou enfrentando os altos e baixos do momento socioeconômico do país, e conseguiu levar sua vida com sucesso. Gordiano e Florentina formaram sua família e sempre viveram aqui. Faleceram idosos, deixando-nos belos exemplos e recordações. Eles tiveram cinco filhos, que continuam morando na região. A terceira filha do casal, Maria Cecília, minha mãe, casou-se com Renato Pagani Soares.

Do outro lado desta mesma história está a família Pagani Soares.

Meu bisavô paterno, que se chamava Adalberto Soares, era casado com Teresa Ribeiro. Nessa mesma época veio para Colatina como agente da estação ferroviária. Também tinha uma numerosa família e aqui fixou residência. Alguns de seus filhos saíram para estudar e trabalhar em centros maiores como Vitória, Rio de Janeiro e outras cidades. Pouco sabemos de suas vidas. O filho Adwalter Ribeiro Soares, meu avô, ficou aqui e conheceu Lúcia Pagani, com quem se casou. Ela era filha dos imigrantes italianos João Pagani e Margarida Wilaschi, que viviam em São João de Petrópolis, no município da Santa Teresa. Adquiriram terras naquela região e se tornaram grandes fazendeiros e comerciantes. João faleceu novo e Margarida, com os filhos, deu continuidade aos negócios da família. A fazenda foi posteriormente vendida para o governo federal e ali foi fundada a Escola Agrícola de Santa Teresa, hoje, Ifes. A casa e o armazém de comércio da família ainda existem na entrada da escola.

Adwalter e Lúcia casaram-se e foram morar em outras cidades. Voltaram para Colatina em 1948 e aqui se estabeleceram. Compraram o Cartório do 2º Ofício de Notas, onde eles exerceram o tabelionato. Esse cartório pertenceu à família até ser oficializado pelo governo. Waltinho,

como era mais conhecido, gostava de política e foi vice-governador de Francisco Lacerda de Aguiar. Esta foi a sua única participação política. Era sociável e alegre. Ele e sua Lucinha nos deixaram muitas e boas recordações e belos exemplos de vida.

Renato Pagani Soares, meu pai, passou uma parte de sua infância e juventude aqui. Foi estudar no Rio de Janeiro, onde fez seu curso de medicina. Em 1966, já como médico, voltou para Colatina. Ele e minha mãe já namoravam e decidiram casar no ano seguinte. Minha mãe foi a companheira que deu suporte para ele exercer a sua profissão com empenho, responsabilidade e amor. E foi sempre com muito amor que realizou seus projetos de vida. Foi político e se elegeu vereador com expressivo número de votos. Adquiriu pequenas propriedades agrícolas e nelas realizou um de seus sonhos: plantou café, cacau, coqueiros e as seringueiras, sendo este seu último investimento.

Hoje, somos Renata e Carlos, Raphael e Sônia, com nossos filhos a dar continuidade a esta história. Colatina foi o berço acolhedor de nossos antepassados e hoje me empenho, como colaborador da atual administração, para a continuidade de seu progresso, na esperança de um futuro promissor para as novas gerações.

A MINHA SAUDADE DE COLATINA!

RENATO ZACCHÉ
*Colatinense, bacharel em Direito e Jornalismo pela UFES,
delegado de Polícia Federal.*

Tudo começa nos anos 70 do século XX. Aprendiz de acertos e erros, comecei a virar gente no bairro central de Santa Cecília, então o mais animado da cidade. Ali compartilhava amizades, famílias, festas, brincadeiras, brigas, músicas, torneios de futebol, vôlei e pingue-pongue. E de quebra, muito calor: humano!

Ainda garoto, pude acompanhar em 1975 dois acontecimentos marcantes para a Princesa do Norte. Um foi a polêmica inauguração do Cristo Redentor, sem as tempestivas bênçãos religiosas, depois concedidas. Outro foi o último trem na Avenida Getúlio Vargas. Em seu apito final, uma despedida em emoção e nostalgia. Seus derradeiros vagões, carregados pela história de gerações, como que prenunciavam os desafios que me aguardavam no porvir.

Caminhos a percorrer e um mundo a deslindar. Assim, despertar para a vida era obrigação que a mim se impunha desde muito cedo. Mesmo que fosse logo às 5h da manhã, precisamente pelas ondas da Rádio Difusora, quando inapelavelmente eu era acordado pela bateção de panelas do locutor Zé de Almeida.

Confiante e esperançoso, seguia com minha mochila de cadernos e livros até o tradicional Colégio Aristides Freire. Formação em fila e Hino Nacional obrigatórios. No recreio, merenda de sopa. Mas para quem podia pagar, pão com mortadela e refresco de groselha. Anos mais tarde, continuaria meus estudos nos não menos respeitados Marista e Conde de Linhares.

E o dilúvio nos inundou em 1979. Chuvas abundantes e renitentes fizeram com que a enchente do rio Doce trouxesse não só calamidade,

mas também solidariedade. O socorro vinha em caminhões e até do céu, por helicópteros. Superado o flagelo, a vida retomaria seu curso.

Anos 80 chegando, aos finais de semana as faculdades Fadic, Facec e Fafic fervilhavam de estudantes oriundos de toda parte. Provinham aos milhares de municípios vizinhos, da capital e até de outros estados. Carros e ônibus enfileirados. Trânsito engarrafado. A cidade ganhava contornos de grande centro.

Para cuidar do espírito, havia as missas na matriz do Sagrado Coração de Jesus, presididas pelo longevo Cônego Maurício. De brinde, a presença inocente do Joãozinho de Deus. Em algumas das celebrações ocorriam também as apresentações vigorosas do Coral Glória. E na saída, a disputa era pela pipoca mais quentinha, na arrojada praticinha em frente.

Praticando esportes, a molecada se enfrentava nas peladas de futebol travadas no chão de barro do recente aterro do rio Doce, atrás na nova Rodoviária. Enquanto isso, no Ginásio Municipal sempre lotado, rivalidade era coisa séria quando se tratava de futebol de salão: Casaca ou Saporeka? E no Estádio Justiniano, desfilando futebol, o Colatina descreditava os adversários. Ufa!

Quanto à diversão, da década de 70 à de 90, a badalação tinha endereços certos, fosse pra jogar conversa fora, paquerar ou mesmo para dar uma circulada. A farra começava no Bar do Gatão e se esticava até a Discoteca Escalier. Anos depois, irrompia no Pub Chope Escuro e prosseguia até a Boate Apocalipse. E era massa!

Já as cerimônias e bailes mais concorridos brilhavam em longos e paletós no Iate Clube, no Campestre e na ACD, em cujas populares domingueiras não se podia entrar de tênis. A Banda Eclipse, Carlão à frente, tinha palco cativo em qualquer evento. E para transgredir ainda mais, as festas iconoclastas do Studio Young, destacando-se a do Cafona, ganhavam ritmo a partir dos anos 90.

Para fechar a madrugada, os mais assanhados se socorriam nas

casas de distração adulta acomodadas nos bairros de São Silvano e 15 de Outubro, onde... bem, deixa pra lá!

Voltando pela Ponte Florentino Avidos, e vencida a Praça Municipal, alcançava-se o Cinelândia, ponto de encontro da sociedade e do melhor sorvete. Os de goiaba ou de flocos de chocolate eram os favoritos. Para antes ou depois das sessões de cinema no Gama e no Idelmar. Nesse, a propósito, os cinéfilos eram recebidos pelo indefectível quadro pintado pelo Filogônio. Quem não se lembra da imagem do indomado touro lançando ao ar um incauto índio?

A vida seguia. E na gastronomia, comer fora era sinônimo de status. E quais não eram os restaurantes mais cobiçados senão o Drink e o Aquarius? Em suas mesas, a constância dos melhores pratos da região aguardavam as comitivas das famigeradas famílias descendentes de italianos.

Que tempos, aqueles! Mas ansiedade mesmo era ter que esperar um ano inteiro pela grandiosa e acolhedora Festa de Colatina. Erguia-se a feira distrital com shows do Zé do Brejo e de artistas nacionais, maçã-do-amor e até a Esquadriha da Fumaça. Culminando, o 22 de agosto. Data do solene desfile cívico-militar, sempre ornado pelos briosos cortejos escolares e encerrado pelos imponentes dobrados da Banda Marcial.

Quanta saudade, minha Colatina!

Iluminado sob teu pôr do sol, e inspirado no teu hino, seguirei te levando no meu coração!

GRANDES POETAS COLATINENSES

RICARDO CORRÊA BRAGA

Colatinense, residente em Niterói, RJ. Engenheiro Eletricista.

O meu pai sempre foi um aficionado da poesia, embora nem poeta seja. Mas pude ver com que dedicação e prazer digitou poemas de tamanha expressividade, que o emocionaram. Sim, poemas do Sr. Antônio Serapião de Souza, cuja família mudou-se para Colatina no início de 1940, provinda de Afonso Cláudio, tendo por aqui ficado definitivamente. Além do patriarca, havia mais dois poetas: Arnaldo e Maria.

O Sr. Antônio, natural da Bahia, foi funcionário estadual. Trabalhava como agrimensur. Nas horas vagas, dedicava-se à poesia. E ainda teve tempo de lecionar Língua Portuguesa no nosso querido “Conde”. Faleceu em 1957, em Colatina.

Arnaldo era daqueles poetas em tempo integral. Uma verve poética encantadora. Nascido em Afonso Cláudio, faleceu precocemente em Colatina aos 31 anos incompletos, em 1955.

Maria, a filha mais velha do Sr. Antônio, também seguiu os passos do pai poeta. Nasceu em Afonso Cláudio e faleceu em Colatina, em 2005, aos 82 anos. Foi professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola Técnica Federal de São João de Petrópolis, Santa Teresa, hoje IFES, onde também lecionava seu esposo Adolpho Victor Herzog.

Afrânio, o nosso querido fotógrafo, é filho do Sr. Antônio e da Sra. Nair Lamas d’Ávila e irmão dos outros dois poetas, além de outros irmãos. Um belo dia, trouxe um calhamaço para o meu pai: um envelope enorme contendo dezenas de poesias datilografadas. Afrânio expressou o desejo de transformar tudo aquilo em livro. E foi o que o meu pai fez. Digitou todos os poemas, atualizando a ortografia, e prefaciou a obra, a

pedido do Afrânio.

Graças à dedicação e ao interesse do João Alfredo, casado com uma das filhas da poetisa Maria, Mariave, aquilo virou livro mesmo; foi publicado com o título *Círios Reacesos* e distribuído aos interessados em poesia.

Os três poetas esmeraram-se. Escolheram como padrão, para a sua produção poética, o Parnasianismo. Não preciso dizer mais nada.

Em 1937, Colatina recebeu um pernambucano que revolucionou esta cidade, em três situações distintas: 1) na Promotoria Pública, onde se fez admirado por todos; 2) no Magistério, como Professor de História, do “Conde”; 3) e na sua fecunda produção poética, toda ligada igualmente à escola Parnasiana.

Seus onze filhos, o meu pai conheceu-os todos. Dr. José Luiz Moreira de Araújo, casado com a Sra. Izolina Barbosa Moreira de Araújo, é a pessoa sobre a qual falo. Era mais conhecido por Luiz Moreira.

Havia grande afinidade entre o Dr. Luiz Moreira e o Sr. Antônio Serapião de Souza. Eram tão amigos que um escrevia sonetos para o outro.

Para homenagear esses quatro ícones da nossa poesia, vou destacar alguns poemas, um de cada.

PRÊMIO E TRIBUTO **LUIZ MOREIRA DE ARAÚJO**

Não tive como os outros, a vitória
de achar, na vida, o velocino de ouro,
e exaltar os sentidos na ilusória
ventura de opulências e tesouro.

Não recebi um ósculo de glória
ou a flamante pétala de um louro...

Vivi na minha tenda merencória
entre as chagas do sonho e o mau agouro.

Paguei, cantando, o meu tributo ao mundo.
E Deus, que me inspirou o bem fecundo,
Minh' alma, sem perjúrios, idolatre-a!

E em mim celebrarei, no instante infausto,
a apostolar grandeza do meu fausto:
– dei onze filhos para a minha Pátria.

ROSAS

ARNALDO SERAPIÃO DE SOUZA

Oh! Rosas das manhãs iluminadas,
Esvoaçando as pétalas ao vento,
Sois o adorno de todas as estradas,
Todo o enlevo fugaz de encantamento...

Oh! Como sois tão alto pensamento,
Da terra humilde e trágica, adoradas
Pelas almas das virgens, sem intento,
Pelas almas dos sábios elevadas!

Em beleza e perfume e de espinhos
Sois um contraste em todos os caminhos,
Adorno de tristeza e de alegria...

Como noivas que sobem aos altares
Em festejos de amor, entre cantares,
Murchas desceis, em pranto de agonia...

A ABELHA

ANTÔNIO SERAPIÃO DE SOUZA

Lesta, as asas douradas, veio a abelha
Pela alvorada rubra, que se alteia,
Pousar de leve numa flor vermelha
Vindo acordá-la, no seu sono, alheia...

Rutila ao sol fúlgida centelha;
Zumbe...zumbe... a girar caracoleia...
Nas pernas cor de brasa, brilha, espelha
O pólen de outra flor que ela semeia.

Rondando, alegre, sem saber de nada,
Mensageira do amor mais comovente,
Na tua ronda, inquieta, alvoroçada...

Deixaste ao coração da flor ausente
A beleza da vida perpetuada
Nesse grande mistério da semente...

POESIAS!... POESIAS!...

MARIA DE SOUZA HERZOG

Não desejo escrevê-las
Tão puras, tão ternas, tão fugazes
Que trescalem
À sublimidade dourada das estrelas
Nem à sutileza de orquídeas lilases.

Mas que lembrem,
Vagamente,

Num momento,
No mistério das horas esquecidas
E vazias,
A leveza das plumas coloridas,
Docemente,
Tocadas pelo vento.

CANÇÃO DE EXÍLIO

RITA DE CÁSSIA MAIA E SILVA COSTA

Profa. aposentada, UFES. Dra. em Ciência da Literatura / UFRJ.

Autora do livro “O desejo da escrita em Italo Calvino: para uma teoria da leitura”. Membro do IHGES.

Escrevi certa vez sobre o sentimento de exílio surgido entre viagens e despedidas ao longo de 30 anos vividos em Colatina: de 1954 a 1984. Páginas dessa existência deixaram sulcos na memória. Evoco caras lembranças do que vi e vivi nesta cidade que, em meus tenros dois anos de idade, me acolheu. Ela completa, neste ano que deixará marcas, 100 anos.

Tento articular acontecimentos com o imemorial e a lembrança. Tendo crescido e vivido desde meus primeiros anos numa cidade repartida, venho narrar, com a perplexidade do meu olhar de então, a importância na vida e nos costumes de todos quantos ali viviam da passagem do trem que cortava a cidade ao meio, obrigando-a a parar e esperar, dividindo-a entre dois lados daqueles longos trilhos da Estrada de Ferro Vitória-Minas, a fim de assegurar que passasse a riqueza transportada pela Companhia Vale do Rio Doce.

Já na chegada de Colatina, à direita, o rio Doce se descortinava, caudaloso, abrindo caminho no vale. De um lado ficavam morros e colinas, algumas com suas escarpas, por onde se expandiam a construção de casas, a formação de bairros, a urbanização de ladeiras. Santa Cecília, saudoso bairro cujas casas tinham varandas e quintais, era conhecido por suas vinte e tantas meninas brejeiras que ganhavam serenatas e enfeitavam as festas da cidade. Outra ladeira levava à subida para o Colégio Divino Rei, com sua imponência institucional e seus belos jardins. Ao longo da Avenida Getúlio Vargas crescia o importante comércio local.

Majestosa, a Igreja Matriz, com seus belos vitrais, situava-se em

frente à praçinha, alinhada junto à rua Santa Maria, paralela à avenida. Bem no centro, bucólica, ampla, acolhedora e ornamentada com seus chafarizes iluminados, a praça municipal de Colatina. Como esquecerá-la? Instituições de ensino, comerciais e bancárias se espalhavam, além de casas, hospitais e bairros inteiros, que cresciam, afastados do centro da cidade, e se espraiavam até as margens do rio. Construído à beira do rio e marcado pela história, o Colégio Estadual Conde de Linhares sedimentou os fundamentos da formação de milhares de jovens que, como eu, guardam-no como preciosa relíquia. Inesquecíveis são seus mestres, e, como ícone e baluarte do grau de excelência de seus pares, menciono a saudosa D. Zita Botelho, respeitada professora de literatura e língua portuguesa. Inesquecíveis são suas salas de aula, sua biblioteca, seu pátio imenso com mangueiras e um pé de jenipapo sob cuja sombra se cultivavam as amizades, muitas delas preservadas por uma vida inteira. Mas, de todos os emblemas, a Banda Marcial é o que mais revela a alma de quantos lhe seguiram os acordes e a marcha impecável, desde os ensaios até a apresentação em frente à praça municipal nos gloriosos desfiles do aniversário da cidade em 22 de agosto.

Voltemos à cidade repartida, dividida entre montanhas e o rio, semeada e crescida no vale. O rio Doce banha com sua exuberância a cidade. Nada substitui em minha mente a aparente placidez de suas águas, deslizando avermelhadas pelo belo pôr do sol. Com sua ancestralidade, em suas margens se fez história de lutas, de trabalho e de sobrevivência. Sinuoso, o rio Doce continua sendo o doce rio da minha aldeia. Ainda hoje descansa em minhas retinas a imagem poética do vaporzinho enclhado em suas margens.

Navegável em idos anos, o rio Doce sempre foi vetor e polo de desenvolvimento. Seria preciso atravessá-lo. Inaugurada em 1928 a ponte Florentino Avidos, abriram-se caminhos para que a expansão da cidade lhe trouxesse novas possibilidades econômicas e a ligassem ao norte do Espírito Santo. Feita a travessia da ponte, em sua assimetria,

ruas e bairros abrem passagem para a criação de estradas. Ali, descortinando horizontes, constrói-se a Moto Capichaba. Mais que um empreendimento, a Moto Capichaba é um símbolo de ousadia e coragem, quando Colatina principiava ser a Princesinha do Norte, a terra da promessa. Bem defronte à ponte, a Moto Capichaba conta uma história de família, que, assim como tantas outras que para Colatina migraram em busca de oportunidade, separou-se dos seus para criar novos vínculos, fazendo do trabalho e da esperança um constante refazer-se em labuta e expectativa de futuro para seus filhos. Com espírito empreendedor, meu pai, Álvaro Francisco da Silva, teve a seu lado o sócio e leal amigo José Carlos Borges e Álvaro Ricardo Pasolini, mais tarde também sócio e genro. Não havia nada fácil; tudo estava por ser construído. E foi.

Fizemos valiosas amizades. Aprendemos o sentido de acolhimento e pertencimento. Nesta terra estudei, me formei e trabalhei, tendo aprendido algumas das melhores lições. Em Colatina me casei e tive meus dois filhos. Cada um dos recantos dessa cidade foi um abrigo daquele sonho. O sonho, uma vez vivido, permanece em nós e poeticamente fixa as lembranças mais distantes. Por meio delas mantemos a poesia do passado, que, no presente, instrui nossos filhos para um novo futuro.

MINHA, SUA, NOSSA COLATINA

RITA SILVA RISSI

*Colatinense, casada, 42 anos, mãe do Rômulo, professora há 21 anos,
especialista em Educação Especial, psicopedagoga e estudante do
curso de Psicologia.*

Neste seu dia

Bateu no meu peito

Uma saudade apertada

Você me presenteou desde a infância

E me deu esperança.

Essa terra que acolhe a todos

Independente da origem do seu povo

Iluminando nosso dia

Com um pôr do sol que irradia

Vislumbrando com clareza

Toda pureza desse solo

Que germina sementes

E brota frutos valiosos

Trazendo força e fé

Pois sua vista é do alto onde está o criador

E de mãos estendidas, seu filho redentor.

A sua ligação com a vizinhança é notória

No comércio, na saúde, na educação

Seja de trem, barco ou caminhão

Todos moram em seu coração
Permitindo a mim e a muitos criarem laços
Seja na comunidade ou na faculdade
Criar nossos filhos e sentir-se como tal
Visitar nossos familiares
Pois fazemos parte dessa gente
Mesmo sendo colatinense ausente
Que tem Colatina como presente
Que tem abraço e o sorriso sincero
Num gesto singelo
Acalento para os dias dos que deixaram
E quem sabe essa terra volte
A compor a história de quem a exalta
E bater palmas pra sua idade e maturidade.

Cem anos da nossa Princesa
Que na verdade se tornou rainha
Traz-me orgulho ser filha desta terra
Que exala humildade e honestidade
Além da hospitalidade e exuberante paisagem
De clima quente e de afago ardente
Cada visitante que nela chega
A vontade é ficar, morar e trabalhar
Ela é inspiração e motivação
Todo esse tempo de existência
Mostra a sua essência

Separada pelo doce manso
Há quem se engane
Pois a ligação é gigante
Abra a cortina
Para essa cidade que é
Minha, sua, nossa Colatina.

MINHA HISTÓRIA EM COLATINA

ROGÉRIO REIS BENEDITO

Analista Legislativo e Diretor da Escola do Legislativo de Lagarto-SE; professor titular da disciplina de Políticas Educacionais (UNIAGES - 2004 a 2012); Mestre em Educação (UNIT - 2018); pedagogo (FAFIC - 2000); poeta.

Com cinco anos de idade,
Na época da grande enchente,
Recém-chegados à cidade,
Eu com os meus parentes
Tivemos a primeira moradia
Em um grande casarão,
Perto de uma serraria,
Na encosta de um grotão;
Avós morando em cima
E a gente, no porão.
Logo, logo nos mudamos
Para um morro bem em frente;
Por ali então ficamos,
Conhecemos muita gente,
E, tocando nossa vida,
A cidade se apresentou
Cada vez mais conhecida:
Nosso lar ela se tornou.
Colatina, que da memória

Nunca irá se apagar,
O que amei nessa história
Sempre terá seu lugar.
Recordo-me da escola
Aos pés de uma subida,
Das brincadeiras de bola
E da lama na descida;
Da primeira professora,
Dos colegas de infância;
De manhã, a Difusora
Que até hoje traz lembrança.
De novo nos vi mudando
Pra parte alta do morro:
Era um bairro começando
E a gente começando de novo.
Penso que aquele lugar
Fez de mim quem eu sou.
De lá eu podia avistar
A cidade que nos abraçou.
Da porta da nossa casa
Víamos o alvorecer chegar.
Eu sonhava: tinha asas
E era capaz de voar.
Havia um campo de aviação
De onde era possível avistar
O rio Doce, a estação

E o trem da Vale a passar.
Do outro lado podia-se ver
A Matriz de São Silvano
E os seus sinos a dizer:
A missa tá começando.
Mais perto de casa, com fé,
Fizeram uma pequena igreja.
O padroeiro São José
Abençoava a nossa peleja.
Até os onze fui menino,
Deixei a infância pra lá,
E seguindo o meu destino
Comecei a trabalhar.
Por dois anos, o cansaço
Me impediu de estudar,
Mas na forja, até o aço
Leva um tempo pra apurar.
Então voltei pra escola
Dessa vez pra não parar.
Estudando me encontrei,
Percebi, sem medo de errar,
Que os sonhos que sonhei
Eu poderia alcançar.
Soube então da novidade:
A melhor escola do país
Se instalara na cidade.

Então me apressei
E fiz a minha inscrição.
Confesso, não acreditei
Me dar bem na seleção,
Mas esse tal do destino
Me fez ser bem-sucedido;
E graças a esse ensino
Hoje sou reconhecido.
No Instituto Federal,
Como hoje é chamado,
Fui da turma inaugural
E lá deixei meu legado.
Depois veio a faculdade.
No curso de pedagogia
Encontrei minha verdade:
Dar aulas é o que queria.
Fundação Castelo Branco
Por certo foi o lugar
Onde descobri o encanto
De aprender pra ensinar.
Dois mil e dois foi o ano
Que me despedi da cidade.
E então segui caminhando
Buscando outras verdades.
Mas Colatina sempre será
A terra natal que amo.

De fato eu não nasci lá
Mas digo, sem engano,
Que enquanto respirar
Continuarei me lembrando.

NOME DE MULHER

RONIS VILA VERDE

Nasceu Ronis Faria de Souza, em Pancas, interior do Espírito Santo, em 1976. Veio à luz pelas mãos do farmacêutico José Simões. Poeta, professor e empreendedor.

Minha cidade tem nome
Minha cidade tem nome de mulher
Por isso, tem nome e sobrenome
Nome completo de mulher

Col
Cola
Colá
Colatina

Nome de mulher, que inspira
Nome de hembra
Nome de woman
Afeto, carinho, dedicação, luta

Cidade mulher que acolhe com carinho
Cidade mulher que afeta com afeto
Cidade mulher de dedicação e luta
Dona Colatina, centenária e linda, obrigad@!

(Arena North Star, 13 de julho de 2019, enquanto ouvia a música do amigo Abrahão e sua esposa Luciana)

HISTÓRIA E LEMBRANÇAS DO ENTORNO DA CATEDRAL DE COLATINA

SIMONE FILIPPE MARIANI

Licenciatura em Artes Visuais pela UFES; Designer gráfico; servidora municipal de São Roque do Canaã; apaixonada por fotografia e pelos vitrais da Catedral de Colatina.

A imponência da catedral demonstra o poder e a riqueza da cidade em seus momentos de glória no noroeste do estado, como símbolo de destaque em relação às cidades vizinhas. Local tradicional de encontro das famílias católicas colatinenses. Um dos pontos turísticos da cidade.

A Catedral Sagrado Coração de Jesus representa potencialmente uma referência de memória da cidade, portanto, a antiga igreja matriz, que embora não seja tombada como patrimônio histórico municipal, em 25 de outubro de 2016 foi indicada e mapeada como importante área de preservação histórica, artística e cultural da cidade.

A construção da citada igreja, que data de 1952, deu-se sob a responsabilidade do Padre Geraldo Meyers. A igreja matriz de Colatina passou a ser denominada Catedral já no final da década de 80, quando, na oportunidade, o Papa João Paulo II criou a Diocese de Colatina.

A igreja foi erguida na década de 1920. Em fevereiro de 1949, sofreu danos irreversíveis, após o desabamento do teto, e ela precisou ser demolida. Uma nova e maior igreja foi construída, no mesmo espaço, na rua Santa Maria. O único objeto resgatado da antiga construção foi um pedaço dos seus vitrais, que foi incorporado à nova igreja, ao lado dos novos vitrais.

O antigo vitral foi trabalhado sobre um vidro liso, diferenciando-se dos novos, feitos sobre vidro martelado. Ele se encontra na lateral esquerda da catedral, podendo ser visto ao subir as escadas que levam aos sinos atrás do seu altar.

Encontram-se, na sua maior das duas torres, três sinos de bronze. Eles foram manufaturados em uma fundição no estado de São Paulo. Cada sino possui seu nome e função, sendo que o maior pesa 1 tonelada; os outros possuem 500 quilos e 250 quilos. O sino maior homenageia o Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da cidade, e bate as horas; o sino médio reverencia a Santa Maria, seu som traz alegria às festas católicas; o menor sino anuncia as missas de velórios e tem São José como santo escolhido. A segunda torre da igreja, menor do que a primeira, é conhecida como a torre do galo, por trazer uma escultura em metal de um galo em cima da rosa dos ventos. O telhado dessa torre é feito em bronze, material semelhante ao utilizado na Estátua da Liberdade de Nova Iorque.

Os coloridos vitrais da catedral são belíssimos e foram feitos na Áustria, descrevem em imagens religiosas a Paixão e Ressureição de Cristo.

A catedral é um ponto de encontro no centro da cidade e respeitada pela sua beleza e importância arquitetônica, independente da religião. Nela muitos casamentos e batizados são celebrados e registrados em lindas fotos, destacando sua beleza como pano de fundo.

Igreja acolhedora e abrigo de personagens conhecidos por todos na cidade, como o divertido Joãozinho de Deus, simpático frequentador assíduo da catedral, que tenta levar os cumprimentos a todos os fiéis no momento eucarístico das missas em que está presente.

Embora seja muito carismático, Joãozinho não aceita que o chamem de certo apelido – rabo de tatu e sai enfurecido jogando pedra em todas as direções, se isso acontecer.

A população que cresceu e frequentou a catedral tem sempre alguma história pra contar, como Ana Maria, filha de um conhecido comerciante local e de uma professora, moradores no centro da cidade, que em sua infância, na década de 70, utilizava-se diariamente do auxílio de um dos relógios da catedral que dava vista para sua casa, para estudar

no turno vespertino da extinta Escola Particular São José, também próxima à igreja.

Certo dia, não enxergou o relógio da Catedral, saiu assustada ao encontro de sua mãe questionando onde estaria o relógio. Ele havia sumido. Sua mãe a levou ao oftalmologista e ela passou a usar óculos.

Outro frequentador das missas dominicais na catedral, Gustavo, um menino de 6 anos que se encantava por Jesus Cristo (da grande cruz no altar) estar somente de cueca na igreja (referindo-se ao manto enrolado em seu quadril), deixando os pais envergonhados por suas indagações e questionamentos compartilhados com os fiéis presentes na catedral.

A catedral e seu entorno, com sua praça e a famosa escultura laranja lindamente iluminada, sempre foi um local de encontros, de socialização entre famílias; independente de religião e dogmas, é um verdadeiro patrimônio de Colatina. Queremos, portanto, deixar aqui marcada a importância da nossa Catedral como um marco histórico para a cidade e também uma referência artística e cultural, em que podemos, através dos nossos olhares, registrar essa imagem que representa muitos valores de uma sociedade que completa seu centenário, e que ainda provocará sensibilizações aos mais diversos tipos de pessoas que por aqui passarem. Sempre ficará uma lembrança de criança, de adolescente ou de um velho sábio.

UM CONTO DO VIGÁRIO

SUELY SELVÁTICI ZANOTELLI

*Nascida em Colatina, professora de Língua Portuguesa e Literatura.
Membro da ALARC. Integrante do Conselho Diretor do Rotary Club Colatina.
Participa como voluntária em vários projetos sociais.*

Manhã de domingo, em Colatina, com seus raios de sol a expandir o nosso entusiasmo. As crianças caminhavam em direção à igreja. Alguns pais logo atrás, tranquilos, irradiando felicidade.

O traslado da rodovia merecia atenção, era muito traiçoeira com os distraídos. Chegaram à igreja de São Sebastião, o padroeiro dos flechados, que, segundo os antigos moradores, índios impávidos, lá das cercanias de Aimorés, os surpreendiam pelo Rio Doce.

Era dia de compromisso para a Primeira Eucaristia. A criançada fervia de impaciência. A espera sempre provoca a curiosidade e a imaginação dos mais ansiosos.

– Não pode mastigar a hóstia! É pecado!

Havia sempre um espírito de porco que não resistia. Mastigava o Corpo de Cristo, mas não contava para ninguém, afinal, desde pequeno a mãe já ensinara a musiquinha: – Caveira, quem te matou? – Foi a língua, meu sinhô.

Era preciso cuidado com os segredos, pensou aquele menino safo.

Agora que aquela menina havia feito a Primeira Comunhão, tinha que ir à igreja todos os domingos: uns de sapato novo, outros com o calçado maior que o pé... tinha até moleque com sapatos trocados. Descalços não podiam entrar na capela. Mas não tinha padre não, quem fazia a celebração eram as beatas. Ninguém podia conversar. Os pobres cristãos tinham que ficar parados como imagens dos santos: estátuas.

Mas quando o trem passava... a linha do trem era entre a igreja e o presídio... quando o atrevido do comboio apitava: piuí, piuí... a

molecada toda apitava também. Então o jeito era acabar com a reza. E todo mundo ia pra casa, fazendo arruaças e cantando assim: – Ê mundão, quem me mata é Deus, ê mundão, quem me come é o chão.

Num belo dia, avisaram que ia chegar um padre. E aos domingos vai ter missa. E era sempre igual: a igreja cheia de mulheres e crianças. Mas o padre, novato e impulsivo, não estava satisfeito, ele queria que os homens achassem o caminho da igreja e pedia que as mulheres levassem seus maridos.

Dona Xandoca, que gostava muito de prostrar, falou que seu marido saía cedo para caçar. O padre coçou a cabeça... é que ele gostava de falar de política. Aí ele disse: – se eles não vierem à missa, vão se queimar no fogo do inferno, por insubordinação à Igreja.

Dona Xandoca chegou a casa e contou pro marido o sermão do padre Bino. Disse que, se seu marido Cornélio não fosse à igreja, ia virar comida do capeta. O caçador, querendo ser bom de sela e ficar bem com o padre Bino, disse:

– Eu vou matar duas aves bem parrudas, e no próximo domingo você traz o padre para almoçar. E assim, aliviada, a beata convidou o pároco, que aceitou rapidinho. Acabando a missa, padre e beata partiram para a casa do almoço.

Xandoca e o padre conversavam até... E o padre todo curioso pra saber a caça que iriam saborear. Chegando a casa, o portão, sem a taramela, dava boas-vindas. Tudo escancarado, quintal varrido... Cornélio, o caçador, já com as duas perdizes em cima da mesa. No fogão, o tacho d'água já fervendo para deparar as caças. Cornélio oferece ao padre Bino um licor de figo. Sentaram no banco da sala e o padre começou a falar da difícil situação do país, diziam que ele era comunista.

A dona da casa, preparando as perdizes, ouviu o portão bater. Era a Josefina, pra bisbilhotar o que iam servir ao padre. Xandoca, cozinheira de mão-cheia, botou as aves na panela. Com as labaredas altas e a brasa fumegando, logo o cozido começou a cheirar. As duas mulheres, com a

desculpa de provar o tempero, acabaram beliscando as coxas e o peito das perdizes até ficarem só os ossos. Quando perceberam o estrago, se desesperaram. Xandoca dizia: – O Cornélio vai me matar. Não posso servir só ossos ao padre. Josefina, sabendo da coisa feia, tratou de correr pra casa, fugindo do flagrante.

Atraído pelo cheiro vindo da cozinha, Cornélio foi apressar a mulher pra servir o almoço. Foi quando a mulher teve a ideia de pedir ao marido pra amolar as facas que estavam cegas, para conseguir terminar o almoço. Cornélio foi à pedra de amolar e passava a faca: – reco, reco, reco, reco com tanta força, que até o gato correu. Pra se livrar da enrascada, Xandoca foi até a sala e falou com o padre.

– Padre Bino, está escutando o Cornélio amolar as facas? Pois é, é pra castrar o senhor. Meu marido disse que não vai suportar essa conversa de querer obrigá-lo a ir à missa aos domingos. E soube também que o senhor vive falando de política, no sermão. Corre, seu padre! Ele vai castrá-lo! Isso é uma emboscada.

O padre saiu correndo como um gato escaldado, e deu no pé. Foi quando Xandoca, dissimulada, falou para o marido que o padre tinha fugido levando as duas perdizes. Cornélio, olhando pela janela, gritou:

– Padre Bino, deixa pelo menos uma perdiz pra mim! O padre, com medo, segurava a batina pra ser mais rápido e sumiu na curva, resmungando:

– Não vou ser castrado, não!

E assim a igreja São Sebastião nunca mais teve um pároco. Segundo alguns moradores, foi por causa dessa presepada. Só sei que foi em 1964, o tal ocorrido.

AS POSSÍVEIS PINTURAS DE PAISAGEM DO RIO DOCE COM O PÔR DO SOL EM COLATINA

TÂNIA MARIA NIPPES DALLAPICOLA

Bacharelado em Administração de Empresas, tecnólogo em Desenho de Moda, Licenciatura em Artes Visuais pela UFES, desenho de joias, Instrutora de pintura pelo SENAR, SESI, SENAC.

O entardecer esplendoroso em tons dégradé alaranjados e os tons de azul brilhante do pôr do sol contrasta com o visual que atrai o olhar para a beleza das cores do fim de um dia.

Nenhum dia é igual ao outro, a imagem vista neste momento é única e não se repete, a beleza é tão estonteante que é retratada todos os dias por seus moradores, adoradores do lindo entardecer.

Uma bela pintura pode ser realizada a partir de lindas fotos, eternizando o momento mágico do olhar sobre a paisagem.

As possíveis pinturas da paisagem do rio doce, ao pôr do sol, têm um tom prateado, azulado, que, ao fundo, com vegetações e terra escurecidas, esplendem o vermelho alaranjado e dourado que beija o rio, deixando-o ainda mais magnífico.

É simplesmente maravilhoso ver o rio doce passeando lentamente pela adorável cidade de Colatina, e dando a todos nós, moradores, um visual magnífico, eleito como o segundo pôr do sol mais lindo do mundo.

Dependendo do dia e da atmosfera do vale, a nossa cidade apresenta, no entardecer, os tons dourados do sol que se esconde na linda paisagem, dando fim a mais um belo dia.

As cores se apresentam em diversas tonalidades, quando vemos do cinza escuro ao roxo clareando para o lilás e, ao fundo das montanhas, um laranja brilhante marcando na linha do horizonte o sol em despedida; assim, o rio doce fica entre as cores rosa e lilás, magnífico brilho que nos encanta e não há como não amar tanta beleza.

Como é magnífico e maravilhoso morar em Colatina e ter isso de presente todos os dias, podendo se orgulhar de ser um morador de uma cidade com tanta beleza no fim do dia, mais do que isso, o privilégio de poder reproduzir em uma pintura em tela toda essa beleza, que pode ser eternizada em um click de uma foto e, mais eternizada ainda, em uma pintura em tela.

A ÚLTIMA VIAGEM

TERESA SILVA DIAS

Professora de Língua Portuguesa. Já atuou na rede estadual de ensino. Hoje faz parte da rede municipal de ensino de Colatina, atuando na EMEF Maria da Luz Gotti.

No século passado ele chegou
Trazendo alegria aos colatinenses
Que podiam seguir sua viagem
A passeio ou a negócio
Pelos trilhos e dormentes.

Levava pessoas e sonhos
Serpenteando pelos caminhos
Como um dragão fumegante
Passando por vilas e cidades
Entre paradas, chegadas e saídas
Recebendo e deixando viajantes
Com bagagens carregadas de saudades

O tempo passou...
O progresso chegou
A maria-fumaça
Vida nova ganhou!

Quando surgia lá longe
Seu apito cortando os ares

Como um grito, logo se ouvia
Todos olhavam, tudo parava
Ele era mesmo respeitado
A enfrentá-lo ninguém se atrevia.

Foram anos e anos incontáveis
Conduzindo esperança e felicidade

Nesses vai e vem diários
Que deixaram em Colatina
As marcas do passado
Relembradas no centenário

O tempo voou...
O progresso chegou
No centro da cidade
O último trem passou!

O DIA DAS COMPRAS

THIAGO DADALTO PISSIMILIO

Cientista social pela UFES, professor de Sociologia na Educação Básica, diretor escolar – EEEFM Professora Néa Monteiro Costa – Colatina, ES.

A primeira vez que o significado de tédio fez sentido em minha vida foi quando acompanhava minha mãe, Vera Lúcia, em “dia de compras” em Colatina.

Outro dia desses, visitando a cidade de Alegre, acompanhando a festividade de formatura de um familiar, pude ver que ainda sobrevive uma loja de mesmo nome daquelas que ocupavam lugar de destaque na Getúlio Vargas, que vendiam tecidos a metro na nossa Colatina e que já fechou as portas há alguns anos.

Em uma esquina comercial bem vistosa, no centro daquela cidade do sul capixaba, ainda sobrevive uma Casas Lealtex, que, assim como a repaginada Lojas Mercadão, a persistente Triunfante, a cambaleante Casas Santa Teresinha e demais casas do gênero, me deixavam em pânico e muito entediado quando tinha que acompanhar os vendedores desenrolando metros e metros de pano durante horas, e eu a olhar toda a cena. Quando era segunda-feira, então, dia dos “queimas de linho”, sabia que a jornada seria longa. Tudo aquilo sem ar-condicionado e com toda força de um tufão barulhento batendo na nuca.

Hoje não consigo mensurar como achava aquilo tudo muito chato. Passávamos na frente de uma dessas lojas e lembro bem quando minha mãe tomava o rumo de entrar. Eu segurava firme a mão dela, fingindo continuar a caminhada, como se o trajeto fosse para outra direção, não querendo acreditar no inevitável.

Ao final da maratona entediante, a recompensa por aturar a marcha era dar uma passada de olho e me deslumbrar com a sessão de brinquedos da Casa das Louças, da Loja Bandeirante ou da Dadalto, mas

não para comprar, só para olhar mesmo e me manter atualizado das novidades do entretenimento infantil. E a mãe continuava a compra de alguns aviamentos e complementos de coisas mais refinadas, não muito comuns em uma cidade do interior.

Por fim, na volta pra casa lá na rodoviária, de forma simples mas muito eficaz, por ter aguentado firme, vinha minha mãe e oferecia um prêmio: um picolé de limão da Kibon, coisa de cidade maior, artigo não muito comum, e também valorizado nas épocas calorentas da cidade, o que era praticamente o ano todo; e assim me fazia esquecer tudo aquilo.

O dia de “ir para Colatina fazer compras” era um evento importante para as famílias do interior. Em Marilândia, onde cresci, em determinadas épocas era certo o fluxo de pessoas para Colatina. Na véspera da festa do padroeiro da comunidade, antes do dia da cidade, após a colheita de café, era e ainda é comum as pessoas levarem suas economias para as compras na Princesa do Norte.

Lembranças saudosas de minhas andanças na infância nesta cidade querida! De uma Colatina marcante, que faz até o tédio virar memória afetiva não só para o colatinense, mas para toda a população dos municípios vizinhos que necessitam de seus serviços e comércio!

CENTENÁRIO DE COLATINA

VALQUÍRIA ALVES LOTÉRIO

Aluna do 5º período do curso de Pedagogia. Mora em Águia Branca.

Com sua população de 121.580 habitantes
Colatina é a mais populosa
cidade do noroeste do Espírito Santo
e talvez hoje a mais formosa.

O processo de colonização
foi muito complicado.
Com os índios Botocudos
o trabalho foi dobrado.

A região fazia parte do município de Reis Magos
mas foi em 1921 que o município foi criado.
Uma homenagem foi feita a uma senhora
Colatina era seu nome e com ele foi batizado.

Com a expansão do café
se deu a ocupação das áreas,
a urbanização aconteceu na margem sul do rio Doce
mas hoje se nota o equilíbrio
com o cotidiano da vida.

É conhecida por todos
como Princesa do Norte
por causa da economia
ser um grande destaque.

Com tantas conquistas ao longo do tempo
Colatina completa este ano o seu centenário.
A sua fundação, com certeza, é orgulho
para todos os colatinenses isso é extraordinário!

MINHA PASSAGEM POR COLATINA

WANILDO JOSÉ JANES

Funcionário aposentado do Banco do Brasil e ex-professor da Faculdade Castelo Branco. Graduado em Administração e Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC. Escritor.

Nada mais apropriado, para este seu criado, o Wanildo José Janes, com a licença devida, do que chamar de passagem, de alguém desconhecido, andando no trem da vida.

Só por obra do destino, aquele pacato menino, ao completar 12 anos, deixou o seu lar paterno para se tornar um interno no colégio masculino. Lá fui eu, mala às costas, para a instituição de ensino. Lá cheguei adolescente, saí adulto recente, batismo e a dorsal espinha bem presentes no caminho.

Não ficou bem explicado como fui dar com os costados, depois que deixei o Cerrado, ao chegar a Colatina. Aqui, nos anos 50 do século passado, onde hoje fica a Rede Gazeta, para se ter uma ideia vaga, era uma densa floresta!

Minha sina!

Aqui já estava morando minha família. Aqui, também me esperava, com um projeto de vida, minha amada, Therezinha, medalhista atleta olímpica.

Criamos nossa família, adquirimos nossa casa, passamos vários percalços, depois de algumas mudanças, guardadas bem na lembrança, no passar de cada dia. São três filhos e seis netos que nos enchem de alegria.

Não passa, porém, um só dia sem que me lembre, pois, não me sai da memória, nossa curta passagem, depois de casados: em Pirapora. Eita cidade atraente, para quem curte impunemente um banho de cachoeira. Também peixe lá não falta, quer no mercado ou na feira. Mas foi uma

passagem ligeira!

É gritante a diferença por que passa a natureza entre um lugar no cerrado e uma floresta densa como havia em Colatina.

Depois de um breve intervalo, voltamos para Colatina.

Colatina dos anos 60 do século vinte, entre o futuro e o passado, tem toque de nostalgia: o trem cortava a cidade, bem ao meio da avenida e espantava para os lados os casais de namorados se estivessem sentados, na mureta, pois era na avenida onde sempre começava e terminava o namoro da juventude.

Um decênio conturbado, de crises, bem permeado, nesse tempo abençoado, nasceram nossos três filhos: Mario Roberto, Teresa Cristina e Ana Paula Vitali Janes. Grande conquista!

Já na década seguinte, a dos anos setenta, superada a forte crise, eis que surgem alguns alentos: Brasil, campeão do mundo, com futebol reluzente, com a TV já presente, colorida. São conquistas, dessa época, a criação de novas empresas – o Frisa e a Metalosa e várias pequenas empresas.

O Espírito Santo da época tinha duas referências, dois polos de crescimento com notável abrangência: Cachoeiro de Itapemirim, lá no sul; Colatina, ao norte e centro e assim permaneceu, longo tempo.

O restante do último século, com crises intermitentes, ficou caracterizado em processo *stop and go*, relutante, quase sempre.

Chegado o novo século, Colatina experimenta novo surto de progresso. São notáveis, no contexto, o anel rodoviário e a inauguração da segunda ponte. Saindo o trânsito pesado do centro urbano da cidade, estabeleceu-se a unidade do que antes separava – o Centro e São Silvano – com a reforma da ponte Florentino Avidos.

Resta nova conquista – não sei se ainda em meu tempo: a conclusão do anel viário com o contorno sul da cidade, com a terceira ponte, em lugar a ser definido, estratégico, inteligente, sem qualquer clientelismo, em que a lógica sugere acompanhar o trajeto da Estrada de

Ferro e a junção à BR-259.

Assim espero.

Mas, voltando às origens desta cidade prestes a fazer cem anos, quero aqui deixar presente a homenagem aos protagonistas da obra que, com marcos indeléveis, deixaram suas passagens na memória.

Não passa, em minha mente, que nos anais da história não se faça referência, com devida circunstância, a fundadores imigrantes, como a figura de Pedro Antônio Vitali, de tão saudosa memória. Hoje, a Fazenda Vitali é a nova referência em desenvolvimento urbano, com qualidade de vida, conquista que só foi possível, nos últimos quinze anos, com os seus filhos e netos, na figura do Engenheiro Mário Roberto, nosso filho primogênito.

Estão aí os novos bairros, Vila Noêmia, Bosque da Princesa, Parque das Orquídeas, Caminho da Floresta e Parque Monterosso, num novo conceito de vida, formados com todo o requinte.

A captação de água da cidade e o Estádio Municipal Justiniano de Melo e Silva são atos de gratuidade de Pedro Antônio Vitali, que lugar nenhum conquista, assim, da noite para o dia.

Desse modo, a singela homenagem às famílias de imigrantes, protagonistas da obra, não há de ser esquecida.

Segue a vida, rumo ao século seguinte.

PRECE À CENTENÁRIA PRINCESA

WELTON PINOTTI ROVETTA

Pedagogo, com especialização em Psicopedagogia. Trabalhou voluntariamente, por 5 anos, como agente de leitura, compondo uma biblioteca e desempenhando ações de incentivo ao hábito de ler.

Junto ao Sagrado Coração, oh Colatina,
Reinas como canção, nesta oração que descortina:
Do norte a Princesa, inda menina que cresce,
O doce consorte, que te rima, à medida que a tarde enrubesce;
O rio obedece à melodia do passar do tempo, ao pôr do sol...
Sol que se lança em farol, insurge como anzol em tuas águas!
Canoa traz na proa todas as enchentes e os cem anos que deságuas.
Joga-se rede em teu leito e traz a memória ao peito,
Tua história no calor costumeiro das superfícies:
Desde os homens de botoque guardando tuas matas e planícies
Até os imigrantes desbravando as tuas margens
Colonizando, com coragem, instalado o barracão.
Guarda-os, oh São Sebastião!
Guarda as primeiras casas plantadas naquele chão.
Chão batizado com o nome da primeira dama da região
Ergue-se estrada de ferro e estação
Arquiteta-se ponte: norte e sul abraçados desde então.
Com muitos bairros, o município se estabeleceu.
A cidade já sob o olhar do Cristo que no morro ascendeu,

O comércio se desenvolveu,
Os trilhos do trem deram lugar à avenida,
Que com tuas ruas e praças, contornam a minha vida.
Que as luzes da tua sede, oh Princesa, que muito já avistei
Vindo das tortuosas estradas de terra do interior
Conservem em mim aquela tua longínqua cor
A mesma que só existe nos sonhos de um coração de menino
Esta é a prece de quem nunca de ti esquece.

O SOL POENTE É A CURA

WERLEN DE OLIVEIRA GON
*Secretário de Gabinete Parlamentar na Câmara Municipal
de Colatina. Apaixonado por fotografar o pôr do sol colatinense.*

Nasci em Colatina, porém quando era novo fui pra outra cidade, e cresci por lá. Quando voltei, já era um adolescente indo pra fase adulta. Ao chegar à cidade, muitas coisas me chamaram a atenção: o calor, o trânsito diferenciado, mas houve algo que me impactou profundamente: o pôr do sol colatinense.

Os dias foram passando, meses, anos, e cada casa para onde minha família mudava, era um ângulo diferente desse espetáculo da natureza, e posso afirmar que existem muitos ângulos a serem explorados ainda.

Mesmo assim, não dava tanta atenção, tornou-se algo rotineiro. A correria do dia a dia fez parecer que era algo normal, igual a todos os dias. Mas algo aconteceu, o mundo parou, um vírus capaz de fechar igrejas, bancos, comércio, escolas, tudo, fomos obrigados a frear a correria, uma quarentena se instalou, e a angústia veio junto com ela.

Novamente os dias se passaram, pessoas próximas a nós começaram a morrer, o desemprego tomou conta, um misto de incerteza com medo dominara o coração dos mais fortes. Fico pensando se, daqui a 100 anos, quem ler este relato, terá noção do que realmente é tudo isso que foi e está sendo vivenciado por nós.

Muitos falaram pra ter calma, pois estávamos no mesmo barco; outros diziam que estávamos na mesma tempestade, mas não no mesmo barco, existiam canoas e navios. Ficar em casa tornou-se sinônimo de desespero sem saber se o dia seguinte seria melhor ou se existiria. Muitos adoeceram o psicológico, e muitos nunca irão se recuperar.

Neste momento você pode estar se perguntando o que tudo isso tem a ver com o pôr do sol, com cura e tudo mais. Não diferente das

outras pessoas, eu me deparei, assustado, com muito medo de perder meus pais, meus familiares, meus amigos, meu emprego, tudo isso somado ao distanciamento obrigatório de tudo o que fazia o dia a dia ser “normal”. Foi então que decidi, na parte da tarde, subir as escadas, no horário em que o sol se põe e buscar respostas para tudo o que estava sentindo.

Minha casa tem um pequeno terraço, nem sei se posso chamar assim, mas temos uma vista privilegiada da cidade, do nosso bairro e da nossa rua. Há uma torre de energia na esquina que faz um contraste especial com as casas, que costumo brincar e dizer que é a nossa Torre Eiffel. Lá de cima da minha casa, comecei a perceber que, quando o sol estava perto de se pôr, várias etapas aconteciam, e todas elas impactavam no anoitecer, e todos os dias, de uma maneira diferente, num local diferente.

Tudo começava com um forte brilho, às vezes tão forte que era impossível manter o olhar fixo em direção ao sol; logo após todo o horizonte começava a ter o reflexo desse brilho e tudo isso era possível ser enxergado por mim. Vi também que a torre ganhava uma nova aparência, até o rio Doce mudava de cor. Percebi que as aves pareciam diferentes, voavam de forma suave. Logo após começava pouco a pouco o processo final, o sol ia embora, mas não sem antes aumentar ainda mais o brilho, e fazer com que tivéssemos um momento único e especial. Depois disso ainda tinha uma outra etapa, o anoitecer, e o céu novamente mudava de cor, ainda sentindo o reflexo dos raios do sol, cada dia com um tom diferente.

Consigo me lembrar de quantas vezes, escondido dos meus pais, escondido de tudo, desabava em lágrimas, tentando entender tudo o que estava acontecendo, querendo buscar uma resposta, uma data para o término de todo esse sofrimento; entretanto, a cada dia tirava uma lição diferente, a cada dia tinha uma nova perspectiva sobre a vida e, principalmente, sobre o momento pelo qual estávamos passando.

Comecei a ver que, assim como o pôr do sol tinha as suas etapas, o sofrimento, a angústia e o medo que uma crise traz também tinham. E que a esperança poderia ser renovada a cada vez que o sol se escondesse, e que, no dia seguinte, ele estaria lá novamente, pronto para brilhar e aquecer os nossos dias que, diga-se de passagem, o colatinense sabe muito bem sobre esse assunto. Aprendi com cada momento naquele terraço que Deus deixou a sua natureza para nos acalmar, para curar a nossa alma. Entendi que, independentemente da minha ansiedade e do medo que sentia, deveria colocar nas mãos do Criador e confiar. Se Deus é o responsável por todos os dias nos proporcionar eventos tão grandiosos como o nascer e o pôr do sol, imagine o que Ele poderia fazer na minha vida e na vida da minha família!

Hoje, ainda estamos passando pela pandemia, dúvidas ainda existem, faltam respostas para muitas perguntas, outras crises vieram, mas toda vez que sinto que vou desmoronar, já sei onde recarregar minha bateria: subo os degraus e me ponho a ver e a registrar a transição do dia para a noite, esperando pela minha transição também.

AQUI TEM HISTÓRIA

ZEGAMA DE CASTRO DALLA

Nascido em Vitória-ES, em 30 de outubro de 1968, filho de Lucimar de Castro Dalla e Sérgio Serafini Dalla e reside em Colatina.

Dono do Cine Gama.

Tudo começou quando José Gama de Castro mudou-se de Recife, em 1938, para a Cidade de João Neiva, no Espírito Santo, casado e já pai de um filho. Trouxe toda a família e seguiu trabalhando como gerente e vendedor de uma loja de automóvel. Como era amante da leitura, lia muitas histórias sobre cinema e ali começou sua paixão. Sempre disse à sua esposa que ele ainda iria conseguir montar uma sala de cinema.

Não demorando muito tempo, por volta de 1939, devido a uma grande queda do café no Brasil, vários armazéns se fecharam. Descobriu, assim, que, em Recife, numa cidade do interior, chamada Caxangá, tinha desocupado um armazém na Rodoviária. Achando o lugar apropriado, voltou para sua terra natal e montou sua primeira sala, o Cine Caxangá, cinema mudo que tinha uma pianista que tocava ao fundo.

Não ficando por muito tempo em Caxangá, recebeu o convite para voltar a João Neiva e ser caixeiro-viajante; viajava pelas cidades ao redor vendendo mercadorias.

Como amante da sétima arte, montou o primeiro cinema em João Neiva, o Cine Castro. Mudou-se depois para Baixo Guandu, morando lá por 7 anos. Assim, conseguiu montar o Cine Brasil.

Como sempre foi visionário, percebeu que precisava ir para uma cidade maior. Foi convidado por seu irmão, que já estava em Colatina, para morar lá.

Ao chegar à cidade, conheceu a família Piccin, que tinha o Cine Alhambra, e o colocaram em negociação. Montou em São Silvano o Cine Floresta e, com o passar dos anos, em 1955 comprou um enorme terreno na Getúlio Vargas e construiu o Cine Idelmar: a sala tinha

mil lugares e a maior tela do ES, 17x8. O cinema teve o nome em homenagem a seus dois filhos, Idelzito e Lucimar, Cine Idelmar.

José Gama de Castro faleceu aos 60 anos em um acidente de carro.

Com o passar do tempo, as produções cinematográficas estavam em decadência e os filhos resolveram alugar os pontos. O senhor Gama não chegou a ver a queda das bilheterias dos cinemas.

Com o passar dos anos, o filho Idelzito e o genro Sérgio (Zitto Dalla) resolveram voltar com o Cine Alhambra, mudando o nome para Cine Gama, em homenagem àquele homem de cultura e amor imensos à arte. Continuaram dando seguimento; porém, devido às locadoras, os cinemas tiveram novamente outra queda, ficando fechados novamente por mais 10 anos, dando lugar às igrejas.

Em Colatina, depois de uma década fechado, a igreja deu lugar novamente ao cinema.

Em 2001, os netos Marjorie e Zegama, filhos de Lucimar, resolveram dar continuidade àquele projeto mágico do avô paterno.

13 de dezembro de 2001: Aqui recomeça uma história de amor pela cultura. Incentivados pelos pais, Zitto e Lucimar, junto com a irmã Geneviève (que mora na capital), não queriam que morresse aquele sonho de luz. Todos apoiaram intensamente a reabertura.

A reinauguração foi no dia 13 de dezembro de 2001, numa solenidade que aconteceu para autoridades e convidados. A primeira exibição foi o filme “Legalmente Loira”.

Zegama e Marjorie estão à frente desse empreendimento, com duas salas.

O cinema teve mudanças, evoluindo de películas de 35mm para máquina digital e digital 3D, som double, ar-condicionado e renovador de ar. E continua sempre buscando acompanhar todos os lançamentos, para que o público assista, junto com todo o Brasil, à magia encantadora do Cinema.